

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**IVANEI FERREIRA ARAUJO**

**O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO  
DISCURSIVIZADO NO *TWITTER*:  
NAS TRAMAS DIGITAIS, A DISPUTA DE SENTIDOS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2021**

**IVANEI FERREIRA ARAUJO**

**O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO  
DISCURSIVIZADO NO *TWITTER*:  
NAS TRAMAS DIGITAIS, A DISPUTA DE SENTIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Sentido e Discurso

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes.

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2021**

A687r Araujo, Ivanei Ferreira.  
O rompimento da barragem de Brumadinho discursivizado no *Twitter*: nas tramas digitais, a disputa de sentidos. / Ivanei Ferreira Araujo; orientadora Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. – Vitória da Conquista, 2021.  
107f.

Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.

Inclui referência F. 101 – 107.

1. Rede social *Twitter* – Rompimento da Barragem em Brumadinho. 2. Discurso midiático digital. 3. Rede social – Tramas do discurso. I. Cortes, Gerenice Ribeiro de Oliveira (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDD: 303.4833

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**Título em inglês:** Brumadinho dam collapse discursivized on *Twitter*: in the digital plots, the dispute of meanings.

**Palavras-chave em inglês:** Brumadinho dam collapse. Social network *Twitter*. Digital media discourse.

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (Presidente-Orientadora); Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB); Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE).

**Data da defesa:** 30 de março de 2021.

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0210-6346>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9036882994728195>

IVANEI FERREIRA ARAUJO

**O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO  
DISCURSIVIZADO NO *TWITTER*: NAS TRAMAS DIGITAIS, A DISPUTA DE  
SENTIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 30 de março de 2021.

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Gerenice Ribeiro de Oliveira  
Cortes (Presidente-Orientadora)  
Instituição: UESB

Ass.: Gerenice Ribeiro de O. Cortes

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca  
Silva  
Instituição: UESB

Ass.: Maria da Conceição Fonseca Silva

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira  
Galli  
Instituição: UFPE

Ass.: Fernanda Correa Silveira Galli



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por oferecer este curso de excelência e contribuir com a formação de tantos linguistas. Agradeço a todos os funcionários desta instituição, em especial Luciana e Vanêide, sempre tão prestativas e atenciosas.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.<sup>1</sup>

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gerenice Cortes, minha orientadora, que me instruiu nos caminhos da Análise de Discurso e me ajudou a construir este trabalho, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edvania Gomes da Silva, pelos comentários valiosos e cheios de cuidado na qualificação, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Fonseca-Silva, por tanto ter contribuído durante a qualificação e por concordar em fazer parte da banca de defesa e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Correa Silveira Galli, pela escrita inspiradora e por aceitar o convite para fazer parte da banca de defesa.

Agradeço às colegas de orientação, Aline e Paula, por toda a parceria e companheirismo durante as aulas. Agradeço a todos os colegas de mestrado e doutorado, principalmente Milca e Graciete, amigades para a vida. Este curso teria valido a pena só pelos momentos que compartilhamos, primeiro presencialmente e depois *online*, nestes últimos dois anos. Agradeço Beatriz, que além de ter caminhado comigo neste mestrado, é uma das pessoas mais importantes da minha vida, amiga de todas as horas, uma pessoa maravilhosa que me orgulho de ter ao meu lado.

Agradeço a todos os meus amigos espalhados por aí, em Torres, Porto Alegre, São Paulo, Conquista... alguns perto, alguns longe, mas todos em meu coração. Em especial, quero agradecer aos que tive a sorte de ter contato, qualquer que seja o tipo, durante a realização do mestrado, Brenda Luara, Paulo, Maju, Dante, Julhana, Cristiano. Agradeço à Márcia Metz, que, mesmo que de longe, me acolheu em um dos momentos mais difíceis deste processo e, depois, me ajudou a finalizar esta caminhada, me sinto privilegiado por ser teu amigo. Agradeço à Vanda, aprendi tanto contigo, admiro sua bondade e sua revolta, obrigado por todos os sonhos que sonhamos juntos. Agradeço a Fernanda Meira e Gabi Balaio, duas mulheres inspiradoras,

---

<sup>1</sup> Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

refúgio de calor humano em um contexto de distanciamento, amo todos os momentos de troca que já tivemos.

Agradeço ao grupo de maracatu de Conquista, que, antes da pandemia, manteve um pouco de arte em meu coração, especialmente, Ariel da Mata, a Sereia do Sertão, uma das pessoas mais iluminadas que conheci e que nos deixou tão cedo.

Agradeço a minha psicóloga Franciele Neves, pessoa amorosa e empática que me acolheu em um momento difícil, obrigado por me ajudar a continuar, por toda a motivação e cuidado, eu não estaria concluindo este curso se não fosse você.

Agradeço a minha namorada Petra, mesmo durante todas as tempestades que aconteceram no último ano, quando a gente se abraçava tudo fazia sentido, o nosso amor é tempo bom. Obrigado por acreditar tanto em mim. Agradeço também minhas cunhadas Sandra e Blenda, minha sobrinha emprestada Pétala e minha sogra Rita, sou feliz fazendo parte desta família.

Agradeço aos meus amados pais, Elenice e Ivan, meu porto seguro, meu ninho, tudo que eu sou na vida foi vocês que me proporcionaram e tudo que eu fizer para retribuir é pouco, sou a pessoa mais sortuda do mundo por ser filho de vocês. Agradeço a minha irmã preferida, Zan, pedaço de mim que amo muito, mesmo tão distante, ao meu sobrinho Thomas, criança mais fofa do universo, ao meu cunhado Stijn e toda sua família.

Agradeço todos meus familiares, primos, tios, avós. Sobretudo, quero agradecer ao meu avô Manoel, conhecido também como Seu Vêi ou Araújo, que faleceu no último ano. Vô, a primeira memória que tenho da vida é com você, sua doçura e gentileza me inspiraram a ser quem eu sou, suas histórias e causos enchiam a casa de felicidade, onde você estiver, saiba que este trabalho é dedicado a você.

## RESUMO

A barragem da região de Córrego do Feijão, no município de Brumadinho - MG, controlada pela mineradora Vale S.A. se rompeu no dia 25 de janeiro de 2019 e provocou grandes danos ambientais e sociais. Este fato teve grande repercussão nas mídias digitais, pelos impactos causados, o que nos motivou a empreender esta pesquisa, cujo objetivo geral consiste em analisar o funcionamento dos discursos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho nas materialidades da rede social *Twitter*. O estudo tem por base os pressupostos da Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux (1969, 1975, 1983) e seus seguidores. Especificamente, mobilizamos as noções teóricas centrais de condições de produção, posição-sujeito, interdiscurso e memória discursiva, metáfora discursiva, paráfrase, polissemia e silenciamento, os quais constituem nossas categorias analíticas. O *corpus* foi composto por trinta e duas sequências discursivas (SDs), constituídas a partir de postagens (*tweets, retweets*) e comentários, realizadas no *Twitter*, bem como de vídeos e imagens incorporadas nas postagens sobre o fato. Os resultados mostram que há uma disputa de/por sentidos entre acidente/tragédia e crime, sendo observada uma intensa movimentação de sentidos e de sujeitos, com a instauração de efeitos metafóricos no jogo discursivo. Além disso, as análises mostram que os pré-construídos sobre o rompimento da barragem de Mariana são reinscritos no discurso sobre o episódio de Brumadinho, e instauram efeitos de memória que tanto atualizam sentidos já ditos, como também produzem deslocamentos; ademais, nesse jogo de forças instaura-se o embate entre as políticas de esquecimento e as políticas de resgate da memória (INDURSKY, 2015). Nessa trama, o discurso das mídias jornalísticas busca impor uma direção de sentidos, pelo efeito de opacidade da língua em sua materialidade digital. Ademais, a rede social *Twitter* tem especificidades que afetam a produção de sentidos; seu formato de *microblogging* põe em funcionamento efeitos de imediatismo, que faz circular, celeremente, uma complexa rede de significantes, de sujeitos e de sentidos. Assim, o *Twitter* favorece os embates ideológicos e, nessa trama, se constituiu como um espaço de disputas de narrativas, de discursividades sobre o rompimento da barragem de Brumadinho.

## PALAVRAS-CHAVE

Rompimento da barragem em Brumadinho. Rede social *Twitter*. Discurso midiático Digital.

## ABSTRACT

The dam in the Córrego do Feijão region, in the city of Brumadinho - MG, controlled by mining company Vale S.A., collapsed on January 25, 2019, which caused massive environmental and social damages. Due to the impacts caused, this fact had widespread repercussion in the digital media, which motivated us to conduct this research, whose general objective is to analyze the functioning of the discourses about the Brumadinho dam collapse in materialities made on social network *Twitter*. The study is based on the theoretical framework of Discourse Analysis developed by Pêcheux (1969, 1975, 1983) and his followers. Specifically, the main theoretical notions we mobilize are conditions of production, subject-position, interdiscourse and discursive memory, discursive metaphor, paraphrase, polysemy and silencing, those constitute our analytical categories. The corpus was composed of thirty-two discursive sequences (DS), constituted from posts (tweets, retweets) and comments, made on *Twitter*, as well as videos and images embedded in the posts about the fact. The results show that there is a dispute of/for meanings between accident/tragedy and crime, in which we observed an intense movement of meaning and subject, with the establishment of metaphorical effects in the discursive play. In addition, the analysis show that the implicit about the Mariana dam collapse are reinserted in the discourse about what happened in Brumadinho, and establish memory effects that both update previously said meanings, as well as produce movements in those meanings. Moreover, in this game of forces, there is a clash between the forgetfulness policies and the memory rescue policies (INDURSKY, 2015). In this plot, the discourse of journalistic media seeks to impose a direction of meanings, due to the opacity effect of the digital language. Furthermore, the social network *Twitter* has specificities that affect the production of meanings; its microblogging format brings into work the effects of immediacy, which swiftly puts in circulation a complex network of signifiers, subjects and meanings. Thus, *Twitter* facilitates ideological clashes and, in this plot, it constituted itself as a space for disputes of narratives and discourses about the Brumadinho dam collapse.

## KEYWORDS:

Brumadinho dam collapse. Social network *Twitter*. Digital media discourse.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - SD 1 – Pronunciamento do presidente da Vale S.A. ....	41
<b>Figura 2</b> - SD 2 – Primeiro comentário digital .....	42
<b>Figura 3</b> - SD 3 – Segundo comentário digital .....	43
<b>Figura 4</b> - SD 4 – <i>Tweet</i> do Ministro do Meio Ambiente.....	45
<b>Figura 5</b> - SD 5 – Primeiro comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente .....	47
<b>Figura 6</b> - SD 6 – Segundo comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente .....	48
<b>Figura 7</b> - SD 7 – Terceiro comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente .....	49
<b>Figura 8</b> - SD 8 – <i>Tweet</i> da Rádio CBN com declarações do ministro Ricardo Salles <i>retweetado</i> pelo ambientalista Carlos Rittl .....	50
<b>Figura 9</b> - SD 9 – <i>Tweet</i> da Mídia NINJA reproduzindo trecho de nota da AGB e ANPEGE .....	52
<b>Figura 10</b> - SD 10 – <i>Tweet</i> do portal G1 .....	53
<b>Figura 11</b> - SD 11 - <i>Tweet</i> da Vale S.A.....	55
<b>Figura 12</b> - SD 12 - <i>Retweet</i> do Padre Fábio de Melo da publicação da Veja .....	57
<b>Figura 13</b> - SD 13 - <i>Tweet</i> de um brumadinhense .....	59
<b>Figura 14</b> - SD 14 - <i>Tweet</i> da Rádio Itatiaia.....	60
<b>Figura 15</b> - SD 15 - <i>Tweet</i> da Vale do Brasil com relatório de 2019 .....	62
<b>Figura 16</b> - SD 16 - <i>Tweet</i> do Observatório da Mineração.....	63
<b>Figura 17</b> - SD 17 – Comentário digital ao anúncio da Vale S.A. ....	71
<b>Figura 18</b> - SD 18 – Comentário digital ao anúncio da Vale S.A. ....	74
<b>Figura 19</b> - SD 19 – <i>Tweet</i> do Jornal Hoje em Dia .....	75
<b>Figura 20</b> - SD 20 – <i>Tweet</i> da Folha de S. Paulo.....	78
<b>Figura 21</b> - SD 21– Comentário digital ao <i>tweet</i> da Folha de S.Paulo.....	79
<b>Figura 22</b> - SD 22– <i>Tweet</i> do biólogo Luiz Bento.....	80
<b>Figura 23</b> - SD 23 - <i>Tweet</i> do portal G1 .....	82
<b>Figura 24</b> - SD 24 – Comentário digital .....	84
<b>Figura 25</b> - SD 25 – Comentário digital .....	85
<b>Figura 26</b> - SD 26 – <i>Tweet</i> da Mídia NINJA.....	86
<b>Figura 27</b> - SD 27 - Comentário digital.....	87
<b>Figura 28</b> - SD 28 – Comentário digital .....	88
<b>Figura 29</b> - SD 29 – <i>Tweet</i> d’O Antagonista .....	89
<b>Figura 30</b> - SD 30 – <i>Tweet</i> de Dilma Rousseff reproduzido no site d’O Antagonista .....	90
<b>Figura 31</b> - SD 31 - Comentário digital.....	92
<b>Figura 32</b> - SD 32 - Comentário digital.....	93

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD	Análise de Discurso
AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
ANGEPE	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia
ARPA	<i>Advanced Research Projects Agency</i>
AVABRUM	Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pela tragédia de Brumadinho
CBN	Central Brasileira de Notícias
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
FD	Formação Discursiva
FGV/DAPP	Fundação Getúlio Vargas - Diretoria de Análise de Políticas Públicas
FI	Formação Ideológica
IBRAM	Instituto Brasileiro de Mineração
PND	Plano Nacional de Desestatização
PPGLin	Programa de Pós-Graduação em Linguística
PT	Partido dos Trabalhadores
RGC	Reunião de Gestão Coletiva
SD	Sequência Discursiva
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
WWW	<i>World Wide Web</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1.1 O rompimento da barragem de Brumadinho: algumas considerações</b> .....	<b>12</b>
<b>1.2 Breve histórico sobre a mineração no Brasil</b> .....	<b>13</b>
<i>1.2.1 A Companhia Vale do Rio Doce</i> .....	<b>16</b>
<b>1.3 Questões da pesquisa, hipótese(s) e objetivos</b> .....	<b>18</b>
<b>1.4 Dispositivos teórico-metodológicos</b> .....	<b>19</b>
<i>1.4.1 Considerações sobre a Análise de Discurso</i> .....	<b>19</b>
<i>1.4.2 Considerações sobre o ciberespaço e as mídias digitais</i> .....	<b>21</b>
<i>1.4.3 Percursos metodológicos: o corpus discursivo e os procedimentos analíticos</i> .....	<b>27</b>
<b>1.5 Estrutura da dissertação</b> .....	<b>30</b>
<b>2 O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO DISCURSIVIZADO NO TWITTER: EMBATES DE SENTIDOS E DE SUJEITOS</b> .....	<b>31</b>
<b>2.1 A Rede Social Twitter nas tramas do discurso: as condições de produção</b> .....	<b>31</b>
<b>2.2 Noções teóricas mobilizadas</b> .....	<b>35</b>
<i>2.2.1 Sujeito, ideologia e formação discursiva</i> .....	<b>35</b>
<i>2.2.2 Metáfora Discursiva: paráfrase, polissemia e silenciamento</i> .....	<b>39</b>
<b>2.3 Nos fios das tramas analíticas - RECORTE I</b> .....	<b>41</b>
<b>2.4 Nos fios das tramas analíticas – RECORTE II</b> .....	<b>55</b>
<b>3 DISCURSIVIDADES DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO SOB O JOGO DE FORÇAS DA MEMÓRIA: ENTRE A (DES)ESTABILIZAÇÃO E OS DESLIZAMENTOS DE SENTIDOS</b> .....	<b>66</b>
<b>3.1 Interdiscurso e Memória discursiva</b> .....	<b>66</b>
<b>3.2 A mineração no Brasil: um histórico de mortes e prejuízos ambientais</b> .....	<b>68</b>
<b>3.3 Nos fios das tramas analíticas – RECORTE III</b> .....	<b>70</b>
<b>3.4 Nos fios das tramas analíticas – RECORTE IV</b> .....	<b>82</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>101</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Minas não tem mar,  
Mas fizeram dois mares de lama nas minas.*  
Maria Ávila

### 1.1 O rompimento da barragem de Brumadinho: algumas considerações

Às 12h28, do dia 25 de janeiro de 2019, a barragem B1 da mina do Córrego do Feijão, na cidade de Brumadinho-MG, se rompeu, dando origem a uma correnteza de lama e rejeitos de mineração que, em pouco tempo, avançou sobre o refeitório onde se encontravam pessoas que trabalhavam na mina, e, depois, seguiu causando mais destruição. Segundo o Relatório Final da CPI da Barragem de Brumadinho (BRASIL, 2019), o rompimento provocou duzentos e setenta e duas mortes, sendo cento e trinta e um funcionários da Vale, cento e dezenove funcionários terceirizados e vinte membros das comunidades próximas à barragem. Além disso, devastou mais de cento e trinta hectares de Mata Atlântica e contaminou a Bacia do Rio Paraopeba, que abastecia boa parte da região metropolitana de Belo Horizonte (BH), e o Rio São Francisco, do qual o Paraopeba é uma afluente, causando danos irreversíveis à fauna e flora.

A barragem de Brumadinho era controlada pela mineradora Vale S.A.<sup>2</sup>, que, em 2015, também foi uma das responsáveis por outro desastre ambiental: o rompimento da barragem de Fundão, no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), que provocou dezenove mortes e afetou todo um ecossistema. Esta barragem era controlada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento de propriedade conjunta das empresas Vale S.A e BHP Billiton.

O rompimento da barragem de Brumadinho teve grande repercussão no Brasil e no Mundo, ganhou forte ressonância nas mídias jornalísticas e nas redes sociais. No *Twitter*, somente nos primeiros dias após o rompimento, foram feitos quase quatro milhões de publicações sobre o assunto<sup>3</sup>. Autoridades, ambientalistas, representantes da Vale S.A e a população em geral utilizaram a plataforma para se manifestar.

Conforme Mayorga e Profeta (2020), o papel da ciência diante do que aconteceu em Brumadinho é produzir conhecimento e contribuir para elaboração de ações e tomadas de

---

<sup>2</sup> A história da Vale S.A. será discutida na seção 1.2.1.

<sup>3</sup> FGV/DAPP, 2019. Com 3,95 milhões de tuites em três dias, discussão sobre desastre em Brumadinho cobra responsabilização da Vale. **Fundação Getúlio Vargas - Diretoria de Análise de Políticas Públicas (FGV/DAPP)**. 2019. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/com-395-milhoes-de-tuites-em-tres-dias-discussao-sobre-desastre-em-brumadinho-cobra-responsabilizacao-da-vale/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

decisões nas mais diversas áreas. Assim, as inquietações acerca da gravidade e da relevância do tema, dos impactos sociais causados e das relações de poder que envolvem o fato motivaram esta pesquisa, cujo *corpus* discursivo foi constituído a partir de publicações realizadas na rede social *Twitter*. O estudo se filia ao projeto temático intitulado “*Discursividades da rede midiática digital e relações de territorialidade virtual*”<sup>4</sup>, desenvolvido pela Professora Doutora Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes, junto ao PPGLIN/UESB.

Para uma compreensão mais ampla das questões e objetivos da pesquisa, que apresentaremos a seguir, faz-se necessário uma breve discussão sobre o trajeto da mineração do Brasil e a história da Vale S.A (anteriormente Companhia Vale do Rio Doce).

## **1.2 Breve histórico sobre a mineração no Brasil**

A história da mineração no Brasil tem início ainda no período em que o país era colônia. Segundo Fernandes e Araújo (2016), Portugal tinha muitas expectativas de encontrar e explorar metais preciosos nas terras brasileiras desde o descobrimento. Mas, nos primeiros duzentos anos do Brasil, as principais atividades econômicas foram a agricultura e o extrativismo. Somente no início do século XVIII, com o ciclo do ouro e a exploração de pedras preciosas, a mineração veio a adquirir um papel de grande importância.

Segundo Furtado (2005), o processo de valorização da mineração se deu porque os gastos da manutenção do Brasil Colônia estavam crescendo e a agricultura não prosperava, em virtude da concorrência no mercado de produtos tropicais com as colônias francesas e inglesas, de forma que “em Portugal compreendeu-se claramente que a única saída estava na descoberta de metais preciosos” (FURTADO, 2005, p. 79). Então, segundo o autor, os governantes portugueses investiram muitos recursos, principalmente em mão de obra escrava, o que resultou no descobrimento de ouro em várias regiões do país. A busca pelo ouro provocou uma corrente migratória e vários europeus vieram de Portugal atraídos pela possibilidade de enriquecer com a mineração. Conforme Furtado (2005), a população de europeus no Brasil aumentou em dez vezes durante o século XVIII, sendo que muitos desses imigrantes eram pessoas sem posses, dispostos a trabalhar diretamente na extração de minerais. No entanto, a base da economia mineira foi o trabalho escravo.

---

<sup>4</sup> Este é um dos projetos temáticos da Linha de Pesquisa **Texto, Significado e Discurso**, do Programa de Pós-Graduação em Linguística – **PPGLIN** – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Ainda de acordo com Furtado (2005), a mineração fomentou a integração da economia do país, pois a necessidade de se mudar rapidamente e de se estabelecer em novas regiões onde o ouro era descoberto provocou uma alta na demanda de animais de transporte e de corte. Para suprir esta carência, segundo o autor, diferentes regiões abasteciam os locais de mineração: o Rio Grande do Sul fornecia um grande número de mulas, que eram vendidas em São Paulo, o gado de corte do Nordeste, antes dependente da agropecuária açucareira, agora, era enviado para toda a base geográfica da economia mineira, que envolvia vários estados como Minas, Mato Grosso e Goiás. Além disso, Furtado (2005) afirma que várias estradas foram abertas e cidades foram construídas para dar conta das demandas da mineração.

Todo este investimento e mobilização trouxeram resultados. Segundo Figuerôa (1994), somente nos primeiros setenta anos do século XVIII, o Brasil teve uma produção aurífera equivalente a 50% de toda a produção mundial de um período de trezentos e cinquenta e sete anos, entre os séculos XV e XVIII. Mas, conforme esclarece Furtado (2005), a falta de conhecimento técnico de portugueses e brasileiros para a manufatura do ouro impediu que a economia mineira se desenvolvesse internamente no Brasil, sendo a maior parte do ouro nacional enviado para a Inglaterra.

Já a baixa capacidade técnica para a extração do ouro foi a responsável pelo declínio na produção aurífera. No final do século XVIII, os procedimentos rudimentares utilizados no Brasil não eram mais suficientes para manter a produtividade da mineração no país. Conforme explica Figuerôa (1994, p. 41), “expansão colonial tinha limites naturais: o esgotamento dos recursos dilapidados pelo modo de produção”. De acordo com Furtado (2005), este declínio na produção do ouro provocou uma rápida e geral decadência, pois esta era a única atividade econômica nas regiões mineiras. Assim, conforme o autor, os moradores dessas regiões abandonaram a mineração e tiveram que se dedicar à agricultura de subsistência. Ao final do século XVII, a economia mineira tinha involuído quase que por completo.

No entanto, com a vinda da corte real portuguesa para o Brasil em 1808, este cenário foi alterado. Figuerôa (1994) explica que a necessidade de transformar a antiga colônia na nova sede do império português provocou mudanças em todas as áreas da vida brasileira, visto que Portugal tentava se recuperar do atraso em desenvolvimento econômico e industrial em relação a outros países da Europa e, para isso, tomou várias medidas, sendo que algumas afetaram diretamente a mineração. Segundo o autor, ainda em 1808, foi criada a Real Fábrica de Ferro Gaspar de Soares no Brasil e, em 1810, foram trazidos técnicos alemães para o país com o objetivo de modernizar a mineração brasileira.

Um desses técnicos foi Guilherme Von Eschwege, que viria a ser titulado como Barão de Eschwege. Ele foi responsável pela criação da Fábrica Patriótica do Prata (FIGUERÔA, 1994) e, conforme Souza (2009), foi quem propôs a D. João VI o estabelecimento de companhias mineradoras por ações, o que abriu as minas brasileiras à iniciativa privada. Segundo Fernandes e Araújo (2016), esta abertura atraiu ingleses, belgas e franceses para a extração de ferro e ouro no Brasil.

Eschwege fundou, em 1817, a Sociedade de Mineração de Minas, que possuía dezenas de acionistas, incluindo o próprio Rei (FIGUERÔA, 1994). De acordo com Germany (2002), o alemão foi também responsável pela fundação da Mina da Passagem, em Mariana-MG, em 1819. O autor destaca que essa mina teve a primeira lavra mais sofisticada tecnicamente no país e que, depois, várias outras minas de alto nível tecnológico foram implantadas, sendo a principal a Mina Velha de Morro Velho-MG, em 1834, da companhia inglesa *Saint John Del Rey Mining*. Segundo Germany (2002, p. 6-7), a Mina da Passagem e a Mina Velha “eram consideradas na época como exemplos no emprego de tecnologia e serviam de referências mundiais”.

De acordo com Figuerôa (2014), as novas tecnologias eram trazidas pelos técnicos estrangeiros, que chegavam ao Brasil por iniciativa do governo e das empresas que atuavam no país, as quais, em sua maioria, eram estrangeiras, principalmente inglesas. O autor afirma que o governo continuou apostando em trazer pessoas de outros países por muitos anos e só, tardiamente, em 1876, com a Escola de Minas de Ouro Preto, conseguiu concretizar a criação de um local de formação de engenheiros de minas no país. Mas, os engenheiros brasileiros tiveram dificuldades de pôr os conhecimentos em prática, pois as empresas estrangeiras continuaram trazendo seus técnicos de fora.

Como explica Fernandes e Araújo (2016), no final do século XIX e início do século XX, com o Brasil se tornando uma república, o país teve um grande crescimento econômico e um aumento nas importações de produtos siderúrgicos. Desse modo, segundo o autor, por conta da demanda crescente pelo ferro, o governo brasileiro empreendeu uma busca para identificar novos locais de extração de minérios. Os esforços foram bem-sucedidos e foram encontradas grandes reservas de ferro e manganês no Quadrilátero Ferrífero, uma região no centro-sul de Minas Gerais. Por conta destas descobertas, conforme Fernandes e Araújo (2016), mais de quinze companhias se instalaram na região no início dos anos 1900, o que levou à construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, no início dos anos 1903, facilitando o transporte dos minérios. Assim, segundo o autor, a indústria siderúrgica continuou avançando e, em 1917, foi criada a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que agregou valor ao minério de ferro nacional, utilizando-o para produzir aço.

Ainda segundo Fernandes e Araújo (2016), a partir de 1930, na Era Vargas, o Brasil passou por grandes mudanças, a política governamental passou a ter diretrizes nacionalistas, com forte intervenção do Estado nos setores econômicos, o que resultou na criação de diversas estatais. Os autores afirmam que, com o advento da Segunda Guerra Mundial, foram firmados os Acordos de Washington, em que o Brasil assumiu o compromisso de fornecer minérios aos Estados Unidos e Inglaterra, removendo os bloqueios para a criação de uma grande siderúrgica nacional. Como resultado, segundo os autores, foram criadas duas grandes estatais na área da mineração: em 1941, a Companhia Siderúrgica Nacional e, em 1942, a Companhia Vale do Rio Doce. Esta segunda viria a se tornar a maior empresa de mineração do país.

### ***1.2.1 A Companhia Vale do Rio Doce***

De acordo com Trocate e Coelho (2020), a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), com sede em Itabira, foi criada com o objetivo de ser uma estatal especializada na exportação de minério de ferro. Para isso, o governo Vargas incorporou ao patrimônio da mineradora várias jazidas de ferro, que eram anteriormente de propriedade da *Itabira Iron Ore Company*, e a Estrada de Ferro Vitória-Minas. Os autores afirmam que, para o financiamento inicial da CVRD, o governo estadunidense concedeu US\$14 milhões para a empresa adquirir máquinas e equipamentos, em troca do compromisso de que toda sua produção de ferro fosse vendida à Inglaterra e aos Estados Unidos por um valor menor do que o praticado no mercado mundial, o ferro exportado abasteceria a indústria bélica destes países durante a Segunda Guerra mundial.

No entanto, ainda segundo Trocate e Coelho (2020), a Segunda Guerra terminou antes que a CVRD finalizasse a infraestrutura tecnológica para a extração mineral, de modo que a empresa teve uma baixa produção de ferro nos anos 1940. Já na década seguinte, a CVRD consegue mecanizar o processo de mineração com o uso de várias inovações tecnológicas. Fernandes e Araújo (2016) ressaltam que o caráter desenvolvimentista do governo JK e, posteriormente, da ditadura militar, internacionalizaram ainda mais o setor mineral brasileiro, sendo o capital estrangeiro responsável por boa parte da extração mineral no país, de forma que, nos anos 1970, a Vale se consolida mundialmente como grande produtora e exportadora de ferro.

De acordo com Germany (2002), é também na década de 70 que é criado o Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), que foi responsável por um aumento no conhecimento técnico das mineradoras brasileiras, promovendo seminários e congressos para troca de informações. O autor relata que a CVRD também contribuiu com esse processo, patrocinando

cursos com técnicos estrangeiros e convidando engenheiros brasileiros de outras minas para participar de estudos.

A década de 1980 foi uma época de grandes empreendimentos de mineração na região do Amazonas, entre estas obras está o Projeto Grande Carajás, de responsabilidade da CVRD, no Pará (FERNANDES; ARAÚJO, 2016). De acordo com Coelho (2014), o governo civil militar definiu Carajás como a prioridade de investimentos da Vale, sendo que, para financiar a empreitada, a CVRD tomou empréstimo no banco mundial e em vários bancos estrangeiros, aumentando gradualmente sua dívida até chegar a 3 bilhões de dólares no ano de 1987. Porém, a partir daí, segundo o autor, os investimentos em Carajás começaram a dar frutos e a empresa registrou lucro nos anos seguintes.

Ainda segundo Coelho (2014), em 1989, ocorreu uma greve de funcionários insatisfeitos com o longo tempo sem ajuste salarial. Nesse contexto, conforme o autor, a CVRD argumentou que ainda estava se recuperando do endividamento, e que, apesar do lucro recente, não poderia fornecer um ajuste. A greve durou apenas cinco dias, mas afetou as relações de trabalho na empresa, que a partir dos anos 1990, através do Plano Collor, começou a extinguir os postos de trabalhos regulares e terceirizar a maior parte dos funcionários.

A Vale do Rio Doce passou por um período lucrativo no início nos anos seguintes, de acordo com Coelho (2014), a empresa lucrou US\$ 304 milhões em 1994, US\$ 721 milhões em 1995 e US\$ 558 milhões em 1996. Ainda assim, a empresa foi incluída no Plano Nacional de Desestatização (PND) do governo Fernando Henrique Cardoso, que justificava que a venda de estatais era necessária para diminuir a dívida pública.

A Vale foi privatizada em 6 de maio de 1997. Segundo Almeida (2010), essa foi a única privatização do PND em que ocorreu uma pulverização dos compradores, com o fundo vencedor do leilão sendo constituído de entidades de previdência, investidores estrangeiros, pessoas físicas e, em sua maioria, empresas nacionais. Coelho (2014) indica que o objetivo do governo de diminuir a dívida pública através de privatizações não foi alcançado, já que a dívida cresceu nos anos seguintes. Para o autor, “o maior beneficiado com a privatização da empresa foi certamente o mercado financeiro. Os grandes acionistas da Vale passaram a auferir lucros crescentes desde 1997 até 2011” (COELHO, 2014, p.19).

Trocate e Coelho (2020) ressaltam que várias transformações ocorreram na CVRD desde sua privatização. Dentre essas transformações, os autores destacam que, na parte trabalhista, os funcionários tiveram redução de salários, a oferta de emprego foi reduzida com o aumento da automatização do processo produtivo. Já na parte administrativa, segundo os autores, a empresa foi, aos poucos, deixando de ser uma empresa brasileira, e se tornou uma

multinacional com sede no Brasil, tendo seus negócios expandidos para várias partes do mundo. O nome também foi alterado, deixando de ser Companhia Vale do Rio Doce e passando a se chamar Vale S.A. em 2007.

Feita essa breve contextualização acerca do histórico da mineradora Vale S/A, apresentaremos, a seguir, as questões e os objetivos da pesquisa.

### 1.3 Questões da pesquisa, hipótese(s) e objetivos

Considerando a relevância da temática em pauta, tendo em vista os impactos sociais, econômicos e ambientais do rompimento da barragem de Brumadinho, conforme já salientado, e ainda as tensões discursivas que funcionam nas mídias digitais, a questão central que orienta esta pesquisa é a seguinte: **como funcionam os discursos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho nas materialidades da rede social *Twitter*?** Além desta questão central, temos ainda as questões auxiliares: considerando as condições de produção e circulação desses discursos, que efeitos de sentidos são instaurados no processo discursivo? Que formações discursivas e quais redes de memórias atravessam e determinam essa trama, e como funcionam as posições-sujeito?

As nossas hipóteses são as seguintes: *i*) essa trama discursiva funciona sob tensões e disputas de/por sentidos entre acidente/desastre/tragédia e crime; *ii*) as condições de produção e de circulação do discurso digital<sup>5</sup> afetam e determinam as discursividades, por ser um espaço profícuo para as circulações-confronto; *iii*) sob o jogo de forças da memória, se instauram no processo discursivo, tanto os efeitos de estabilização parafrástica como a polissemia e deslocamentos de sentidos; *iv*) a teia discursiva sobre o rompimento da barragem de Brumadinho sofre atravessamentos e determinações de diversas formações discursivas e das redes de memórias; nesse emaranhado de fios discursivos intensificará o tensionamento e a movimentação dos efeitos de sentido e das posições-sujeito no processo discursivo.

O **objetivo geral** deste estudo consiste em analisar o funcionamento dos discursos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho nas materialidades da rede social *Twitter*, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de filiação pecheuxtiana.

Já os **objetivos específicos** são os seguintes: *i*) analisar as relações de forças e de sentidos que constituem as condições de produção dos discursos, considerando também as

---

<sup>5</sup> O discurso digital será tratado neste trabalho conforme o conceito de Dias (2018, p.23), que traça “um percurso de compreensão da natureza da relação do discurso como objeto teórico da Análise de Discurso e o digital como campo de questões a partir da qual se produzem objetos de Análise de Discurso”.

especificidades do discurso digital e da rede social *Twitter*, onde circulam esses discursos; *ii*) analisar, considerando o jogo de forças da memória, os efeitos de estabilização parafrástica e de polissemia que se instauram no processo discursivo; *iii*), analisar as formações discursivas que atravessam e constituem a trama discursiva acerca do rompimento da Barragem de Brumadinho, buscando compreender as determinações, e a movimentação dos sujeitos e dos sentidos (ditos e não ditos) instaurados no processo discursivo.

Estabelecidos os objetivos deste trabalho, vejamos, agora, os dispositivos teórico-metodológicos utilizados na realização desta dissertação.

#### **1.4 Dispositivos teórico-metodológicos**

A seguir serão contextualizados os dispositivos teórico-metodológicos da pesquisa que serviram como ferramenta para este estudo.

##### ***1.4.1 Considerações sobre a Análise de Discurso***

A Análise de Discurso<sup>6</sup> (AD) surge nos anos 1960, na França, fundada por Michel Pêcheux. Conforme Henry (1997), os fundamentos teóricos em que Pêcheux se apoiou para desenvolver a Análise do Discurso foram o materialismo histórico, a partir da releitura de Marx feita por Althusser, a psicanálise freudiana reformulada por Jacques Lacan e o estruturalismo francês que, a partir dos estudos de Saussure, fez da Linguística uma ciência-piloto.

Orlandi (2006, p.13) explica que a AD se constitui no interior das consequências teóricas destas três áreas, destacando que “com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente [...]. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade [...], com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade”. Assim, a Análise de Discurso se desenvolve buscando repensar as relações do sujeito, articuladamente à linguagem, à exterioridade e à ideologia. É importante ressaltar que, conforme Orlandi (2011, p. 29), essa exterioridade a que se refere a AD se distingue da pragmática, pois, para a AD, “a exterioridade está no interior”, não estando separada da linguagem, mas sim, sendo necessária para que essa signifique.

---

<sup>6</sup> Em nossas análises, discutiremos as noções teóricas específicas da AD mobilizadas como categorias analíticas para este estudo.

Ainda de acordo com Orlandi (2006), a AD é estabelecida como uma disciplina de entremeio, se relacionando-se com a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, mas não se confundindo com estas áreas, tendo o seu próprio objeto e método.

A AD considera a não-transparência da linguagem, pois os sentidos das palavras não estão presos à sua literalidade, enquanto o sujeito não é visto como dono do seu dizer, mas como uma posição entre outras, no discurso (PÊCHEUX, 1997). O objeto da AD não é a língua, mas o discurso. Segundo Pêcheux (1997), o discurso não é uma transmissão de informação, mas efeitos de sentido entre interlocutores. Segundo o autor, o discurso, que se situa em um nível intermediário entre a língua e a fala, supõe um sistema significante e a relação desse sistema com sua exterioridade, isto é, a inscrição da história na língua faz com que esta signifique. Desta forma, para Pêcheux (1997), significar está na ordem do discurso, a qual é diferente da ordem da língua, que, por sua vez, se constitui como base material comum para os processos discursivos.

Orlandi (2012, p. 15) define o discurso como “a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Sobre o termo discurso, Pêcheux e Fuchs (1997) apontam para dois equívocos que devem ser evitados:

O primeiro consiste em confundir discurso e fala (no sentido saussuriano) [...]. O segundo equívoco se opõe ao primeiro porque "distorce no outro sentido" a significação do termo discurso, enxergando aí um suplemento social do enunciado. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 178).

De acordo com os autores, o discurso não trata da transmissão de informação, pois existe todo um processo complexo de funcionamento da língua, constituindo sujeitos, produzindo sentidos, em uma relação constante com a exterioridade. Orlandi (2012, p. 21-22) aponta que “o discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes”. Conforme explica Pêcheux (1997, p. 77), o discurso funciona em um processo, um discurso remete a outro, de modo que o processo discursivo não tem início e o “discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio”.

A AD trabalha no lugar de interpretação que os pontos de deriva possíveis nos enunciados oferecem, pois, como afirma Pêcheux (2006, p. 53), toda descrição está “intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Assim, para o autor, a língua é constituída, também, pela falta, pela falha, pela possibilidade do equívoco, o que permite o deslizamento dos sentidos. Nessa perspectiva, Pêcheux (2006) afirma que o discurso está na relação entre o logicamente estabilizado, a estrutura, e o que é irremediavelmente equívoco, o acontecimento, de forma que o que está em jogo é o funcionamento da linguagem sob os efeitos da memória e da ideologia. Porquanto, é a ideologia que produz os efeitos de evidência dos sentidos, são “as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1995, p. 159-160, grifos do autor). Assim, como afirma Orlandi (2006, p. 14), “no discurso temos o social e o histórico indissociados”.

Considerando que o *corpus* deste trabalho se constitui de materialidades midiáticas digitais, discorreremos a seguir sobre o ciberespaço, que, neste estudo, é considerado um objeto discursivo e não mera ferramenta tecnológica, pois o que nos interessa são as discursividades inscritas nesse espaço.

#### ***1.4.2 Considerações sobre o ciberespaço e as mídias digitais***

Para falarmos sobre o ambiente digital, precisamos, primeiramente, pensar na internet e em sua história. Conforme explica Castells (2003), as origens da internet remontam a Arpanet, uma rede de computadores da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) montada em 1969. A ARPA foi fundada pelo Ministério da Defesa dos Estados Unidos com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica e militar frente à União Soviética. A Arpanet era só um pequeno programa da ARPA, com a intenção de que os vários centros de computadores e grupos de pesquisa da agência compartilhassem recursos computacionais.

A base tecnológica da Arpanet surgiu das pesquisas independentes desenvolvidas na *British National Physical Laboratory* e na *Rand Corporation*, estas pesquisas buscavam uma forma de criar uma rede de computadores descentralizada e flexível, que não estivesse suscetível a ataques dos soviéticos.

No entanto, embora os objetivos iniciais da ARPA fossem militares, a agência possuía autonomia para tocar os seus projetos. E os cientistas envolvidos no programa utilizaram os recursos recebidos para financiar todo o sistema universitário de pesquisa em interconexão de computadores, e, também, deram liberdade aos colaboradores para trabalhar no desenvolvimento da rede. Conforme Castells (2003):

A Arpanet, a principal fonte do que viria a ser afinal a Internet, não foi uma consequência fortuita de um programa de pesquisa que corria em paralelo. Foi prefigurada, deliberadamente projetada e subsequentemente administrada por um grupo determinado de cientistas da computação que compartilhavam uma missão que pouco tinha a ver com estratégia militar. (CASTELLS, 2003, p. 21).

Assim, por conta destas decisões, a Arpanet pôde se expandir e incorporar protocolos, o que possibilitou que várias redes surgissem utilizando sua estrutura, um destes protocolos foi o *Internet Protocol*, que permitiu que as várias redes conectadas a Arpanet pudessem trocar informações entre si, foi dessa expressão que a Internet recebeu o seu nome (WERTHEIM, 1999).

Segundo explica Castells (2003), em 1990, a Arpanet foi desativada e, neste mesmo ano, foi criada a *World Wide Web (WWW)*, o sistema que permitiria que a internet deixasse de ser restrita a ambientes acadêmicos e profissionais da computação. O WWW surgiu em Genebra, na Suíça, quando Tim Berners-Lee, com a colaboração de Robert Cailliau, buscando facilitar o compartilhamento de documentos, uniu o hipertexto com a internet e, em dezembro de 1990, criou o primeiro navegador. O hipertexto já era uma tecnologia conhecida, usada desde 1960, de acordo com Lévy (1999):

Hipertexto é um texto em formato digital, configurável e fluído. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons, etc.), o princípio em rede móvel que caracteriza o hipertexto. (LÉVY, 1999, p. 27).

A novidade do *World Wide Web* foi juntar este conceito com a internet, interligando a rede que, então, podia ser acessada através de um navegador/editor. A partir do WWW, *hackers* e desenvolvedores do mundo todo passaram a criar versões modificadas de navegadores, até que, em 1994, com o *Netscape*, e, em 1995, com o *Windows 95* e seu *Internet Explorer*, versões comerciais de navegadores foram popularizadas. Segundo Castells (2003), foi aí que a internet nasceu para a sociedade em geral.

Conforme Lévy (1999), a interconexão mundial de computadores dá origem ao ciberespaço, que ele define da seguinte forma:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 15).

A emergência do ciberespaço apresenta novas possibilidades para o mundo, como trabalhos cooperativos em rede, aprendizagem à distância, conferências eletrônicas e projetos com coordenação descentralizada. Além disso, Lévy (1999) destaca que, conforme a capacidade dos computadores é aumentada, ocorre, também, a incorporação de mídias antigas, como televisão, jornais e telefone. Como Wertheim (1999) ressalta, o ciberespaço é mais do que um espaço de dados, não se tratando apenas de coleta de informação, mas, sim, tendo seu uso fundamentado na interação social, comunicação e, também, no entretenimento interativo. Consonante com este pensamento, Lévy (1999, p. 11) afirma que o ciberespaço mudou a maneira das pessoas se relacionarem e criou um “ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural”.

Sobre a noção de redes, Castells (2003, p. 11) define rede como “um conjunto de nós interconectados” e afirma que formar redes é uma prática antiga na história da humanidade, mas que “as redes ganharam vida nova em nosso tempo, transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet”. Entre essas novas redes de comunicação, estão as redes sociais. Recuero (2009, p. 24) explica que as redes sociais são formadas por dois elementos: “os atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. A autora destaca que o estudo da sociedade enquanto rede já é bem antigo e esteve presente na ciência durante todo o século XX, porém as atenções sobre o tema foram renovadas a partir do final da década de 1990, com o crescimento do ciberespaço e das redes sociais digitais.

Segundo Boyd e Ellison (2008), as redes sociais digitais são serviços localizados na *Web* que compartilham uma série de características específicas, como a possibilidade de que indivíduos construam um perfil público ou semi-público dentro de um sistema delimitado; de formular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham conexão, sendo que esta conexão pode ter nomes diferentes, como contato ou amigos; e de entrecruzar suas listas de conexões com aquelas feitas por outros usuários dentro do sistema. Tendo em conta estas características, as autoras consideram que o *Six Degrees*, fundado em 1997, foi a primeira rede social digital da história. Elas destacam que o *Classmates.com* foi lançado antes, em 1995, mas, no início, era apenas um diretório de escolas afiliadas, e só passou a ter características de rede social muitos anos depois.

Ainda segundo Boyd e Ellison (2008), a popularização das redes sociais passa pela ascensão e queda do *Friendster*, uma rede criada em 2002 com o intuito de ajudar os amigos dos amigos a se conhecerem. O site cresceu de maneira exponencial, tendo alcançado mais de

300 mil usuários antes mesmo do seu lançamento oficial, somente através da indicação entre os usuários. Porém, os servidores e bancos de dados desta rede não estavam preparados para tamanho fluxo, o que resultou em problemas técnicos constantes, o que, junto com algumas decisões dos administradores que restringiram a liberdade dos usuários, acabou fazendo com que a rede social fosse abandonada.

A partir de 2003, uma gama de redes sociais foi lançada, tentando repetir o sucesso do *Friendster*, a mais bem-sucedida foi o *MySpace*, que fez sucesso, principalmente, entre jovens e artistas (BOYD; ELLISON, 2008). Já em 2004, o ciberespaço passou por uma grande mudança, com a popularização do conceito de *Web 2.0*, que, segundo O'Reilly (2005), pode ser definido da seguinte forma:

*Web 2.0* é a rede como plataforma, abrangendo todos os dispositivos conectados. Os aplicativos da *Web 2.0* são aqueles que tiram melhor proveito das vantagens intrínsecas desta plataforma: entregando *software* como um serviço continuamente atualizado, que se torna melhor quanto mais as pessoas usam; consumindo e remixando dados de múltiplas fontes; incluindo usuários individuais, enquanto provê seus próprios dados e serviços de uma forma que permita sua remixagem por outros; criando um efeito de rede através de uma "arquitetura participativa", e indo além da metáfora de página da Web 1.0 para entregar aos usuários experiências ricas. (O'REILLY, 2005, n. p., tradução nossa)<sup>7</sup>.

Assim, a *Web* começou a se distanciar da página estática da *web 1.0* e buscava oferecer interatividade. Foi neste ambiente que surgiram o *Facebook* e o *Orkut*, em 2004 (BOYD; ELLISON, 2008). As duas redes sociais exploravam as possibilidades da *Web*, fornecendo recursos multimídia (como a facilidade de compartilhamento de músicas, imagens e vídeos), dando a possibilidade de os usuários criarem conteúdos e compartilharem em suas redes.

Em 2006, foi lançado o *Twitter*<sup>8</sup>, que apresentava alguns recursos semelhantes ao *Facebook* e ao *Orkut*, mas em um formato de *microblogging*.

Estas são características tecnológicas do ciberespaço, mas como este trabalho se propõe a realizar uma análise discursiva, é necessário entender, também, como a internet, o digital e as redes sociais são pensados sob o quadro da Análise de Discurso (AD). Dessa forma, convém

---

<sup>7</sup>Do inglês: *Web 2.0 is the network as platform, spanning all connected devices; Web 2.0 applications are those that make the most of the intrinsic advantages of that platform: delivering software as a continually-updated service that gets better the more people use it, consuming and remixing data from multiple sources, including individual users, while providing their own data and services in a form that allows remixing by others, creating network effects through an "architecture of participation," and going beyond the page metaphor of Web 1.0 to deliver rich user experiences.*

<sup>8</sup> Considerando a relevância da rede social *Twitter* para explicar as condições de produção do processo discursivo em pauta, faremos uma discussão específica sobre o *Twitter* no próximo capítulo.

destacar alguns teóricos que têm se debruçado sobre o tema, trazendo grandes contribuições para ampliar a nossa compreensão sobre o digital, tomado em suas discursividades, como Romão (2007), Orlandi (2010), Mittmann (2009), Galli (2012), Gallo (2013), Cortes (2015), Grigoletto (2017), Dias (2016, 2017, 2018), entre outros.

Conforme Cortes (2015, p. 28), “na perspectiva da AD, a concepção do virtual vai além de seus aspectos tecnológicos, pois sua constituição também envolve o espaço físico e o discursivo, sendo este pensado articuladamente à história, afetado pela exterioridade”. Além disso, Dias (2016) afirma que as questões que o digital coloca para a linguagem e seu funcionamento e as questões que a AD coloca para o digital tem sido trabalhadas a partir do dispositivo teórico e analítico da AD; a autora destaca que “é preciso considerar o digital em sua opacidade” (DIAS, 2016, p. 4).

Assim, levando em consideração as pesquisas realizadas sobre os discursos em funcionamento nas mídias digitais, no intuito de melhor delinear o estado da arte, tendo em vista o objeto de pesquisa deste trabalho, apresentamos um breve relato acerca das pesquisas desenvolvidas pelos membros do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis), filiados ao projeto temático intitulado “*Discursividades da rede midiática digital e relações de territorialidade virtual*”, desenvolvido e coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes, junto ao PPGLIN/UESB. A partir de várias pesquisas realizadas, filiadas ao projeto temático mencionado, já temos quatro dissertações de mestrado concluídas, orientadas pela professora Dra. Gerenice Cortes, além de diversos artigos publicados pela coordenadora do projeto, como também em parceria com outros pesquisadores.

A dissertação de mestrado de Batista (2019) denominada “A discursivização espetacularizada da política brasileira em memes: metáfora, imaginário e efeitos-sentidos” analisou o discurso político em memes, em funcionamento nas materialidades discursivas da/em rede social *Facebook*. Os resultados mostraram que os efeitos de sentidos podem ir além do cômico e produzir efeitos de escárnio, ironia e cinismo. Ademais, foi observado que alguns efeitos de sentidos são produzidos especificamente sob as condições de produção das redes sociais, a exemplo dos gestos de curtir, reagir e comentar. Dessa maneira, a autora afirma que a rede social é propícia à movimentação tanto da circulação de memes, mas principalmente da rede de memórias, sendo, portanto, uma rede de embates e discursividades, que favorece a movimentação dos sujeitos e dos sentidos.

R. Santos (2020), em sua dissertação de mestrado intitulada “O funcionamento discursivo do enunciado “Intervenção Militar Já” nas mídias digitais: memória, metáfora e efeitos-sentido”, investigou o funcionamento discursivo do enunciado “Intervenção Militar Já”,

materializado nas redes midiáticas digitais, considerando as relações com a memória discursiva da/sobre a ditadura militar brasileira de 1964. Os resultados das análises mostraram que o discurso da “Intervenção Militar Já”, inscrito nas materialidades digitais da rede social *Facebook*, é afetado pela memória da ditadura e pelas forças ideológicas das mídias e redes sociais. Foi observado também que as substituições contextuais, já de elementos verbais ou imagéticos, são próprias da estrutura das mídias digitais. Além disso, as análises indicaram que o funcionamento do discurso da “Intervenção Militar Já”, sob as condições de produção e circulação das mídias digitais e das redes sociais, produziu efeitos determinantes na eleição de 2018, em favor do candidato militar Jair Bolsonaro.

Na dissertação de mestrado com o chamada “A discursivização das doenças negligenciadas na mídias digitais: entre o silenciamento de sentidos e a resistência”, Oliveira (2020) analisou a discursivização das Doenças Tropicais Negligenciadas (DTNs) nas mídias digitais. Os resultados apresentados indicaram que as DTNs são discursivizadas nas mídias digitais sob uma tensão discursiva, na qual funcionam posições-sujeito de silenciamento dos sentidos de negligência, como também posições-sujeito de denúncia à negligência às doenças e suas vítimas, com efeitos de resistência ao silenciamento midiático em relação às DTNs. A autora também observou que, na tensão das redes discursivas, funcionam as formulações-confronto sobre as DTNS, materializadas em *blogs*, *YouTube*, além de comentários nestas mídias, instaurando os efeitos de visibilidade às DTNs e produzindo sentidos de resistência ao silenciamento e ao descaso.

L. Santos (2020), em sua pesquisa de mestrado denominada “Padre Fábio de Melo discursivizado nas mídias digitais: sob as tensões da memória, a dispersão de posições-sujeito”, analisou a discursivização do Padre Fábio de Melo em materialidades midiáticas digitais de diversos sites, especialmente das redes sociais *Facebook* e *YouTube*. Os resultados mostraram que a discursivização do padre Fábio de Melo, sob as condições de produção do discurso digital em suas relações com a memória do discurso religioso católico, instauram um jogo de (des)estabilização e disputa de sentidos para a construção discursiva do sujeito padre. A autora observou também que as condições de produção do discurso digital produzem efeitos determinantes na construção das celebridades midiáticas digitais. Além disso, o estudo mostrou que a *Web* permite a migração de materialidades entre diferentes sites, instaurando uma tensa movimentação a rede de sentidos.

Assim, este estudo também se insere ao projeto temático citado e se filia às investigações teórico-analíticas acerca das discursividades em funcionamento nas/em rede(s) midiáticas digitais.

Vejam agora como se deu o percurso metodológico desta pesquisa.

### **1.4.3 Percursos metodológicos: o corpus discursivo e os procedimentos analíticos**

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (1988), existem duas modalidades de pesquisa científica: a experimental e a não experimental. Na primeira, pode haver manipulação de variáveis, enquanto que, na segunda, isso não acontece. A pesquisa pode também ser diferenciada pela forma de se coletar os dados, sendo transversal ou longitudinal. O enfoque da pesquisa pode ser qualitativo, quantitativo ou misto. E o alcance exploratório, descritivo, correlacional e explicativo. Tendo em vista estes parâmetros, este estudo se encaixa no delineamento não experimental e com coleta de dados transversal. O enfoque será qualitativo, de alcance exploratório e explicativo.

Entretanto, a pesquisa em Análise de Discurso segue uma metodologia de investigação científica específica. Mittmann (2005) ressalta que, devido ao objeto de análise na AD ser um objeto teórico, é a teorização que determina o procedimento metodológico. Conforme Orlandi (2012), o processo de análise se inicia com estabelecimento do *corpus*, delimitado por critérios teóricos, e é construído de acordo com a natureza do material e a pergunta que o organiza. Tendo o texto como unidade diante de si, o analista o remete a um discurso, buscando compreender e descrever o seu funcionamento. E, após analisado, o objeto não se esgota em uma descrição, mas permanece disponível para novas abordagens, pois, nas práticas de Análise de Discurso, a interpretação e a descrição não são duas fases sucessivas, mas uma alternância, ou um batimento (PÊCHEUX, 2006).

Na AD, por se trabalhar com a opacidade da linguagem e com a concepção de sujeito em que ele não é dono do seu dizer, variáveis como idade, cidade e estado civil não costumam ser aplicáveis. As materialidades são analisadas de acordo com diferentes recortes teóricos, as noções teóricas determinam a constituição do *corpus* e também funcionam como categorias analíticas.

A construção do *corpus* se deu ao longo de todo o processo da pesquisa, com várias idas e voltas ao arquivo, que é definido por Pêcheux (1994, p. 51) como o "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão". Dialogando com este pensamento, Guilhaumou e Maldidier (2014) explanam que o arquivo não é passivo, não sendo visto de maneira documental e transparente, mas sim, como tendo um funcionamento móvel, opaco, o que permite "uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes" (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014, p. 170).

Para este estudo, primeiramente construímos um arquivo de postagens (*tweets*, *retweets* e comentários) realizadas no *Twitter*, bem como formulações verbais, vídeos e imagens incorporadas nas postagens. O processo de coleta foi realizado através de buscas com palavras-chaves e *hashtags*, referentes ao rompimento da barragem de Brumadinho, por meio de uma ferramenta de pesquisa avançada do próprio *Twitter*. Posteriormente, os resultados foram armazenados utilizando a ferramenta de captura de tela, tendo sua data de acesso e URL salvos para registro.

A partir do arquivo construído de materialidades, foi constituído o *corpus* discursivo, composto por trinta e duas sequências discursivas (SDs), organizadas em quatro recortes, a saber: **Recorte I (SDs 1 a 10); Recorte II (SDs 11 a 16); Recorte III (SDs 17 a 22); Recorte IV (SDs 23 a 32)**. Orlandi (1984, p.14) define o recorte como “[...] uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Estes recortes foram selecionados a partir da observação da representatividade discursiva, em materialidades constituídas de falas da Vale S.A., empresa responsável pela barragem; de falas de membros do governo; de falas dos funcionários e parentes das vítimas; de falas dos ambientalistas; de postagens de mídias jornalísticas, além de comentários de internautas<sup>9</sup>.

Courtine (2009, p. 55) define sequências discursivas como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, mas destaca que esta é uma noção aberta, devido à variação da natureza e da forma dos materiais coletados, de modo que a forma de uma sequência discursiva será diferente a depender dos procedimentos de análise adotados.

A partir dos objetivos traçados, adotamos o critério da regularidade discursiva para a constituição do *corpus* discursivo. Courtine (2009), ao explicar as orientações teóricas para os procedimentos de análise de uma sequência discursiva (SD), ressalta que as materialidades podem ser referidas a um lugar determinado, o que “equivale a atribuir ao ato de enunciação de uma sequência discursiva de referência a regularidade de uma prática, assim como a caracterizar os rituais que a regulam” (COURTINE, 2009, p. 108). De forma que, segundo o autor:

Escolher uma sequência discursiva de referência equivale assim a determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na circulação de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam... (COURTINE, 2009, p. 108).

---

<sup>9</sup> Por uma questão ética, os nomes dos enunciadores, que não fossem pessoas públicas ou veículos de mídia, foram omitidos das materialidades.

A construção do *corpus* se deu ao longo de todo o processo da pesquisa, com várias idas e voltas ao arquivo, que pode ser definido como o "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão" (PÊCHEUX, 1994, p. 51). Conforme afirma Courtine (2009), o *corpus* discursivo requer uma concepção dinâmica de trabalho e não deve ser um conjunto fechado de dados, o procedimento de análise deverá ser "um procedimento de interrogação regulado por dados discursivos, que prevê as etapas sucessivas de um trabalho sobre o *corpus* ao longo do próprio procedimento" (COURTINE, 2009, p.114). Enquanto Orlandi (2012) destaca que o procedimento de configurar o *corpus*, delinear seus limites, fazer recortes, retomar conceitos e analisar é constante.

Consonante com este pensamento, Mittmann (2005, p. 1) ressalta que "o *corpus* não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar". Já Dias (2015, p. 972) afirma que "no que concerne à questão do *corpus*, podemos dizer que se trata de um conjunto de formulações produzido pelo próprio processo de interpretação do discurso, no confronto com o arquivo".

Abaixo, apresentamos uma tabela elucidativa acerca do nosso *corpus* discursivo, com a organização dos recortes das sequências discursivas (SDs):

Tabela 1 – Organização do *corpus* discursivo

<b>Tabela elucidativa sobre a construção do <i>corpus</i> discursivo</b>		
	<b>CAPÍTULO II</b>	<b>CAPÍTULO III</b>
<b>RECORTE I</b>	<b>SDs 01 a 10</b>	-
<b>RECORTE II</b>	<b>SDs 11 a 16</b>	-
<b>RECORTE III</b>	-	<b>SDs 17 a 22</b>
<b>RECORTE IV</b>	-	<b>SDs 23 a 32</b>
<b>Total</b>	<b>16 SDs</b>	<b>16 SDs</b>
<b>Total geral de SDs analisadas: 32</b>		

Fonte: O autor, 2021.

Quanto aos procedimentos analíticos, no intuito de buscar respostas para as nossas questões de pesquisa, mobilizamos como noções teóricas centrais os conceitos de **condições de produção, posição-sujeito, interdiscurso e memória discursiva, metáfora discursiva, paráfrase, polissemia e silenciamento**, os quais constituem nossas categorias analíticas. Nos gestos de análises, seguimos o batimento entre descrição e interpretação, conforme orienta Pêcheux (2006).

### 1.5 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos, sendo o primeiro esta introdução; o segundo e o terceiro são constituídos das análises das materialidades, precedidas por uma discussão sobre as noções teóricas centrais da Análise de Discurso, mobilizadas para o estudo; já o quarto capítulo será dedicado às nossas considerações finais, seguidas das referências usadas.

## 2 O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO DISCURSIVIZADO NO *TWITTER*: EMBATES DE SENTIDOS E DE SUJEITOS

*O Rio? É doce.  
A Vale? Amarga.  
Ai, antes fosse  
Mais leve a carga.*

Carlos Drummond de Andrade

Neste capítulo, iniciaremos explanando o conceito de condições de produção, para, então, discutirmos as especificidades da rede social *Twitter*, tendo em vista ser este nosso objeto de pesquisa. Em seguida, discorreremos sobre as principais noções teóricas mobilizadas nas análises deste capítulo. Por fim, serão apresentados dois recortes analíticos.

### 2.1 A Rede Social *Twitter* nas tramas do discurso: as condições de produção

De acordo com Pêcheux e Fuchs (1997), o processo discursivo é caracterizado pelas determinações das **condições de produção**. Orlandi (2006) esclarece que os sujeitos e a situação estão incluídos nestas determinações, sendo que a situação pode ser compreendida no sentido estrito - o contexto imediato - e no sentido lato - o contexto sócio-histórico. A autora destaca que o sujeito compreendido nas condições de produção não é o sujeito empírico, são pontos de interlocução no jogo das formações imaginárias. De acordo com Pêcheux (1997, p.82) as formações imaginárias designam as projeções das imagens dos sujeitos e de seus lugares que os interlocutores “se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Orlandi (2012, p. 39) explica também que a relação de sentidos também faz parte das condições de produção do processo discursivo, pois todo discurso retoma outros e os sentidos resultam dessas relações, já as relações de forças se referem ao “lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”.

Assim, conforme destaca a autora, “se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno” (ORLANDI, 2012, p. 39). Consonante com este pensamento, Grigoletto (2005, p. 5) afirma que “o sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso”. Assim, o que importa em AD não é o lugar empírico, mas o imaginário dos lugares e dos sujeitos.

Neste trabalho, analisamos o discurso sobre o rompimento da barragem de Brumadinho materializado na rede social *Twitter*, por isso, apresentaremos, a seguir, uma breve discussão sobre essa rede social, tendo em vista as condições de produção do processo discursivo.

O *Twitter* surgiu em 2006 e permitia, inicialmente, publicações, chamadas de *tweets*, de apenas cento e quarenta caracteres, valor que foi, depois, expandido para duzentos e oitenta caracteres<sup>10</sup>. Além de texto, o *tweet* possibilita também a incorporação de imagens, áudios, vídeos, links e, mais recentemente, mensagens de voz<sup>11</sup>. Enquanto rede social, a plataforma funciona a partir da criação de um perfil, onde um usuário pode seguir ou ser seguido por outros, sem a necessidade de mutualidade (TELLES, 2009).

O *Twitter* disponibiliza, também, outras funções como: o *retweet*, que serve como um compartilhamento de um *tweet* feito pelo próprio usuário ou por outra pessoa; curtir (também chamado de dar *like* ou favoritar), que serve como uma aprovação de outro *tweet*; *hashtags*, que podem ser usadas para marcar *posts* ou conferir *tweets* reunidos sobre um mesmo tema; e os *trending topics*, ou assuntos do momento, que reúnem as palavras mais faladas no *Twitter* em determinado instante<sup>12</sup>.

Ainda de acordo com Dias (2016), o digital provocou mudanças na discursividade em todos os campos, trazendo derivas de significação e novos sentidos. Por isso, o analista de discurso precisa compreender a historicidade do sentido, levando em conta a memória discursiva.

O mundo atual é digitalizado e os novos modos de utilização da linguagem movem os confrontos para o digital. Esta movência altera as condições de produção e cria uma outra forma material. Cortes (2015, p. 29) também ressalta a necessidade de uma reflexão sobre os efeitos ideológicos produzidos no ambiente digital, destacando que é preciso “considerar que a internet surge em condições sociais determinadas historicamente e afetadas pela ideologia”.

O ambiente digital tem características próprias que afetam o discurso que nele circula. Dias (2015) aponta algumas especificidades das materialidades que circulam na internet, como: a temporalidade que difere do tempo cronológico, pois conteúdos antigos podem ser atualizados e reaccessados; instabilidade, que se refere à possibilidade do texto digital se tornar indisponível

---

<sup>10</sup> ROSEN, A.; IHARA, I. Giving you more characters to express yourself. **Twitter blog**. 2017. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/product/2017/Giving-you-more-characters-to-express-yourself.html](https://blog.twitter.com/en_us/topics/product/2017/Giving-you-more-characters-to-express-yourself.html). Acesso em: 21 ago.2020.

<sup>11</sup> PATTERSON, M.; BOURGOIN, R. Your Tweet, your voice. **Twitter blog**. 2020. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/product/2020/your-tweet-your-voice.html](https://blog.twitter.com/en_us/topics/product/2020/your-tweet-your-voice.html). Acesso em: 21 ago. 2020.

<sup>12</sup> TWITTER. Using Twitter. **Twitter help center**. 2020. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ou ser alterado; dimensão, marcada pela massiva quantidade de informações disponíveis; autoria nem sempre clara, além da leitura dispersiva, em que predomina a ordem espacial, em vez da temporal linear.

Além disso, a autora afirma que o digital é heterogêneo, as materialidades nas redes são constituídas de *links*, imagens, vídeos, *emojis*, *hashtags*. E a digitalidade corresponde a todos esses diferentes elementos que compõem o digital. Corroborando com essa análise, Cortes (2015) destaca a acentuada multimodalidade das materialidades eletrônicas.

Assim, a digitalidade vai além do que a compõe: "Sua significação se dá pela maneira como o discurso se constitui, se formula e circula atravessado pela materialidade digital" (DIAS, 2016, p. 8). Portanto, a materialidade digital não precisa necessariamente ser gerada nos meios digital, ela é caracterizada por sua discursividade, pois as materialidades que circulam fora deste meio podem ser significadas pelo discurso digital.

Sobre este tema, Dias (2015, p. 980) também aponta que é necessário "levar em conta as condições de produção da internet e (...) a discursividade da rede de sentidos, que não escapa à inunção do digital e dos modos de existência dos sujeitos e de produção dos sentidos na sociedade digital". Assim, é importante compreender as condições de produção do discurso digital, pois o imaginário que rege as redes sociais é diferente do que rege espaços como escolas ou universidades (DIAS; COUTO, 2011). Dias e Couto (2011) apontam, também, para características das redes sociais. Segundo as autoras, nas redes sociais, a mediação do sujeito com as condições de existência que ele tem diante de si dizem respeito "ao modo de constituição desse sujeito nesse espaço" (DIAS; COUTO, 2011, p. 637).

Todas essas especificidades do digital trazem a necessidade da produção de outros dispositivos teórico-analíticos. Entretanto, Dias (2016) afirma que isso deve ser feito sem dissolver a Análise de Discurso, mas estabelecendo uma relação entre a AD e o objeto de pesquisa.

No caso da rede social *Twitter*, que será objeto deste trabalho, seu formato de *microblog* estimula a geração de conteúdo, pois o limite de caracteres diminui o tempo necessário para a criação e satisfaz a necessidade de comunicação de modo mais rápido (TELLES, 2010), além de colocar em circulação textos curtos, o que inscreve a temporalidade imediatista do online na própria língua e cria um espaço discursivo heterogêneo (MOREIRA; ROMÃO, 2011).

Ademais, é uma rede que trabalha com uma assimetria, pois não exige mutualidade, de forma que um usuário pode seguir criadores de conteúdo e interagir com eles, mesmo sem ser seguido de volta. Sobre esta característica, Silveira (2015, p. 45) diz que "o efeito de que o *Twitter* possibilita a entrada de 'qualquer um' nesse fluxo de 'conversas mundiais' não é um

efeito menor e tem direta relação com o modo como, na atualidade, nos relacionamos com os espaços políticos e midiáticos”.

As interlocuções entre os usuários comuns e os criadores de conteúdo, normalmente, acontecem com a utilização da função resposta, que funciona como comentário digital a um *tweet*. Conforme Cortes (2017, p.17), o espaço de comentários “pode funcionar como resistência ou anuência aos discursos que circulam na rede virtual”. A função *retweet*, que, inicialmente, só podia ser utilizada para compartilhar um *tweet*, atualmente, também permite o uso de comentário, instaurando uma nova possibilidade de tomada de posição no *Twitter*.

Outra função utilizada para pôr em circulação discursos no *Twitter* é a *hashtag*. Conforme Silveira (2013, p.2) “Uma *hashtag* é criada quando o símbolo # (*hash*, em inglês) é associado a uma palavra, formando uma *tag* (etiqueta). Desse modo, uma *hashtag* é uma palavra-chave, que, no *Twitter*, ganha algumas funções extras”. Entre essas funções extras está a capacidade de realizar uma pesquisa clicando diretamente na *hashtag*. Inicialmente, as *hashtags* eram utilizadas somente para marcação de *posts*, porém, de acordo com Silveira (2015), o recurso passou a ter um funcionamento político, com disputas sendo travadas para dar visibilidade a certos discursos. A autora explica que isso se dá principalmente pela relação entre as *hashtags* e os *trending topics*. Segundo ela, o surgimento de uma *hashtag* entre os assuntos do momento pode acontecer quando muitos sujeitos-usuários estão comentando um mesmo evento, o que faz *hashtags* relativas a eventos esportivos e catástrofes, por exemplo, possam aparecer de maneira “natural” entre os termos mais comentados. Porém, ainda segundo Silveira (2015), *hashtags* podem ser levadas aos *trending topics* de maneira artificial, com grupos combinando ações para comentarem a mesma *hashtag* em determinado momento, esta prática leva a embates, com grupos disputando para ver quem consegue dar visibilidade para as *hashtags* escolhidas, o que faz circular determinados discursos e apagar outros.

Desde sua fundação, em 2006, o *Twitter* já passou por várias mudanças nas suas funcionalidades, como as alterações acima mencionadas na função *retweet* e no uso das *hashtags*. Uma das principais diferenças é a maneira como a *timeline* é apresentada, no início, o usuário só era apresentado ao conteúdo das contas que seguia. Depois, foi criado os *trending topics*, ou assuntos do momento, que davam destaque as palavras mais comentadas no site na ocasião<sup>13</sup>. Então, o *Twitter* passou a mostrar, também, *tweets* patrocinados<sup>14</sup>, assuntos separados

<sup>13</sup> STONE, B. Twitter Search for Everyone. **Twitter Blog**. 2009. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/a/2009/twitter-search-for-everyone.html](https://blog.twitter.com/en_us/a/2009/twitter-search-for-everyone.html). Acesso em: 22 ago. 2020;

<sup>14</sup> STONE, B. Hello World. **Twitter blog**. 2010. Disponível em: [https://blog.twitter.com/official/en\\_us/a/2010/hello-world.html](https://blog.twitter.com/official/en_us/a/2010/hello-world.html). Acesso em: 22 ago. 2020.

pelo algoritmo do site para o usuário<sup>15</sup>, conteúdos com os quais os contatos do usuário interagem<sup>16</sup>, e, mais recentemente, assuntos em destaque no mundo, selecionados através da curadoria do *site*<sup>17</sup>.

Essas mudanças mostram que o controle sobre o que o usuário vê está cada vez maior. E não é somente a tecnologia que regula o que pode ou não ser dito no digital. Segundo Grigoletto (2017, p. 167), “o controle existe, fazendo funcionar o ideológico na sua forma mais perversa, aquela que produz o efeito de liberdade, de livre escolha do sujeito. Há, portanto, mais controle do que dispersão”.

Todas as características do *Twitter* e as mudanças apontadas interferem no sentido dos discursos ali produzidos. Conforme Pêcheux (1997, p. 150) “o que o sujeito diz deve, pois, sempre ser referido às condições em que ele diz”. Da mesma forma, o histórico da internet e das redes sociais apresentado neste texto são parte constitutiva do sentido do discurso produzido em mídias digitais.

## 2.2 Noções teóricas mobilizadas

A seguir serão explicitadas as noções teóricas que foram mobilizadas para realizar o presente estudo.

### 2.2.1 Sujeito, ideologia e formação discursiva

A Análise de Discurso (AD) trabalha com uma teoria não-subjetiva da subjetividade. O sujeito não é a origem do seu dizer e a subjetividade não é centrada no indivíduo consciente. O sujeito é interpelado pela ideologia, mas tem a ilusão de ser origem. Pêcheux e Fuchs (1997) explicam esse processo da seguinte maneira:

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção. (PÊCHEUX; FUCHS,

<sup>15</sup> MADHU, M. Moments, the best of Twitter in an instant. **Twitter blog**. 2015. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/a/2015/moments-the-best-of-twitter-in-an-instant-0.html](https://blog.twitter.com/en_us/a/2015/moments-the-best-of-twitter-in-an-instant-0.html). Acesso em: 22 ago. 2020.

<sup>16</sup> JAHR, M. Never miss important Tweets from people you follow. **Twitter blog**. 2016. Disponível em: [https://blog.twitter.com/official/en\\_us/a/2016/never-miss-important-tweets-from-people-you-follow.html](https://blog.twitter.com/official/en_us/a/2016/never-miss-important-tweets-from-people-you-follow.html). Acesso em: 22 ago. 2020.

<sup>17</sup> TWITTER. Introducing Topics. **Twitter blog**. 2019. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/product/2019/introducing-topics.html](https://blog.twitter.com/en_us/topics/product/2019/introducing-topics.html). Acesso em: 22 ago. 2020.

1997, p.165-166).

Na AD, o sujeito é constituído no processo da interpelação pela ideologia e identificação com uma formação discursiva. A ideologia produz a ilusão de transparência da linguagem e a formação discursiva regula o que pode ou não ser dito em determinada conjuntura. Pêcheux (1995, p. 160) define a formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Assim, as palavras têm seus sentidos dependentes da formação discursiva na qual são produzidas, enquanto a ideologia mascara o "caráter material dos sentidos" (PÊCHEUX, 1995, p.160). Dessa forma, as palavras não têm um sentido próprio, transparente, literal. No processo discursivo, os mesmos significantes podem produzir sentidos distintos, tendo em vista as relações dos sujeitos com as diferentes formações discursivas e suas determinações. Do mesmo modo, na trama discursiva das relações do sujeito com os saberes de uma dada FD, significantes diferentes podem reiterar sentidos já ditos. Conforme Courtine (2009):

Se uma FD é o que, em uma dada FI e em uma conjuntura, determina "o que pode e deve ser dito" (o que equivale dizer que as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da FD na qual são produzidas); convém acrescentar que essa característica não é isolada das relações contraditórias que uma FD estabelece com outra FD. (COURTINE, 2009, p. 73).

Os sujeitos, no processo de relações com uma dada FD, podem reproduzir (ou confrontar) os discursos que ali funcionam, tendo a ilusão de singularidade criada pelos esquecimentos<sup>18</sup>. De acordo com Pêcheux (1995, p. 173) há duas formas de esquecimento no discurso, o esquecimento nº2 que diz respeito à ilusão do sujeito-falante de que, ao dizer algo, só pode ser dito daquela forma, esquecendo-se que ele “seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina um enunciado e não outro”. Já o esquecimento nº1 diz respeito à ilusão que o sujeito falante tem de ser origem do que diz, se esquecendo que ele “não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 173). Nessa perspectiva, segundo o autor, a formação discursiva é determinada pelo exterior, o qual é ocultado do sujeito-falante, dominado por esta FD, pelo esquecimento nº1, enquanto o esquecimento nº2 dá a ilusão de liberdade ao sujeito-falante, mascarando o seu funcionamento

---

<sup>18</sup> A noção dos esquecimentos é revista por Pêcheux e Fuchs (1995) em *Semântica e Discurso*. Os autores consideram que a interpretação que foi feita da primeira tópica de Freud foi insuficiente, então, a partir da segunda tópica e da reelaboração lacaniana, eles retomam o problema do pré-consciente.

na formação discursiva. Assim, "o efeito da forma-sujeito do discurso é, pois, sobretudo, o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº1, pelo viés do funcionamento do esquecimento nº2" (PÊCHEUX, 1995, p.177).

Ainda segundo Pêcheux (1995), o sujeito do discurso se identifica com a forma-sujeito e esquece que foi este reconhecimento que o fez sujeito, passando a se ver como "sempre-já" sujeito, e, assim, ele tem a ilusão de ser consciente e ter liberdade, desconhecendo sua determinação no discurso.

A tomada de posição não se origina no sujeito, é um efeito na forma-sujeito determinado pelo interdiscurso (PÊCHEUX, 1995). Courtine (2009) define posição-sujeito da seguinte forma:

Concebemos, portanto, uma posição de sujeito como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que estão ligados a ela é o domínio de descrição da forma-sujeito. (COURTINE, 2009, p. 88).

O autor também questiona a homogeneidade da formação discursiva, atualizando esta noção, por meio da releitura dos estudos de Foucault<sup>19</sup>. Segundo Courtine (2009, p.82), “a definição de uma FD como forma de repartição ou ainda sistema de dispersão convida a estabelecer a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das FD”. Em relação a essa heterogeneidade, Indursky (2008) defende que, em um primeiro momento, a forma-sujeito foi vista como dotada de unicidade, assim, a formação discursiva era percebida como fechada e homogênea, porém, mais adiante, foi percebido que o sujeito do discurso poderia assumir várias posições em uma FD.

Pêcheux (1995) explicita o funcionamento das três modalidades de tomadas de posição da seguinte forma: a primeira é a identificação, quando o sujeito toma uma posição de anuência à forma-sujeito, ao se relacionar com uma dada FD, o que configura o que o autor chamou de bom sujeito e gera uma unicidade imaginária da forma-sujeito.

A segunda modalidade é a contraidentificação, quando a tomada de posição se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD, com a qual o sujeito do discurso se identifica. Trata-se do mau sujeito, que se identifica apenas parcialmente com a forma-sujeito, então

---

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

questiona os saberes, instaurando o desdobramento da forma-sujeito. Este desdobramento faz com que a FD não se apresente mais como homogênea e fechada.

A terceira modalidade é a desidentificação, na qual o sujeito do discurso se desidentifica com uma FD, rompendo com o domínio de saberes dela e se identificando com outra. Dessa forma, a instabilidade das FDs permite a movimentação do sujeito no discurso.

Para Indursky, a FD é determinada pela natureza da forma-sujeito, que é fragmentada e "determina a heterogeneidade da formação discursiva que é por ela organizada" (INDURSKY, 2008, p.7). Nesse sentido, a FD é dividida, atravessada por outros saberes, possibilitando a fragmentação da forma-sujeito em distintas posições-sujeito, abrigando a igualdade e a diferença.

A fragmentação da forma-sujeito é a possibilidade de sua divisão em um maior número de posições-sujeito, pois, segundo a autora, a divisão não se dá de forma binária, o bom e o mau sujeito não dão conta das diferenças existentes no interior de uma FD, por isso o mau sujeito pode ser representado por várias posições-sujeito.

O bom sujeito, que se identifica com a FD, é uma posição-sujeito dominante na FD. O sujeito do discurso se identifica com uma posição-sujeito de uma FD, já que a forma-sujeito é fragmentada e heterogênea, o que instaura o efeito-sujeito. Já o mau sujeito se contraidentifica com a FD, isto é, ele "se identifica com uma determinada FD através dos saberes produzidos a partir de uma posição-sujeito diferente da posição-sujeito dominante" (INDURSKY, 2008, p. 8).

Conforme o pensamento de Indursky (2008), a desidentificação pode funcionar de dois modos. No primeiro, o sujeito do discurso se identifica com outra forma-sujeito já existente, movendo-se para outra FD. No segundo, o sujeito do discurso rompe com o domínio de saber da FD na qual está inserido e se identifica com uma forma-sujeito que está ainda em processo de constituição, provocando o surgimento de uma nova FD.

Ainda sobre o processo de interpelação ideológica e as modalidades de identificação do sujeito com a forma-sujeito de uma dada FD, cabe salientar que Pêcheux, em publicação posterior<sup>20</sup> afirma que "não há ritual sem falhas" (PÊCHEUX, 1995, p. 301), de modo que esse processo não é homogêneo, há sempre a resistência, a revolta, que, segundo o autor, "se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico." (PÊCHEUX, 1995, p. 302). Assim, o assujeitamento não funciona de maneira pacífica, nem de forma plena, pois "a ordem

---

<sup>20</sup> Fazemos menção aqui ao artigo "Só há causa daquilo que falha ou o inverno francês: início de uma retificação" (PÊCHEUX, 1995).

do inconsciente não coincide com a da ideologia" (PÊCHEUX, 1995, p. 301) então, o sujeito, ao ser inserido em uma FD, resiste, pois "não há dominação sem resistência" (PÊCHEUX, 1995, p. 304). Ademais, Pêcheux (2006, p. 56) destaca que “não há identificação plenamente bem sucedida”, todo discurso afeta as redes de memórias e das filiações históricas, podendo estruturar/desestruturar estas redes.

### **2.2.2 Metáfora Discursiva: paráfrase, polissemia e silenciamento**

Segundo Pêcheux (1995), a metáfora é constitutiva do sentido:

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se “revestem de um sentido” que não poderia ser predeterminado por propriedades da língua, pois isso seria admitir que os elementos já estão dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido. (PÊCHEUX, 1995, p.263).

Para o autor, o interdiscurso determina a metáfora discursiva. E o efeito metafórico é o “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y” (Pêcheux, 1997. p. 96). Pêcheux (1995) afirma também que as palavras têm o seu sentido vinculado às formações discursivas às quais pertencem e às relações destas com o interdiscurso:

O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certas formações discursivas vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso. Na verdade, a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma região do interdiscurso”. (PÊCHEUX, 1995, p. 263).

O autor concebe o processo discursivo nas relações de “substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada” (PÊCHEUX, 1995, p.161). Orlandi (2012) discute esses conceitos afirmando que a paráfrase representa o retorno a espaços do dizer, a produção de diferentes formulações para dizeres sedimentados. Enquanto que a polissemia é a ruptura, o equívoco, um

deslocamento de sentidos. A autora tem uma hipótese de trabalho que “coloca a tensão constitutiva do processo parafrástico e polissêmico como estando na base de constituição de sentidos, no funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2012b, p. 12). Ela explana que:

A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos - e os sujeitos - não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. (ORLANDI, 2012, p. 38).

Assim, conforme a autora, os sentidos não estão prontos, mas sempre se movimentando em um jogo entre a estabilização e a ruptura. Os sentidos podem ser outros e os efeitos de sentido se constituem dentro das famílias parafrásticas, como explica Pêcheux e Fuchs:

A produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a "matriz do sentido". Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique este efeito”. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 169).

Orlandi (2012b, p. 27) pensa também a metáfora em relação ao **silêncio**. Segundo a autora, “a metáfora sendo a noção, na análise de discurso, que sustenta a polissemia, joga o jogo do mesmo e do diferente e se conjuga ao que tenho desenvolvido sobre o silêncio e o silenciamento”. Para a autora, que aprofunda os estudos sobre os efeitos discursivos do silêncio, os sentidos também são formados pelos não-ditos. Ela afirma que “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (ORLANDI, 2007, p.12) e considera o silêncio como não transparente e constitutivo do sentido.

A autora divide as formas do silêncio em o silêncio fundador, que dá o espaço necessário para que as palavras signifiquem, e a política do silêncio, ou silenciamento, que trata do silenciar, do pôr em silêncio. Ainda segundo Orlandi (2007), o silenciamento pode ser subdividido em silêncio constitutivo, segundo o qual quando se diz uma coisa, não se diz outra, de forma que um dizer silencia outro possível, uma palavra apaga a outra; e o silêncio local, que diz respeito à censura, à proibição de se dizer algo em determinada conjuntura.

Com base nesses pressupostos teóricos, passemos à primeira parte das nossas análises.

### 2.3 Nos fios das tramas analíticas - RECORTE I

Neste primeiro percurso analítico, iremos um examinar um recorte de dez materialidades (**Recorte I – SDs 1 a 10**).

Iniciemos com a SD 1, constituída do anúncio do rompimento da barragem de Brumadinho no *Twitter*, pela Vale S.A. Vejamos:

**Figura 1** - SD 1 – Pronunciamento do presidente da Vale S.A.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088959034772934656>. Acesso em: 12 de ago. 2019.

A sequência discursiva 1 (SD 1) é um *tweet* da empresa Vale S.A. publicado poucas horas após o rompimento da barragem de Brumadinho, ele faz parte de uma *thread*<sup>21</sup> de *tweets* feitos para anunciar o rompimento. Este é o último *tweet* da *thread* e apresenta um vídeo incorporado do *YouTube*, no qual o presidente da empresa, Fabio Schvartman, faz um pronunciamento oficial.

A postagem foi marcada com a *hashtag* #Brumadinho, que agregou a maior parte dos

<sup>21</sup> A *thread*, também chamada de fio, é uma sequência de *tweets* interligados.

*posts* sobre o rompimento e esteve nos *trending topics* no dia que o fato ocorreu<sup>22</sup>. O excerto que vamos analisar foi transcrito do vídeo incorporado no *tweet* e encontra-se entre 0:46s e 1:15s do vídeo, quando o empresário inicia seu pronunciamento:

“Senhores, eu queria antes de mais nada, dizer que é com enorme pesar que a gente relata o **acidente** que aconteceu na barragem de Feijão, lá em Brumadinho, que isso foi uma enorme **tragédia** totalmente... nos pegou **totalmente de surpresa**, eu estou completamente dessa.. Dilacerado com o que aconteceu”. (VALE, 2019, n. p., grifo nosso).

Nesta formulação, Fabio Schvartman fala a partir do lugar social de presidente da empresa. Segundo Pêcheux (1997), os lugares determinados na estrutura de uma formação social, como o local do patrão ou do funcionário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Para o autor, esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. E o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que os interlocutores “se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997. p.82). Destarte, o que importa em AD não é o lugar empírico, mas o imaginário dos lugares e dos sujeitos.

Desse modo, o termo “*a gente*” materializa a posição discursiva ocupada pela Vale S.A.; visto que o enunciador, na SD 1, fala a partir do lugar da empresa, e, assim, interpelado pela ideologia, identifica-se com a Formação Discursiva Empresarial. E, identificado com a forma-sujeito desta FD, ocupa uma posição-sujeito que defende o discurso empresarial.

Os termos “acidente” e “tragédia” materializam efeitos de sentido de imprevisibilidade, acaso e não-intencionalidade em relação ao rompimento da barragem. O mesmo acontece com o uso da expressão “totalmente de surpresa”, na qual funciona outra posição-sujeito, a de isenção de culpa da Vale S.A. pelo ocorrido. Além disso, no uso de “enorme pesar” e “dilacerado” funciona um efeito de vitimização, materializando sentidos de que a empresa estaria passando por sofrimento.

Em seguida, analisaremos as próximas sequências discursivas, que trazem dois comentários da *thread* de anúncio feita pela Vale S.A.:

### **Figura 2** - SD 2 – Primeiro comentário digital

---

<sup>22</sup> FRANCO, F. #Brumadinho entra no *trending topics* do Twitter: 'nova Mariana'. **Hoje em Dia**, 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/cidades/brumadinho-entra-no-trending-topics-do-twitter-nova-mariana-1.688780>. Acesso em: 3 de ago. 2019.

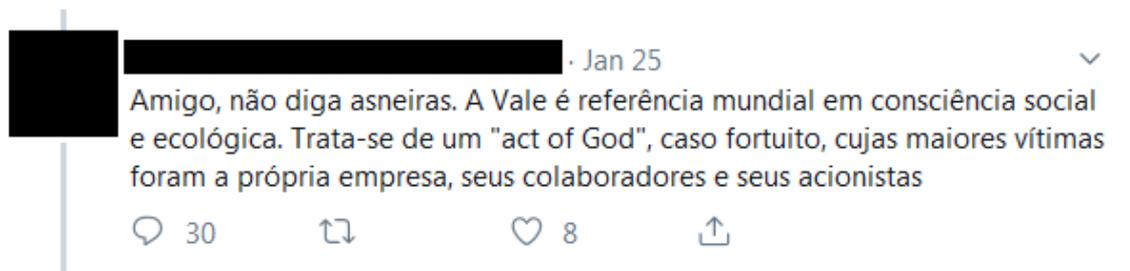


Fonte: captura de tela do *Twitter*.

Disponível em: <https://twitter.com/valenobrasil/status/1088855974646071296>.

Acesso em: 12 de ago. 2019

**Figura 3** - SD 3 – Segundo comentário digital



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088855974646071296>. Acesso em: 12 de ago. 2019.

A sequência discursiva 2 (SD 2) e a sequência discursiva 3 (SD 3) apresentam *tweets* feitos por internautas em resposta ao anúncio da Vale S.A na SD 1. Estas publicações são comentários digitais, um recurso que permite ao leitor se constituir como sujeito discursivo nas mídias digitais e produzir sentidos, instaurando tanto um efeito de estabilização de sentidos como também os contradiscursos. Estas particularidades do digital afetam a produção de sentido. Conforme Dias (2016), a digitalização do mundo “desloca o modo de significação,

produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção” (DIAS, 2016. p. 3). Vejamos, então, como se dá esse processo nestes comentários.

No primeiro comentário, é pedida a prisão dos executivos da empresa, que são discursivizados como criminosos. O *tweet* possui uma charge com o logo da empresa vazando lama. Ao clicar na imagem, a sua versão completa apresenta também o dizer “Vale?”, que materializa a questão financeira, perguntando sobre o valor, ao mesmo tempo que questiona a moral da empresa.

A postagem é marcada com as *hashtags* #brumadinho e #ValeAssassina. Esta última *hashtag* foi uma das mais utilizadas na semana do rompimento<sup>23</sup> e materializa efeitos de sentido de condenação à Vale S.A., por negligência em relação aos riscos de rompimento da barragem de Brumadinho. Conforme Silveira (2013, p. 1): “o aparecimento de um enunciado em forma de *hashtag* inaugura [...] uma relação particular entre os sujeitos e o acontecimento discursivo; entre a língua e a tecnologia; entre a estrutura e o acontecimento”. Assim, de acordo com o discurso que funciona nesta SD, o sujeito discursivo ocupa uma posição-sujeito de contestação ao discurso empresarial materializado na SD 1, contrapondo a posição-sujeito ocupada pela Vale S.A.

Em seguida, há um segundo comentário em resposta ao primeiro, discursivizando o rompimento como um “*act of God*” (do inglês “ato de Deus”, tradução nossa). Funciona aí o atravessamento de um efeito de sentido do discurso religioso, que, nesse caso, isenta a Vale S.A. de qualquer responsabilidade por entender que o acontecido foi provocado por uma força divina. Ao considerar que o rompimento foi um caso fortuito, o autor da formulação assume uma posição-sujeito de isenção de culpa da Vale. Nesse caso, o sujeito sofre interpelação ideológica tanto da FD religiosa quanto da FD empresarial, já que o discurso se alinha aos sentidos da isenção da Vale no que tange ao rompimento da barragem.

Além disso, na formulação, funciona um apagamento de sentidos do sofrimento das vítimas que perderam suas vidas, moradias, entes queridos, além de outros prejuízos sociais e ambientais. Assim, o sujeito-internauta, na SD 3, no jogo discursivo, ocupa uma posição-sujeito identificada com a FD empresarial, que considera que as maiores vítimas do rompimento foram a empresa, colaboradores e acionistas, focando apenas na questão financeira. Esta visão da vida

---

<sup>23</sup> FGV/DAPP, 2019. Com 3,95 milhões de tuites em três dias, discussão sobre desastre em Brumadinho cobra responsabilização da Vale. **Fundação Getúlio Vargas - Diretoria de Análise de Políticas Públicas (FGV/DAPP)**. 2019. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/com-395-milhoes-de-tuites-em-tres-dias-discussao-sobre-desastre-em-brumadinho-cobra-responsabilizacao-da-vale/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

e de aspectos sociais a partir de uma perspectiva econômica é um atravessamento do discurso neoliberal, que, nesta materialidade, funciona em aliança com a FD empresarial.

Conforme Leston Júnior e Kontz (2016), o neoliberalismo é um modelo econômico que busca uma menor intervenção do Estado na economia e fortalecimento do setor privado. Entre as práticas comuns do neoliberalismo estão a redução de impostos, corte de investimentos na área social e privatização de estatais que prestam serviços básicos à população mais carente. Segundo os autores, nesta conjuntura, questões sociais são preteridas em prol do interesse das empresas. Assim, o foco nas perdas dos acionistas e da empresa materializado na SD 3 é um funcionamento do discurso neoliberal.

A próxima SD apresenta a primeira publicação do Ministro do Meio Ambiente sobre o rompimento da barragem de Brumadinho. Vejamos:

**Figura 4** - SD 4 – *Tweet* do Ministro do Meio Ambiente



Ricardo Salles MMA ✓  
@rsallesmma

Em deslocamento com o Gov MG Zema para o local do acidente em Brumadinho.

[Translate Tweet](#)



7:04 PM · Jan 25, 2019 · [Twitter for iPhone](#)

700 Retweets 5.9K Likes

Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>. Acesso em: 07 ago. 2019.

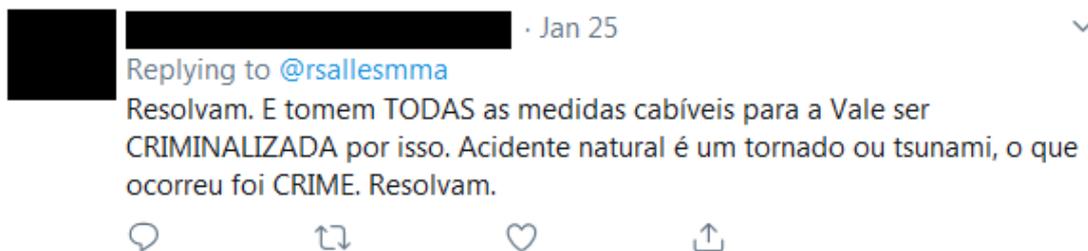
A SD 4 é composta por um *tweet* do então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. A publicação é constituída por uma foto do Ministro sentado ao centro, no interior de uma aeronave, tendo, à sua direita, o procurador-geral da Justiça de Minas Gerais, Antônio Sérgio Tonet, e, à sua esquerda, o Governador de Minas Gerais, Romeu Zema. A imagem é acompanhada de um texto que informa o deslocamento para “o local do **acidente** em

Brumadinho” (grifo nosso).

Esta postagem gerou muita polêmica nos comentários pelo uso do termo **acidente**. Embora a ideologia instaure a ilusão da transparência da linguagem, provocando um efeito de evidência dos sentidos, as palavras não têm sentidos que lhes sejam próprios (PÊCHEUX, 1995). Assim, na SD 4, o termo acidente materializa efeitos de sentido de algo fortuito e silencia outros sentidos possíveis, como crime ambiental. Desta forma, funciona, nesta SD, uma posição-sujeito de adesão ao discurso da SD 1, ou seja, instaura-se um movimento de identificação com a Formação Discursiva empresarial.

Em resposta a esta publicação, houve a postagem de um grande número de comentários, os quais materializam sentidos de questionamentos ao uso do termo acidente. Vejamos as SDs 5, 6 e 7, apresentadas a seguir, constituídas de postagens em resposta ao *tweet* de Ricardo Salles:

**Figura 5** - SD 5 – Primeiro comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>. Acesso em: 07 ago. 2019.

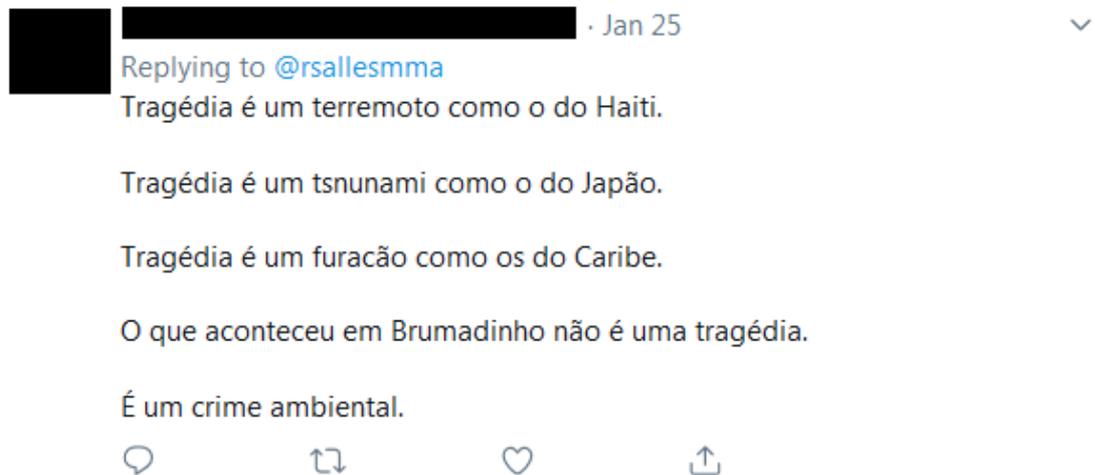
Na SD 5, funcionam sentidos de repúdio e resistência ao discurso empresarial, inscrito nos discursos da Vale, e ao discurso estatal, pois também questiona o silenciamento do poder público e cobra ações dos membros do governo que aparecem na publicação do ministro Ricardo Salles, pedindo a tomada de todas medidas cabíveis. Assim, na SD 5, o enunciador ocupa a posição-sujeito segundo a qual o rompimento não foi um acidente, mas um **crime**.

No trecho “Acidente natural é um tornado ou tsunami, o que ocorreu foi CRIME”, instaura-se uma relação metafórica entre desastres naturais e o rompimento da barragem. Observa-se aí o funcionamento da metáfora discursiva, uma substituição, com efeitos de desestabilização de sentidos, já que tsunami e tornado, por exemplo, são acidentes naturais, enquanto o caso de Brumadinho é discursivizado com sentidos de **crime**. Nesta formulação da

SD 5, o comentarista ocupa uma posição-sujeito de confronto aos sentidos de acidente para o rompimento da barragem, ou seja, uma posição-sujeito contrária à FD empresarial da Vale S.A., já que criminaliza a empresa pelo rompimento da barragem de Brumadinho.

Vejamos a próxima SD:

**Figura 6** - SD 6 – Segundo comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente



Fonte: captura de tela do *Twitter*.

Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>. Acesso em: 07 ago. 2019.

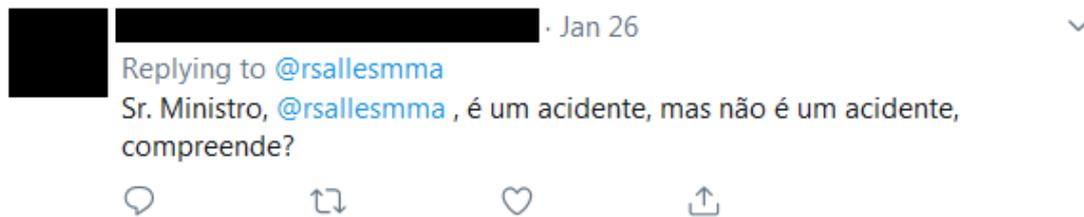
Já a SD 6 funciona em uma relação de paráfrase com a SD 5, sendo instaurada a reiteração do mesmo (ORLANDI, 2012). Em ambas materialidades são produzidos sentidos de tragédia para fenômenos naturais, enquanto que o rompimento da barragem é discursivizado com um sentido diferente, não como tragédia, mas de crime ambiental. É instaurado também, na SD 6, um efeito de paráfrase entre os termos **tragédia** e **acidente**. Tais palavras apresentam semelhanças de sentidos, embora não sejam exatamente iguais, são “diferentes formulações do mesmo dizer segmentado” (ORLANDI, 2012, p. 36).

Além disso, é instaurado nesta materialidade um deslizamento de sentidos de tragédia para crime ambiental. Assim, a posição-sujeito que funciona na SD 6 é a mesma da SD 5, que confronta os sentidos de acidente e se opõe à FD empresarial. Entretanto, na SD 6, questiona-se o termo tragédia, que não apareceu na publicação do ministro do meio ambiente, mas funciona pelas diversas vozes que falam “pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos

em outros dizeres” (ORLANDI, 2012, p.32).

Assim, podemos observar que há uma disputa de sentidos nas redes digitais, neste caso, no *Twitter*. As respostas ao *tweet* de Ricardo Salles instauram um embate entre discurso e contradiscursos. Na SD seguinte, também funciona este jogo de forças.

**Figura 7** - SD 7 – Terceiro comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>. Acesso em: 07 ago. 2019.

Por fim, a SD 7 questiona o próprio sentido de acidente nesta conjuntura, afirmando que o rompimento é e, ao mesmo tempo, não é um acidente, o que levanta dúvidas sobre a intencionalidade e a inevitabilidade do acontecido.

Enquanto o ministro Ricardo Salles ocupa uma posição-sujeito de defensor dos interesses empresariais, totalmente identificado com a FD empresarial, nesta SD, o sujeito do discurso questiona a evidência de sentido do termo acidente.

Segundo o especialista Dr. Carlos Barreira Martinez<sup>24</sup>, em entrevista ao jornal Estado de Minas dois dias após o rompimento, casos como o de Brumadinho podem ser evitados, pois “a estrutura não entra em colapso de uma hora para outra. Elas dão sinais. É preciso instrumentalizar e analisar o dado, mas as empresas não investem no conhecimento” (OLIVEIRA, 2019, n. p.). Desta forma, a inevitabilidade do rompimento é respaldada pelo discurso científico. Portanto, os sentidos de acidente, para se referir ao que aconteceu em Brumadinho, silenciam sentidos de responsabilidade da Vale. S.A.

Poucos dias depois do rompimento da barragem, o Ministro Ricardo Salles fez uma declaração mais longa sobre o ocorrido para uma rádio. A próxima SD apresenta um

<sup>24</sup> Carlos Barreira Martinez é um engenheiro hidráulico Doutor em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

contradiscurso em relação a este pronunciamento. Vejamos:

**Figura 8** - SD 8 – *Tweet* da Rádio CBN com declarações do ministro Ricardo Salles *retweetado* pelo ambientalista Carlos Rittl



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/carlosrittl/status/1089867354371178496>. Acesso em: 23 ago. 2019.

A SD 8 traz um *retweet* feito pelo ambientalista Dr<sup>o</sup> Carlos Rittl<sup>25</sup> de uma entrevista feita pela Rádio CBN<sup>26</sup> ao ministro do meio ambiente Ricardo Salles. O trecho do áudio da entrevista reproduzido no *tweet* materializa o discurso estatal, cujo enunciador é o ministro do

<sup>25</sup> Carlos Rittl, 50, é doutor em biologia tropical pelo Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e secretário-executivo do Observatório do Clima.

<sup>26</sup> A Central Brasileira de Notícias (CBN) é uma rádio de notícias que pertence ao Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país.

meio ambiente, o qual sugere a redução da fiscalização de fazendas e de outros negócios rurais; e que o licenciamento ambiental seja simplificado para que o governo possa focar suas operações em temas de maior impacto. Desse modo, o discurso estatal funciona em regime de aliança com a FD empresarial. Assim, o que gera “maior impacto” nesse discurso são apenas os lucros, não as vidas.

A função de *retweet*, que pode ser utilizada no mesmo espaço do *tweet* compartilhado, é, aqui, utilizada para assumir uma posição de confronto. Na SD 8, o sujeito é interpelado ideologicamente pela Formação Discursiva Ambientalista. Assim, ocupa uma posição-sujeito de defesa ao meio ambiente como prioridade, acima da indústria e do agronegócio, e entra em embate com a FD empresarial.

Na materialidade, o rompimento da barragem de Brumadinho é discursivizado como crime. Além disso, acontece um deslizamento de sentidos para o termo tragédia, em um efeito de polissemia. Nesse caso, diferente da SD 1, em que o termo é discursivizado como acaso, aqui, funciona um sentido de intencionalidade, com a tragédia sendo “fabricada” devido a ações do governo. Acontece, então, um confronto discursivo entre o discurso ambientalista e o discurso governamental, enquanto o primeiro se preocupa com o ecossistema, o segundo funciona em uma aliança com o discurso empresarial e o discurso neoliberal, buscando favorecer os setores do agronegócio e da indústria.

Em seguida, apresentamos outra SD em que funciona o discurso ambientalista. Passemos à análise da SD 9:

**Figura 9** - SD 9 –*Tweet* da Mídia NINJA reproduzindo trecho de nota da AGB e ANPEGE



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1089591477687279616>. Acesso em: 26 ago. 2019.

Esta SD apresenta um *tweet* da rede de jornalismo alternativo Mídia NINJA, com uma citação e um *link* para o texto completo da nota oficial emitida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), reunida na 136ª Reunião de Gestão Coletiva (RGC), e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE).

O enunciador assume uma posição-sujeito que produz sentidos de crime ambiental para o rompimento da barragem de Brumadinho, ou seja, uma posição contrária ao discurso empresarial e ao discurso neoliberal. Na materialidade, dá-se uma regularidade discursiva com as SDs 6 e 7, nas quais também funciona o confronto aos efeitos de sentido de acidente para o rompimento da barragem, pois não foi algo fortuito, como aqueles que ocorrem em fenômenos naturais.

Funcionam também efeitos de sentido de denúncia à negligência como causa de

rompimento da barragem, estabelecendo confrontos com o discurso empresarial e com o discurso governamental; efeitos de denúncia à irresponsabilidade da Vale. S.A e também da omissão do poder público na fiscalização nas operações da barragem de Brumadinho.

A próxima SD constitui-se de uma publicação efetuada algumas semanas após o rompimento e, também, materializa sentidos de negligência na operação da barragem. Vejamos:

**Figura 10** - SD 10 – *Tweet* do portal G1



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/g1/status/1095287656898949125>. Acesso em: 12 ago. 2019.

A SD 10 apresenta um *tweet* do Portal G1<sup>27</sup> publicado 18 dias após o rompimento da barragem. Segundo a publicação, a Vale S.A. tinha conhecimento antecipado dos riscos de rompimento da barragem de Córrego do Feijão. Essas informações foram depois confirmadas

<sup>27</sup> O G1 é o portal de notícias do Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país.

por funcionários<sup>28</sup> e por um relatório da Agência Nacional de Mineração, que comprovou que não apenas a empresa estava ciente dos riscos, como omitiu propositalmente essas informações em relatórios<sup>29</sup>.

A materialidade da SD 10 instaura sentidos de confronto com a memória de “tragédia” e “acidente” materializada na SD 1, desregulando a rede de implícitos<sup>30</sup> (PÊCHEUX, 1999) e deslocando o sentido de “tragédia de Brumadinho”, que deixa de ser algo fortuito e passa a funcionar com um sentido de crime ambiental.

Assim, nos embates discursivos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, discursivizado no *Twitter*, como ocorridos nas SDs anteriores, instaura-se um jogo de forças da memória com uma disputa de sentidos entre as formulações **acidente/tragédia** e **crime ambiental**. As condições de produção do espaço digital afetam esses embates, de forma que características do *Twitter*, como a velocidade da propagação das notícias, a possibilidade de interação direta, de subjetivação através de curtidas e *retweets*, entre outras especificidades, produzem sentidos e instauram tomadas de posições.

Pela análise destas 10 sequências discursivas, pudemos verificar que o discurso sobre rompimento da barragem de Brumadinho produz diferentes efeitos de sentido. A Formação Discursiva empresarial e o discurso neoliberal funcionam em regime de aliança, discursivizando o rompimento como tragédia e acidente, com efeitos de acaso e não-intencionalidade, isentando a Vale S.A. da culpa pelo rompimento da barragem. Nos discursos que circulam nestas FD, observa-se um efeito parafrástico que se materializa na relação entre acidente e tragédia.

Os discursos científico e ambiental se aliam em um contradiscurso que discursiviza o rompimento como crime ambiental. Ocorre o questionamento da evidência de sentido dos termos tragédia e acidente, que são confrontados com efeitos de sentido de culpabilização e intencionalidade, instaurando um deslizamento de sentidos e efeitos de polissemia para crime ambiental.

Foi verificado também que a materialização de novos sentidos sobre o rompimento

---

<sup>28</sup> COLETTA, R.D. Engenheiro da Vale diz que diretoria da empresa sabia de riscos da barragem de Brumadinho. **Folha de S. Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/engenheiro-da-vale-diz-que-diretoria-da-empresa-sabia-de-riscos-da-barragem-de-brumadinho.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2019.

<sup>29</sup> VALE deixou de relatar para agência de mineração problemas e riscos em barragem de Brumadinho. **Folha de S. Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/vale-deixou-de-reportar-para-agencia-de-mineracao-problemas-e-riscos-em-barragem-de-brumadinho.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

<sup>30</sup> Embora o termo “implícito” seja usado em outras teorias da Linguística, Pêcheux (1999) o utiliza para remeter aos pré-construídos.

instaurou um acontecimento que desregulou implícitos e estabilizou/desestabilizou sentidos sobre o rompimento da barragem. Conforme Pêcheux (2006), a língua está sujeita ao equívoco e o sentido sempre pode ser outro.

## 2.4 Nos fios das tramas analíticas – RECORTE II

Neste recorte, composto das SDs 11 a 16, analisamos algumas materialidades referentes ao discurso no qual a Vale S.A se subjetiva, na relação com o discurso inscrito em falas dos familiares de vítimas do rompimento da barragem de Brumadinho. Buscamos investigar os efeitos de sentido, confrontos discursivos e posições-sujeito que funcionam nesta trama. Os recortes selecionados foram organizados em seis sequências discursivas (SDs 11 a 16), expostas a seguir:

**Figura 11** - SD 11 - *Tweet* da Vale S.A.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/valenobrasil/status/1090201825586958336>. Acesso em: 12 ago. 2020.

A SD 11 é constituída de um *tweet* da Vale S. A. postado quatro dias após o rompimento da barragem de Brumadinho. A publicação é marcada com duas *hashtags*: #ValeInforma e #Brumadinho. A primeira é utilizada pela empresa para agregar suas publicações informativas e a segunda foi a *hashtag* mais utilizada no *Twitter* para reunir postagens sobre o rompimento

da barragem de Brumadinho<sup>31</sup>.

Na materialidade, o enunciador ocupa uma posição-sujeito alinhada ao discurso neoliberal, que, segundo Guilbert (2020, p. 22), tem “uma visão empreendedora e puramente econômica da vida e de todas as atividades humanas”. O uso do termo “doação” produz efeitos de sentido de caridade e altruísmo da Vale em relação às vítimas, instaurando um silenciamento de outros sentidos possíveis.

Segundo Orlandi (2007, p. 73), o silenciamento, ou política do silêncio, “se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”. Assim, ao dizer “doação”, apagam-se sentidos de outros termos que poderiam ter sido utilizados, como indenização emergencial, repasse, pagamento, reparação... entre outros em que funcionariam sentidos de culpabilização da Vale S.A. pelo rompimento da barragem de Brumadinho. Trata-se do silêncio constitutivo que, segundo Orlandi (2007, p. 24) nos indica, “para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente as outras palavras)”. O mesmo funcionamento pode ser observado no uso de “oferecendo”, que silencia sentidos de culpa e responsabilidade. Desta forma, o termo doação produz sentidos de benfeitora social para a Vale S.A, instaurando sentidos de que a empresa é “bondosa”, como será discutido mais adiante na análise da próxima SD, que reforça este funcionamento. A posição-sujeito de benfeitor social já foi observada no trabalho de Cortes (2015).

Além disso, na expressão “independentemente de serem ou não empregados da Vale” são instaurados sentidos de que a empresa está fazendo mais do que deveria, pois está auxiliando até quem não é funcionário. É instaurado aí um novo silenciamento da responsabilidade da empresa por todos os atingidos pelo rompimento da barragem. Já os familiares das vítimas são discursivizados, nesta materialidade, como beneficiários que estão recebendo ajuda da Vale, sendo silenciados os sentidos de que eles são vítimas da empresa.

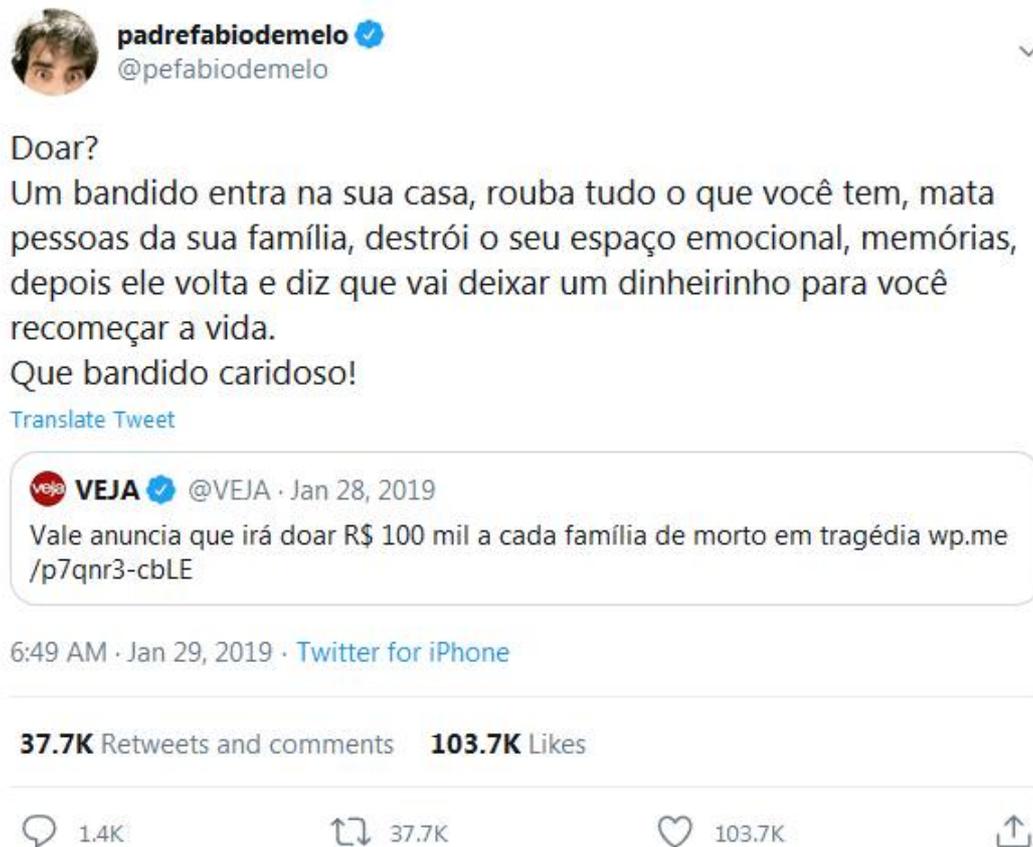
O discurso que funciona nesta sequência discursiva foi materializado por parte da grande mídia. Dias (2015), retomando Pêcheux, argumenta que, como os clérigos na Idade Média, existem grupos que agem como portadores da leitura, que ditam como uma obra deve ser interpretada. Para a autora, um dos grupos que desempenha este papel atualmente é a grande mídia, que ela acredita estar “a serviço do Estado e do empresariado” (DIAS, 2015, p. 974). Na próxima SD, será apresentado um *retweet* com comentário de uma publicação da Veja sobre o

---

<sup>31</sup> FRANCO, F. #Brumadinho entra no *trending topics* do Twitter: 'nova Mariana'. **Hoje em Dia**, 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/cidades/brumadinho-entra-no-trending-topics-do-twitter-nova-mariana-1.688780>. Acesso em: 21 ago. 2020.

tema.

**Figura 12** - SD 12 - *Retweet* do Padre Fábio de Melo da publicação da Veja



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/pefabiodemelo/status/1090170064807043072>. Acesso em: 12 ago. 2020.

O SD 12 traz um *tweet* da *Veja* *retweetado* pelo Padre Fábio de Melo. A *Veja* é a revista de maior circulação no país<sup>32</sup> e representa a grande mídia. Na publicação, a revista materializa o mesmo discurso que funciona na SD 11, utilizando o termo “doação” para se referir ao repasse extrajudicial feito pela empresa aos familiares das vítimas do rompimento da barragem de Brumadinho.

O Padre Fábio de Melo, nesta sequência discursiva, ocupa uma posição-sujeito de repúdio ao discurso que funciona na SD 11. O imaginário do lugar de padre ocupado pelo enunciador também produz sentidos de autoridade moral. Conforme explica Orlandi (2006, p.

<sup>32</sup> SOBREIRO, P. Qual a revista de maior circulação no Brasil? E no mundo? **Super Interessante**. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-revista-de-maior-circulacao-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

16), o lugar do qual se fala faz parte das condições de produção do discurso e estabelecem as relações de força, segundo as quais “o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa”.

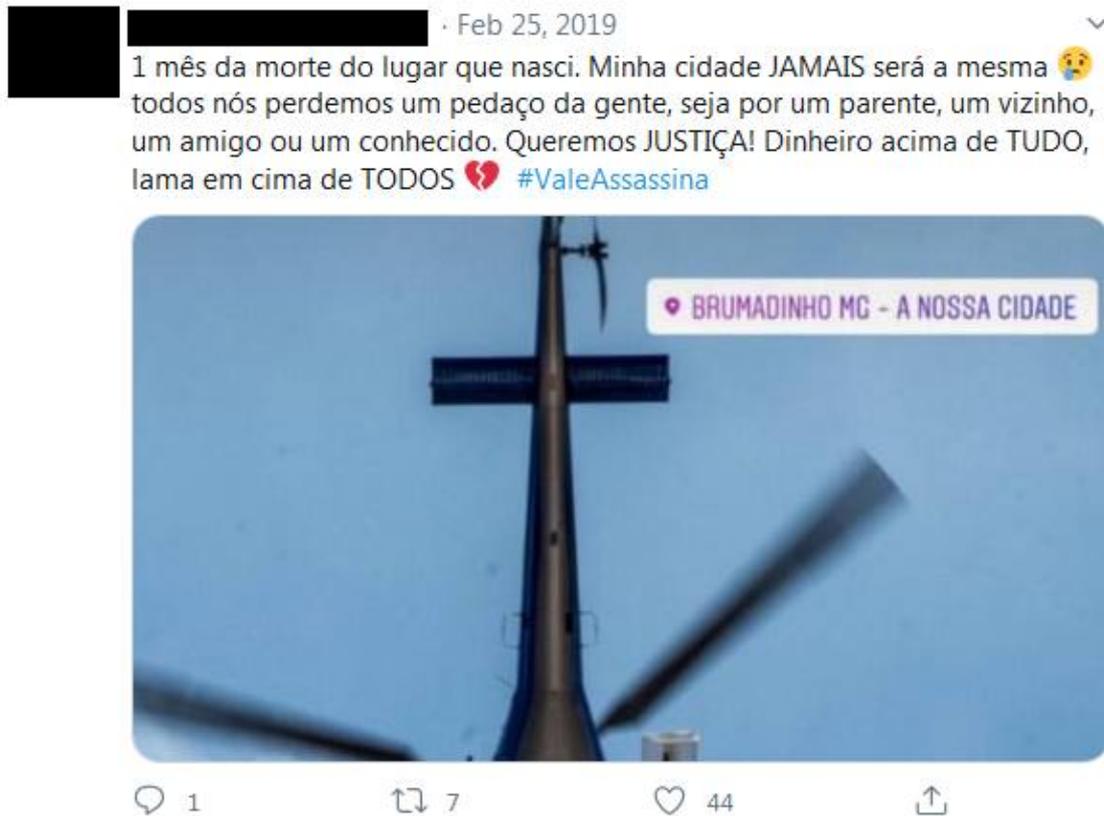
Na SD 12, há a resistência ao discurso com o qual a Vale S.A. se identifica, o uso do termo “doar” é confrontado, sendo utilizada uma analogia entre a Vale S.A. e um bandido, discursivizando a empresa como criminosa e os familiares como vítimas. No uso dos verbos “matar”, “roubar” e “destruir”, para descrever as ações do bandido, é produzido um efeito metafórico de paráfrase da parábola do ladrão de ovelhas, presente na Bíblia, na qual Jesus diz que “o ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir” (BÍBLIA, João, 10, 10), funcionando um atravessamento do discurso religioso.

Segundo Pêcheux (1995, p. 277) o efeito metafórico é uma palavra por outra, um deslizamento de sentidos. Orlandi (2006, p. 27) explica que “não há sentido sem essa possibilidade de deslize”. No caso da paráfrase, ela acontece quando, “apesar da variedade da situação e dos locutores, há o retorno ao mesmo espaço dizível” (ORLANDI, 1998, p. 15). Assim, os sentidos de “roubar”, “matar” e “destruir”, que funcionam na SD 12, reiteram os sentidos que funcionam na parábola.

Já no uso da expressão “que bandido caridoso!”, é utilizada a ironia, que, segundo Orlandi (2012, p. 11), pode ser definida como “a expressão de uma coisa (séria) mediante palavras que significam o contrário (o jogo)”. Nesta materialidade, a ironia é usada para questionar a “caridade” da Vale S.A. e instaura efeitos de culpabilização da empresa. O sentido do termo “caridade” é afetado pelo discurso religioso, pois, de acordo com a doutrina católica, a caridade é uma virtude teologal através da qual o amor por Deus e pelo próximo é exercido (CIC, 2005). Já o termo “bandido” instaura efeitos de sentido de crime e de atitudes reprováveis. Assim, na materialização da expressão “bandido caridoso”, funcionam, pelo discurso irônico, sentidos de repúdio e de criminalização à/da Vale S.A.

Na próxima SD, veremos um *tweet* de uma pessoa natural de Brumadinho, feito um mês após o rompimento.

**Figura 13** - SD 13 - *Tweet* de um brumadinhense



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/whateveradma/status/1100152911613562880>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Na SD 13, o discurso sobre o rompimento da barragem é materializado com efeitos de sentido de morte da própria cidade, ressaltando a permanência dos danos causados, que alteraram de maneira definitiva a situação do município e de todos que ali vivem. O discurso que funciona na publicação produz sentidos de dor pelas pessoas que morreram, que são discursivizadas como um “pedaço” dos que perderam alguém no rompimento da barragem. Também são instaurados sentidos de revolta e pedido por justiça.

Na expressão “Dinheiro acima de TUDO, lama em cima de TODOS”, funciona um efeito metafórico de polissemia na relação com o slogan de campanha de Jair Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Ao tratar dos efeitos metafóricos, Orlandi (2012, p.12) define a polissemia como “diferentes movimentos de sentidos no mesmo objeto simbólico”. Assim, na materialidade da SD 13, é produzido um deslizamento e “Brasil” é substituído por “Dinheiro”, instaurando sentidos de críticas à Vale S.A., por se preocupar apenas com o capital. Dessa forma, ao materializar a expressão “Dinheiro acima de TUDO”, o enunciador da SD 13 ocupa uma posição-sujeito de repúdio ao discurso neoliberal no qual a Vale S.A se subjetiva, o

que é reforçado em “lama em cima de TODOS”, que instaura sentidos de que a referida empresa não se importa com o meio ambiente e as vidas humanas.

Funciona também, na SD 13, efeitos de sentido de culpabilização da Vale através do uso da *hashtag* #ValeAssassina. A materialidade apresentada traz, ainda, a imagem de um helicóptero sobrevoando Brumadinho, o que instaura sentidos de que a realidade da cidade foi modificada.

A próxima SD traz um *tweet* sobre um ato realizado por moradores e familiares de vítimas fatais do rompimento da barragem de Brumadinho. Vejamos:

**Figura 14** - SD 14 - *Tweet* da Rádio Itatiaia



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/radioitatiaia/status/1221096276512645120>. Acesso em: 13 ago. 2020.

A SD 14 é composta por um *tweet* da Rádio Itatiaia, uma emissora radiofônica mineira que está no ar desde 1952. A publicação noticia um ato ocorrido na cidade de Brumadinho, um ano após o rompimento da barragem, que reuniu familiares, amigos e voluntários que prestaram uma homenagem às vítimas. Há, também, um vídeo incorporado, no qual é possível ver a soltura de balões, descrita no *tweet*, ao som da música *Indignação*, de Rafael Librelon, que foi composta em homenagem às vítimas de Brumadinho<sup>33</sup>.

Na publicação, funciona uma posição-sujeito de apoio aos familiares das vítimas, em confronto com a posição-sujeito ocupada pela Vale S.A., são instaurados sentidos de que as consequências do rompimento ainda são sentidas e, ao materializar que as vítimas fatais ainda estão “presentes”, são instaurados efeitos de sentido de permanência e atualidade. Assim, nesta materialidade, funciona um discurso com efeitos de sentido consonante com o da SD 13, na qual funcionava um sentido de que a cidade jamais seria a mesma. Além disso, a cor vermelha dos balões atualiza uma memória de sentidos de resistência, luta; conforme Orlandi (2012, p.29) "a cor vermelha está ligada historicamente a posições revolucionárias, transformadoras". Levando este funcionamento da memória em consideração, é possível observar a força da memória, já se os balões mobilizassem cores diferentes, outros sentidos seriam produzidos, como o de luto, caso os balões fossem pretos, ou de paz, caso fossem brancos, etc.

Vejamos, agora, um *tweet* da Vale S.A. sobre o ano da empresa em 2019 e perspectivas para o futuro:

---

<sup>33</sup> LIBRELON, R. **Indignação** - Rafael Librelon. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nLwB51b2fHk>. Acesso em: 10 ago. 2020.

**Figura 15** - SD 15 - *Tweet* da Vale do Brasil com relatório de 2019



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/valenobrasil/status/1253098151621337088>. Acesso em: 12 ago. 2020.

A publicação da Vale S.A. apresentada na SD 15 faz um balanço do Relatório de Sustentabilidade 2019 da empresa e traz um link para a versão completa do relatório. A Vale S.A. enuncia a partir de uma posição-sujeito neoliberal, preocupada com o desempenho e a lucratividade da empresa. Assim, os sentidos do rompimento, que funcionam nesta materialidade, são afetados pela posição-sujeito que a mineradora ocupa, pois, conforme afirma Pêcheux (1995, p. 160), “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Desta forma, a discursivização do rompimento como fonte de aprendizados, que funciona neste *tweet*, silencia a culpa da empresa e a recorrência de rompimento de barragens, pois, em 2015, a empresa foi também responsável pelo rompimento da barragem de Mariana; e se este tipo de acontecimento trouxesse aprendizado à empresa, novas ocorrências não aconteceriam. Funciona, assim, nesta materialidade, um efeito de evidência de sentidos de que a Vale S.A. aprendeu a lição, que silencia sentidos não-ditos sobre o motivo deste aprendizado não ter ocorrido, de que a empresa, mesmo sabendo da possibilidade do rompimento, colocou os seus interesses financeiros acima das possíveis perdas sociais e ambientais.

Um outro efeito de silenciamento funciona, no trecho da SD 15 “construir um legado social, econômico e ambiental positivo”, no qual a culpa da empresa por destruir aspectos

sociais, econômicos e ambientais de Brumadinho são apagados, sendo a Vale S.A. discursivizada como benfeitora. Já em “reparar integralmente Brumadinho” funciona um silenciamento de que muitos dos danos causados não podem ser reparados, como as vidas perdidas e sofrimento infligido. E, na expressão “novo capítulo”, são produzidos sentidos de que o acontecido em Brumadinho é algo superado, uma página virada, silenciando os sentidos de que as consequências do rompimento se fazem presente.

Pode ser observado que funciona um confronto entre o discurso inscrito na fala dos familiares, materializado na SD 14, com sentidos de manter presente a memória do rompimento da barragem de Brumadinho, e o discurso assumido pela Vale S.A., que funciona na SD 15, que silencia a memória das consequências e da responsabilidade pelo que aconteceu.

Neste confronto discursivo, funciona o que Indursky (2015) vai chamar de conflito entre as políticas do esquecimento e as políticas de resgate da memória. A autora indica que ocorrem disputas pela memória, sendo que as políticas de esquecimento são construídas através de gestos de silenciamento do poder dominante, que faz circular apenas discursos que são do seu interesse, produzindo, assim, o apagamento de outras memórias; a autora chama esse funcionamento de dobradura da memória, que produz, segundo ela, uma desmemória<sup>34</sup>. A autora também acrescenta que, nesse processo, também podem funcionar as políticas de resgate da memória, que instauram a resistência e “dão visibilidade ao que as políticas do esquecimento tornaram invisível” (INDURSKY, 2015, p. 21), denunciando a prática do silenciamento.

Assim, Indursky (2015, p.26) destaca que este embate entre as políticas de esquecimento e as políticas de resgate da memória indica que “sujeitos e história estão em confronto do qual decorre forte conflito entre os sentidos em circulação e os que deixam de circular”. Esse conflito também funciona nos embates de sentidos discursivos nas mídias digitais sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, pois, conforme Dias (2018), o digital cria novas formas de resistência, enquanto tecnologia específica, e produz sentidos pelo funcionamento da memória discursiva.

A próxima SD traz um depoimento de um familiar de uma pessoa falecida no rompimento da barragem de Brumadinho, em um ato feito para homenagear as vítimas e cobrar justiça. Passemos à descrição e análise da SD:

**Figura 16 - SD 16 - *Tweet* do Observatório da Mineração**

---

<sup>34</sup> Não se trata, aqui, do conceito de desmemória apresentado por Paul Ricoeur em “A Memória, a história e o esquecimento”.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/obsmineracao/status/1265415623170981889>. Acesso em: 13 ago. 2020.

A SD 16 é constituída de um *tweet* do Observatório da Mineração, um site de jornalismo investigativo dedicado à área da mineração. Na materialidade, há um link incorporado de uma matéria do jornal *Correio Braziliense*<sup>35</sup>, que noticia um ato organizado pela AVABRUM, a Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pela tragédia de Brumadinho. O evento ocorreu de forma virtual por conta da pandemia da corona vírus. Os atos realizados pelos familiares funcionam como um resgate da memória do acontecido em Brumadinho.

O *tweet* do Observatório da Mineração traz a citação de um depoimento, presente na matéria *linkada*, no qual são materializados sentidos de indignação, pedido por justiça e resgate

<sup>35</sup> EMILIANA, C. Familiares das vítimas de Brumadinho cobram justiça em ato virtual. **Correio Braziliense**. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/05/25/interna-brasil,858105/familiares-das-vitimas-de-brumadinho-cobram-justica-em-ato-virtual.shtml>. Acesso em: 13 ago. 2020.

de memória. É instaurado um confronto com o discurso que funciona na SD 15, pois enquanto que, no *tweet* da Vale S.A., funcionam sentidos de reparação integral aos danos causados, na SD 16, os prejuízos provocados pela empresa são discursivizados como irreparáveis. Além disso, a SD 15 produz sentidos de que o resultado do rompimento para a Vale S.A. são aprendizados, já no discurso que circula na SD 16 são instaurados sentidos de que o rompimento da barragem é um crime e de que a empresa deve ser punida. Um outro confronto funciona entre o sentido de esquecimento, que funciona em “novo capítulo”, na SD 16, silenciando os danos causados pela Vale S.A. e sua responsabilidade, e resgate da memória das consequências do rompimento instaurado na SD 16, que funciona tanto no próprio ato organizado pelos familiares em si, quanto no pedido construção de um memorial às vítimas.

Assim, é possível observar que o discurso inscrito nas falas dos familiares, que funciona na SD 16, e o discurso com o qual a Vale S.A. se identifica, instaurado na SD 15, são antagônicos, e materializam a disputa pelas memórias do rompimento da barragem de Brumadinho, caracterizando o embate entre as políticas de esquecimento e as políticas de resgate da memória. Neste confronto, os sujeitos discursivos alinhados com o discurso empresarial e neoliberal produzem gestos de silenciamento para provocar o esquecimento das responsabilidades da empresa, da permanência dos danos causados, enquanto que os sujeitos alinhados com o discurso inscrito nas falas dos familiares resgatam estas memórias, relembando as vidas perdidas, a negligência e a responsabilidade penal da empresa.

### 3 DISCURSIVIDADES DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO SOB O JOGO DE FORÇAS DA MEMÓRIA: ENTRE A (DES)ESTABILIZAÇÃO E OS DESLIZAMENTOS DE SENTIDOS

*BRUMADINHO (OU: O SEGUNDO CRIME DA VALE)  
 ...O Rio Doce ficou amargo, salgado, azedou.  
 O Paraopeba, este da minha infância em Juatuba  
 Agora vai pelo mesmo caminho de rejeitos  
 Rejeitados.*

Kika Castro

Inicialmente, discorreremos sobre as noções teóricas centrais mobilizadas para as análises deste capítulo. Ademais, também apresentamos um panorama da memória de mortes e danos causados pela mineração no Brasil, visando uma compreensão mais ampla do funcionamento desses implícitos no discurso sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, nosso objeto de análise.

#### 3.1 Interdiscurso e Memória discursiva

Na perspectiva da Análise de Discurso, a linguagem faz sentido porque se inscreve na história, de modo que a constituição desse sentido depende da relação com a memória (PÊCHEUX, 1999), a qual, conforme aponta Pêcheux (1999, p. 56), não diz respeito à memória no sentido psicologista, individual. Trata-se, portanto, de considerar que as materialidades a serem analisadas, neste trabalho, não são transparentes, não significam por si mesmas e nem dependem de uma memória cognitiva para produzirem sentido, pois, conforme afirma Indursky (2011, p. 71), na esteira de pensamento de Pêcheux (1999), “a memória de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante”.

Pêcheux (1999) parte da noção de regularização para compreender a memória, considerando que a regularização de sentidos é provocada pela repetição, a qual pode, também, levar à quebra de regularização de sentidos. Assim, o autor define que a memória não seria uma esfera plena, de conteúdo homogêneo, pois é, na verdade, um “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Courtine (2009, p. 105-106) inicia a definição de memória discursiva distinguindo-a de toda memorização psicológica. Para o autor, “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos

ideológicos” e visa os discursos que são ditos, permanecem ditos, assim como aqueles que ainda estão por dizer.

Por sua vez, Orlandi (2012) afirma que, quando pensada em relação ao discurso, a memória tem suas características e é tratada como interdiscurso, o qual, segundo a autora, “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2012, p.31). Já para Indursky (2011), a memória discursiva e o interdiscurso não são semelhantes, ambos se constituem a partir da memória social, mas não se confundem, pois a memória discursiva é regionalizada, enquanto que o interdiscurso compreende uma memória ampla, saturada. A autora afirma que a natureza do interdiscurso é “reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva” (INDURSKY, 2011, p. 86).

Pêcheux (1995, p. 162) define que o interdiscurso é o “todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Na perspectiva do autor, o interdiscurso é aquilo que fala antes, sempre, em outro lugar e independentemente, ou seja, é um “já dito” que retorna. Para o autor, há dois tipos de elementos do interdiscurso que determinam o sujeito: pré-construído e articulação. Ele esclarece:

O “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito. (PÊCHEUX, 1995, p. 164).

De acordo Pêcheux (1995), o intradiscurso se apropria e conecta os elementos do interdiscurso na formação discursiva, fazendo parecer que o que vem do exterior tem origem no interior. Neste processo, a forma-sujeito “tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (PÊCHEUX, 1995, p.167), de modo que o que é dito pareça ter sido gerado no intradiscurso, o qual é definido pelo autor como “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (PÊCHEUX, 1995, p. 166).

O interdiscurso também é referido por Courtine (2009) como o tempo longo da memória, ao passo que o intradiscurso é tratado pelo autor como o tempo curto da atualidade de uma enunciação. Assim, segundo o autor, o interdiscurso está numa dimensão interdiscursiva, na qual se tem os já ditos e esquecidos numa estratificação de enunciados, enquanto que o intradiscurso está numa dimensão horizontal, configurando o lugar de sequencialização de elementos do saber. Desse modo, Courtine (2009, p. 106) destaca que é

nesta relação entre o interdiscurso e o intradiscurso que se dá o efeito de memória, quando “uma formulação-origem retorna na atualidade de uma ‘conjuntura discursiva’”. Consonante com isto, Indursky (2003, p. 103) afirma que no “ponto de encontro de uma memória (o interdiscurso) com uma atualidade (o intradiscurso) instaura-se o efeito de memória: os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados”.

A partir da compreensão desses pressupostos teóricos, é possível concluir que os sentidos e os discursos são constituídos e afetados pela memória. Em vista disso, acreditamos que é importante, antes de prosseguirmos para as análises, apresentarmos um panorama de mortes e danos ambientais causados pela mineração no Brasil, para, assim, entendermos melhor como estes implícitos, que existem no tempo longo da memória, afetam o discurso sobre o rompimento da barragem de Brumadinho.

### **3.2 A mineração no Brasil: um histórico de mortes e prejuízos ambientais**

A questão dos prejuízos socioambientais da mineração no Brasil tem sido abordada com frequência desde o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho. Mas, problemas deste tipo, envolvendo a atividade mineradora, existem há muito tempo. Fernandes e Araújo (2016, p.75) ressaltam que "os quase 500 anos de mineração no território brasileiro deixaram grandes passivos ambientais", os autores citam também a existência de conflitos entre as mineradoras e diferentes comunidades e um histórico de acidentes de trabalho no ramo mineiro.

Sobre este tema, Souza (2009) destaca que milhares morreram na lida mineira ou por consequência da mineração, mas que muitas vezes estes dados são omitidos na história. O autor afirma que no ciclo do ouro, no século XVII, muitos trabalhadores, entre escravos e homens livres, foram soterrados nas minas devido à imprudência e às imperícias de administradores e proprietários. E que a evolução tecnológica nos séculos XIX e XX ampliou a produtividade, mas também o número de acidentes. De modo que, apesar das novas técnicas empregadas, "o alto risco do trabalho do mineiro continuou arrebatando diversas vidas, deixando viúvas e órfãos" (SOUZA, 2009, p. 228).

Ainda de acordo com Souza (2009), além dos riscos de acidentes no trabalho, os trabalhadores da mineração estavam suscetíveis a várias doenças, principalmente as respiratórias, como a tuberculose e a silicose. O problema chegou a ser tão recorrente que, nos primeiros séculos da mineração no Brasil, muitos conheciam a tuberculose como "doença da mina". Sobre a silicose, Trocate e Coelho (2020) explicam se tratar de uma enfermidade que surge da inalação da poeira da sílica. Os autores afirmam que milhares de mineradores

morreram de câncer de pulmão, em decorrência da falta de equipamentos que diminuíssem a inspiração da sílica nas minas.

Segundo Souza (2009), só no final do século XIX e no início do século XX começaram a ser discutidas questões de segurança dos trabalhadores da mineração, mas, até a primeira década do século XX, nenhuma medida pôde ser implantada, pois não havia órgãos fiscalizadores, nem leis que submetessem as mineradoras ao poder público. Somente em 1919 foi que surgiram leis de segurança no trabalho mineiro, que tornavam as empresas responsáveis por fornecer assistência médica e indenizar vítimas de acidentes.

E, conforme Pontes (2017), as ocorrências ambientais em barragens se tornaram cada vez mais comuns no século XXI, em sua maioria, sem vítimas fatais, mas causando danos ambientais, de modo que, em 2010, foi estabelecida a Política Nacional de Segurança de Barragens, que regulamentou inspeções regulares e a classificação por categoria de risco das barragens, para prevenir ocorrências danosa. No entanto, a autora ressalta que, apesar da criação da normativa, o país não tinha estrutura para fiscalizar as barragens, ficando, muitas vezes, a cargo das próprias mineradoras realizarem as inspeções. A autora salienta que a Vale S. A. é a empresa que possuiu mais barragens no Brasil, tendo sob o seu controle mais barragens do que a soma das administradas por todas as outras mineradoras do país.

Dessa forma, já funciona uma memória sobre rompimentos de barragens e o caso de Brumadinho sofre determinações históricas. Conforme explicam Trocate e Coelho (2020), além dos riscos inerentes ao modelo de megamineração e o uso de barragens de rejeitos, há muitos outros fatores que causaram este rompimento, como também o da barragem de Mariana, em 2015.

No dia 5 de novembro de 2015, ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, no subdistrito de Bento Rodrigues em Mariana (MG). Os rejeitos de mineração que estavam acumulados naquela barragem inundaram a região, provocando dezenove mortes. Depois, esses rejeitos chegaram ao Rio Doce, contaminando um ecossistema do qual fazem parte mais de duzentos municípios entre Minas Gerais e Espírito Santo. Por fim, a lama chegou ao mar, afetando fauna e flora marinha.

A barragem em Mariana era controlada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento de propriedade conjunta das empresas Vale S.A e BHP Billiton. Estas

multinacionais foram cobradas judicialmente pelo crime ambiental, em um processo que se estende até os dias de hoje, sem que as vítimas tenham sido indenizadas<sup>36</sup>.

Após rompimento da barragem de Brumadinho, a revista *Época* encomendou um estudo à plataforma de monitoramento digital Torabit, que analisou meio milhão de menções nas redes sociais sobre Brumadinho nas 24 horas após o rompimento. Segundo a pesquisa: “o principal tema discutido em volta da tragédia pelos usuários é a perplexidade com a reincidência do ocorrido, 40% das menções citam o desastre de Mariana” (ÉPOCA, 2019, n. p.).

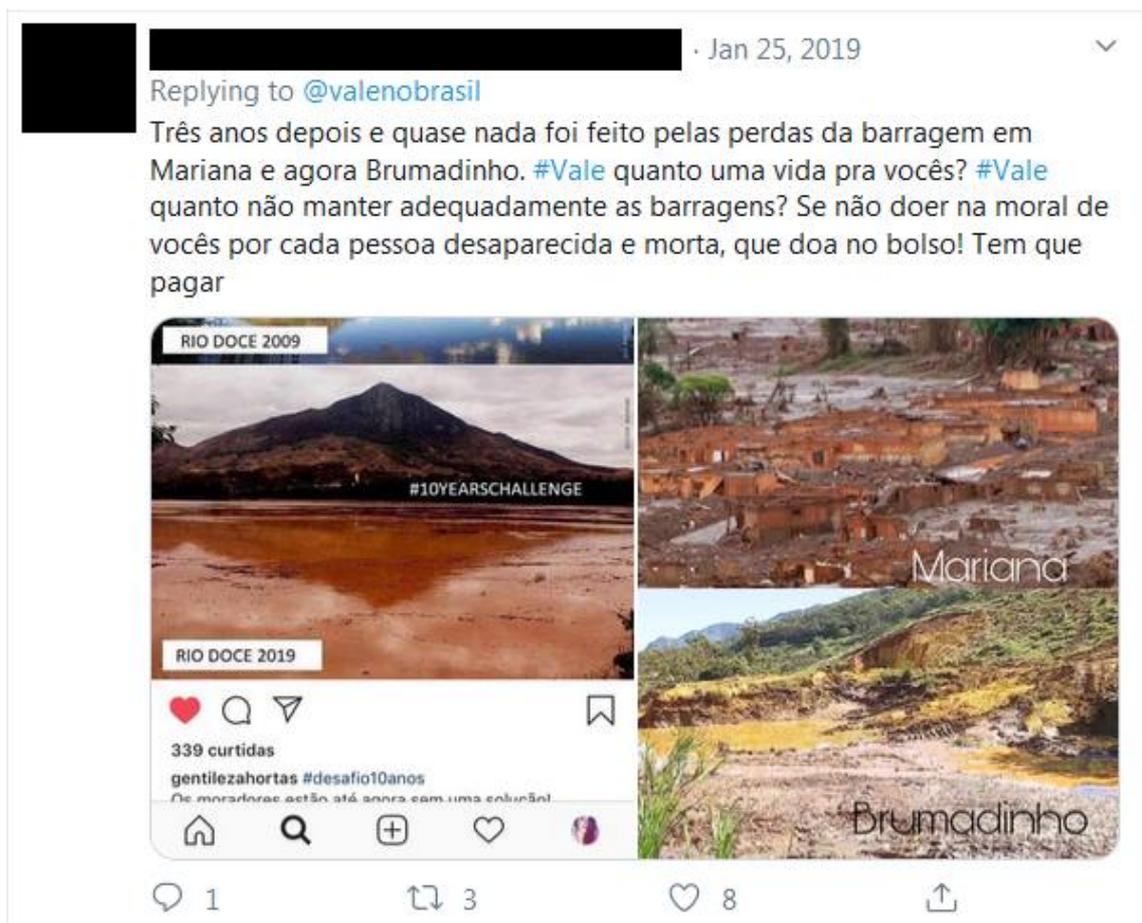
### 3.3 Nos fios das tramas analíticas – RECORTE III

Seguindo com o desenrolar dos fios das tramas analíticas, apresentaremos, a seguir, o recorte III, composto por seis sequências discursivas (SDs 17 a 22) constituídas por *tweets* publicados nas primeiras 24 horas após o rompimento da barragem de Brumadinho. Como critério de escolha, buscamos postagens que fizessem referência direta ou indireta ao rompimento ocorrido em Mariana (MG), no intuito de compreender as relações discursivas estabelecidas entre os dois acontecimentos. Vejamos, então, a SD 17:

---

<sup>36</sup> PARREIRAS, M. Tragédia de Mariana: 200 mil em ritmo de espera por ação internacional. **Estado de Minas**. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/02/interna\\_gerais,1172254/tragedia-de-mariana-200-mil-em-ritmo-de-espera-por-acao-internacional.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/02/interna_gerais,1172254/tragedia-de-mariana-200-mil-em-ritmo-de-espera-por-acao-internacional.shtml). Acesso em: 03 ago. 2020.

**Figura 17** - SD 17 – Comentário digital ao anúncio da Vale S.A.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088855974646071296>. Acesso em: 18 mar. 2020.

A SD 17 apresenta um *tweet* publicado por um internauta em resposta ao anúncio do rompimento da barragem de Brumadinho que foi feito no perfil oficial da Vale S.A., no *Twitter*. A publicação é constituída por um texto verbal e duas imagens. A formulação se inicia retomando a memória do discurso do rompimento ocorrido em Mariana, três anos antes, produzindo efeitos de sentido de negligência, de que nada foi feito para reparar as perdas ocorridas naquela situação e de que o mesmo ocorreu em Brumadinho. Assim, o enunciador da SD 17 ocupa uma posição-sujeito em oposição à ocupada pela Vale S.A.

Em seguida, são feitas perguntas utilizando a *hashtag* #Vale. Nesta formulação, ao ser utilizada a *hashtag* #Vale, há um funcionamento discursivo que tanto produz o sentido do nome da empresa Vale S.A quanto um outro sentido de questionar o valor de uma vida e o valor da manutenção das barragens, de modo que é instaurada uma metáfora discursiva entre os termos Vale/empresa e vale/verbo, que vem de valor. Além disso, o uso da *hashtag* #Vale reúne

materialidades discursivas de todos os *tweets* com a mesma *hashtag*, o que produz sentidos de denúncia.

Este funcionamento está consonante com o pensamento de Silveira (2015, p.66) de que “a *hashtag* pode funcionar como um dos instrumentos das práticas políticas no contexto das mídias sociais digitais”. Nas materialidades analisadas neste trabalho, até o presente momento, é possível perceber este funcionamento das *hashtags* para tomadas de posição. Vimos que a *hashtag* #ValeAssassina, que compõe as SDs 2 e 11, produziu sentidos de culpabilização da Vale S.A., enquanto que a *hashtag* #Brumadinho instaurou sentidos de denúncia, na SD 2, mas materializou o discurso empresarial, de apoio à Vale S.A., nas SDs 1 e 11. Isso mostra que embates discursivos e disputas de sentido fazem parte do funcionamento das *hashtags*, podendo ser observados, nas materialidades agregadas, tanto discursos como contradiscursos em confronto.

Na formulação da SD 17, as perguntas feitas utilizando a *hashtag* #Vale instauram efeitos de sentido de negligência e ganância da Vale S.A., funcionando, nesta materialidade, uma posição-sujeito ambientalista em confronto com a assumida pela Vale S.A., e são produzidos efeitos de sentido de que a empresa se importa somente com a questão financeira e não com as vidas, uma característica do discurso neoliberal, que valoriza questões econômicas acima das questões sociais (JÚNIOR; KONTZ, 2016). Assim, o discurso com o qual a Vale S.A se identifica é afetado pelo discurso neoliberal.

A financeirização da Vale S.A., que ocorreu a partir da sua privatização, subordina a empresa ao mercado financeiro, pois “a empresa passa a priorizar o desempenho financeiro em vez das atividades operacionais” (TROCATE; COELHO, 2020, p.85). Assim, segundo os autores, a Vale S.A. passa a defender prioritariamente os interesses do mercado financeiro, e as obras são aceleradas de maneira imprudente, conforme o aumento dos preços das *commodities*, ou gastos com manutenção são cortados durante a baixa nos valores.

O enunciador da SD 17, ao considerar que a Vale opera segundo esta lógica, ocupa uma posição-sujeito de repúdio à empresa, produzindo sentidos de que ela deve ser punida financeiramente, retomando o dito popular “doer no bolso”, em que funcionam sentidos de sofrimento por perdas monetárias. E na expressão “tem que pagar” são instaurados sentidos de que a Vale deve pagar judicialmente e financeiramente pelos crimes cometidos.

Abaixo do texto do *tweet* da SD 17, existem duas imagens incorporadas. A primeira é uma captura de tela do *Instagram*, nela há uma imagem do Rio Doce em 2009, com águas claras e um ecossistema saudável, e outra em 2019, com o rio coberto de lama por conta do rompimento da barragem de Mariana. A imagem tem ainda a *hashtag* #10yearschallenge e,

abaixo, sua versão traduzida, #desafiodosdezanos. Este desafio circulou no *Instagram* no início de 2019, ele consistia nos usuários postarem uma foto sua de como estava dez anos atrás e uma *selfie* atual, para compartilhar com os amigos as mudanças físicas ocorridas.

Numa deriva de sentidos, que instaura um processo metafórico nesta materialidade, o desafio foi utilizado para mostrar as mudanças ocorridas no Rio Doce, com sentidos de protesto pelo crime ambiental ocorrido e a falta de punição aos responsáveis. Na captura de tela do *Instagram*, ainda é possível ver o texto “os moradores estão até agora sem uma solução”.

A segunda imagem anexada mostra Brumadinho e Mariana, ambas cobertas por lama. Na relação com a primeira imagem, do #desafiodosdezanos, funcionam sentidos de culpabilização da Vale por ter provocado as mudanças negativas nos últimos anos nas duas localidades. A imagem de Mariana devastada pelos rejeitos de mineração e o texto "nada foi feito pelas perdas da barragem em Mariana" fazem irromper um efeito de memória, que produz sentidos de impunidade e negligência para o rompimento da barragem em Brumadinho. Também, a semelhança entre o que aconteceu nas duas cidades instaura sentidos de reincidência no mesmo modo de operação criminoso.

A próxima sequência discursiva, embora tenha sido feita um dia depois do *tweet* que constitui a SD 17, faz parte da mesma discussão, ocorrida em resposta ao anúncio que a Vale S.A fez no *Twitter* sobre o rompimento da barragem de Brumadinho. Vejamos:

**Figura 18** - SD 18 – Comentário digital ao anúncio da Vale S.A.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088855974646071296>. Acesso em: 18 mar. 2020.

A SD 18, assim como a SD 17, é uma resposta ao anúncio da Vale S.A. sobre o rompimento da barragem de Brumadinho. Da mesma forma que na materialidade anterior, a imagem desta postagem também foi publicada primeiro no *Instagram* e depois passou a circular no *Twitter*. A regularidade desta circulação entre diferentes redes sociais nos permite perceber

que as fronteiras entre as diferentes mídias digitais são finas, há uma integração das formulações que circulam na internet, tudo está conectado, porém, é importante notar que, discursivamente, a mudança entre uma rede e outra faz diferenças nos sentidos de uma materialidade. De acordo com Dias (2018, p.29), o digital é constituído pela sua circulação, o que afeta diretamente a produção de sentidos, assim, “o meio em que certos dizeres vão circular é também determinante de sua formulação” (DIAS, p. 159). Nesse sentido, uma publicação feita no *Instagram*, por exemplo, produz sentidos diferentes ao circular no *Twitter*. Além disso, Galli (2012, p. 1), ao tratar da fluidez da web, afirma que “sob a ótica da análise do discurso, cada re-leitura produz a emergência de sentidos outros”. Desta forma, podemos entender que, mesmo dentro da mesma mídia digital, novos sentidos são instaurados cada vez que uma materialidade é “re-produzida”.

O *tweet* da SD 18 traz uma pintura do Guardados em Guardanapos, um perfil de *Instagram*, da ilustradora Andréa Franklin Queiroz Alves. A pintura, feita em um guardanapo, mostra uma figura humana sentada de olhos fechados e coberta de lama. A lama é mais escura na parte de baixo do desenho e vai clareando em direção a cabeça da figura, até que surge uma flor. Embaixo da ilustração, há uma frase “a lição não valeu?”, na qual o “v” é feito com o símbolo da empresa Vale S.A.

Na imagem, há uma figura humana que produz sentidos de vítimas do rompimento da barragem de Mariana, enquanto que a lama, que vai ficando mais clara e dando lugar a uma flor, instaura sentidos de passagem do tempo. Já o texto traz uma deriva de sentidos de “vale” para “valeu”. Assim, no jogo discursivo e metafórico, o “valeu” aciona a memória da Vale S.A. e do rompimento da barragem de Mariana, o que é reforçado pelo símbolo da empresa formando o “v”. Desta forma, na relação da imagem com o texto, o acontecido em Mariana é discursivizado como uma lição, e, por ser uma lição não cumprida, funcionam efeitos de sentido de negligência, de que apesar do tempo decorrido e das vítimas afetadas, a Vale não aprendeu com o ocorrido. Assim, funciona, nesta materialidade, um efeito de memória que produz sentidos de que o rompimento da barragem em Brumadinho é um resultado da Vale não ter aprendido a lição em Mariana.

Vejamos, agora, a próxima sequência discursiva, que apresenta uma charge que circulou no *Twitter*:



**Jornal Hoje em Dia**  
@jornalhojeemdia



#BrumadinhoMG | Charge do Lute deste sábado (26)

Translate Tweet



11:40 AM · Jan 26, 2019 · TweetDeck

**1.4K** Retweets and comments **3.3K** Likes

Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/jornalhojeemdia/status/1089155998982569987>. Acesso em: 29 jul. 2020.

A SD 19 é composta por um *tweet* publicado no perfil do *Hoje em Dia*, um tradicional jornal mineiro que manteve uma edição impressa entre fevereiro de 1988 e agosto de 2019, passando, então, ao formato exclusivamente digital<sup>37</sup>. A postagem traz uma charge de Lute, chargista e editor de imagens do jornal. Na publicação, é possível ver dois quadros idênticos de locais devastados por lama, a única diferença entre as imagens é o nome das cidades: Mariana e Brumadinho. Entre os dois quadros, a imagem é assinada com a *fanpage* do autor no *Facebook*, o que indica que ela também circulou naquela mídia. Acima dos quadros, está escrito “Jogo dos

<sup>37</sup> HOJE em Dia encerra sua versão impressa e anuncia novos conteúdos. **Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais**. 2019. Disponível em: <http://www.sjpmg.org.br/2019/09/hoje-em-dia-encerra-versao-impressa-e-anuncia-novos-conteudos/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

3 anos de erros”.

Na materialidade, funciona um deslizamento de sentidos entre “jogo dos sete erros” e “jogo dos 3 anos de erros”, em um efeito polissêmico, que, segundo Orlandi (2012), é quando acontece um deslocamento e sentidos diferentes são instaurados pelo equívoco da língua. No jogo dos sete erros, duas imagens quase idênticas são apresentadas com sete modificações que as diferenciam, desafiando o jogador a identificar estes “erros”. Já no “jogo dos 3 anos de erros”, apresentado na materialidade, é produzido um movimento de sentidos e o número deixa de indicar a quantidade de erros e passar a funcionar como medida de tempo, instaurando sentidos de que os erros aconteceram continuamente neste período. Além disso, as imagens são iguais, instaurando uma paráfrase e produzindo efeitos de sentido de impunidade e reincidência, já que os erros são repetidos sem que haja qualquer mudança e levam aos mesmos resultados.

Assim, o enunciador da SD 19 ocupa uma posição-sujeito ambientalista, em oposição à posição-sujeito ocupada pela Vale S.A. Funcionam, nesta materialidade, sentidos de que, nos poucos mais de três anos entre o rompimento da barragem de Mariana e o de Brumadinho, aconteceu uma sucessão de erros. Porém, neste período, representantes Vale S.A. fizeram pronunciamentos assegurando que o que aconteceu em Mariana não se repetiria. Vejamos, na próxima SD, como a memória de uma destas declarações foi retomada:

**Figura 20** - SD 20 – *Tweet* da Folha de S. Paulo



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:  
<https://twitter.com/folha/status/1088882181542432769>. Acesso em: 29 jul. 2020.

A SD 20 apresenta um *tweet* da *Folha de S. Paulo*, o jornal de maior circulação no país<sup>38</sup>, publicado poucas horas após o rompimento da barragem de Brumadinho. A postagem traz o lema que foi adotado pelo presidente da Vale S.A., Fábio Schvartsman, na sua posse como CEO em 2017. Há também um link para uma matéria do jornal sobre o tema e uma foto do executivo

<sup>38</sup> VERPA, D. Com crescimento digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros. **Folha de S. Paulo**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>. Acesso em: 02 ago. 2020.

falando em um microfone, com o nome Vale desfocado ao fundo.

Nesta SD, o sentido é constituído na relação entre a memória discursiva do rompimento da barragem Mariana e o rompimento em Brumadinho ocorrido no dia da publicação do *tweet*. Se esta mesma publicação fosse feita no dia anterior, funcionariam efeitos de confiabilidade e de compromisso. Porém, mesmo não sendo mencionado na formulação, a memória do rompimento da barragem de Brumadinho altera os sentidos da materialidade, passando a funcionar sentidos de desconfiança em relação à Vale S.A., de modo que o enunciador da SD 20 ocupa uma posição-sujeito de oposição àquela assumida pela Vale S.A.

De acordo com Pêcheux (1999), um acontecimento discursivo desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior, de forma que, seguindo este pensamento, os sentidos sobre o rompimento da barragem de Mariana, que estavam em um processo de regularização, são perturbados pelo acontecimento discursivo do rompimento da barragem de Brumadinho. Assim, a retomada da formulação “Mariana nunca mais” põe em circulação, na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, um efeito de memória. Cabe ressaltar que a memória, conforme Indursky (2003), lacunar, possibilita a deriva de sentidos, ressignificações, dessa forma o “nunca mais”, nesta materialidade, passa a funcionar com sentidos de falsas promessas quando confrontado com a atualidade. E, na imagem postada, o desfoque no nome da Vale produz sentidos de algo oculto, encoberto, sem clareza, discursivizando a empresa como não confiável.

Vejamos, agora, um *tweet* que foi feito nos comentários desta postagem:

**Figura 21** - SD 21– Comentário digital ao *tweet* da Folha de S.Paulo



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/folha/status/1088882181542432769>. Acesso em: 29 jul. 2020.

A formulação da SD 21 se inicia com o mesmo lema apresentado na SD 20: “Mariana nunca mais”. Porém, acontece uma deriva de sentidos e, aqui, através do efeito metafórico de polissemia, o sentido de “nunca mais” funciona de forma diferente. Em vez de “nunca mais vai acontecer”, há efeitos de sentido de que o crime ambiental já foi concluído em Mariana, e, agora,

o mesmo está sendo feito em Brumadinho. Também funcionam efeitos de sentido de reincidência e de um modo de operação contínuo, onde o mesmo crime ambiental vai ser feito em uma próxima cidade. Portanto, o enunciador da SD 21 ocupa uma posição-sujeito em oposição à assumida pela Vale S.A.

Além da formulação “Mariana nunca mais”, outras declarações do presidente da Vale foram retomadas em outros comentários, como pode ser observado na SD seguinte.

**Figura 22** - SD 22– *Tweet* do biólogo Luiz Bento



**Pós-doutor em treta**  
@luizbento

Mal caratismo em três atos: com vocês, o CEO da Vale Fabio Schvartsman. Em 2017 seu lema era "Mariana nunca mais", em 2018 ele afirmou que as barragens da Vale eram "impecáveis". E em 2019 fala que Brumadinho foi um "acidente".

[Translate Tweet](#)

**NEGÓCIOS** ASSINE

Empresas Mineração

10/04/2018 às 14h52

**Hoje o estado das barragens é 'impecável', afirma o presidente da Vale**

Por Renato Rostás | Valor

SÃO PAULO - As barragens da Vale...

O presidente da Vale, Fabio Schvartsman, disse nesta sexta-feira, 25, em entrevista à Globo News, que era com imenso pesar que confirmava o rompimento da barragem do Córrego do Feijão, no...

Época Negócios Online  
Época Negócios Online  
25 Jan 2019 - 18h52 | Atualizado em 25 Jan 2019 - 18h52

7:50 PM · Jan 25, 2019 · [Twitter for Android](#)

6 Retweets 9 Likes

3 6 9

Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/luizbento/status/1088916958840586240>. Acesso em: 30 jul. 2020.

A SD 22 é constituída por um *tweet* de Luiz Bento, pós-doutor em biologia pela UFRJ

e blogueiro de divulgação científica. A partir desse lugar social, funcionam atravessamentos do discurso científico, do discurso de divulgação científica e do discurso digital. A materialidade retoma a memória de três declarações de Fabio Schvartsman: a primeira traz o lema “Mariana nunca mais”, feita em 2017; a segunda conta com uma afirmação feita em 2018, definindo o estado das barragens como impecável; e a terceira, feita horas antes, em que o presidente da Vale se refere ao rompimento da barragem de Brumadinho como um acidente. Pela análise da materialidade, é possível observar que o enunciador da SD 22 ocupa uma posição-ambientalista, em oposição ao lugar discursivo do qual fala a Vale S.A.

Na formulação, as declarações são metaforizadas como “mal caratismo em três atos”. Ao utilizar o termo “ato”, as falas do presidente da Vale S.A. são discursivizadas como um espetáculo, uma ficção, algo sem valor de verdade. E estas mentiras seriam intencionais, decorrentes de um caráter ruim da empresa e pelas determinações do discurso neoliberal.

Na SD 22, o confronto entre a atualidade do rompimento da barragem de Brumadinho e o discurso que funciona nas duas primeiras falas de Fabio Schvartsman produz um efeito de sentido de falsidade, já que houve um novo rompimento semelhante ao de Mariana, o que mostra que as barragens não estavam impecáveis. Por conseguinte, nesta materialidade, funciona um sentido de que a terceira declaração também é falsa, de modo que o rompimento da barragem de Brumadinho é discursivizado não como acidente, mas como crime ambiental.

Além disso, na expressão “imenso pesar” materializada pelo presidente da Vale S.A. para se referir ao rompimento da barragem de Brumadinho, funciona um efeito de cinismo, pois, como foi visto na análise da SD 10, os executivos da Vale S.A. sabiam da possibilidade do rompimento desde 2017. Conforme observam Baldini e Di Nizo (2015), o cinismo, na perspectiva da AD, é uma prática ideológica. Na esteira desse pensamento, Batista (2019, p. 74) afirma que “é pela interpelação da ideologia que o sujeito materializa seu discurso e assume uma posição cínica”. Dessa forma, na SD 22, o sujeito, interpelado pela ideologia e identificado com o discurso empresarial, ocupa uma posição-sujeito cínica, que produz sentidos de indiferença e falsidade em “imenso pesar”.

Assim como nas SDs anteriores, é possível observar que o rompimento da barragem de Brumadinho desloca os sentidos da memória discursiva sobre o rompimento da barragem de Mariana e dos pronunciamentos que foram feitos a respeito do assunto, produzindo um efeito de memória. Este efeito, conforme explica Courtine (2009), é caracterizado pelo retorno de uma formulação na atualidade de uma conjuntura discursiva, assim, ele provoca a movimentação dos discursos, na articulação entre o interdiscurso, que o autor vai chamar de eixo vertical, e o intradiscurso, eixo horizontal. Dessa forma, o efeito de memória, segundo Indursky (2003),

rememora, atualiza e ressignifica. Neste funcionamento, a memória de Mariana constitui o sentido do que houve em Brumadinho, pois, como explana Mittmann (2003, p.7), “a memória é constitutiva de qualquer discurso” e, também, a “memória é a relação de discursos”.

Nas análises das SDs 17 a 22, foi possível observar que, pelo equívoco da língua (PÊCHEUX, 2006), funcionam várias derivas de sentido com o nome da empresa Vale S.A., com deslocamentos para questionar o valor monetário das vidas perdidas e se os erros cometidos não tiveram valor de aprendizado.

Também, pode-se perceber que as características do *Twitter* interferem nos sentidos, o que é exemplificado pelo uso de *hashtags* como um ato político (SILVEIRA, 2015). Além disso, ficou explícito que as fronteiras entre as redes sociais são tênues, pois foi verificado que materialidades do *Instagram* e do *Facebook* também circularam no *Twitter*. Deste modo, é possível observar que as redes sociais, do modo em que são estruturadas, facilitam a circulação e, com a possibilidade de postagens e incorporações de mídias geradas em outras plataformas, promovem esta integração, de forma que estas diferentes redes se enlaçam, graças a algumas peculiaridades técnicas similares, o que produz efeitos de ser uma só teia; mas quando tomadas discursivamente, percebemos que essa teia é altamente complexa e intrincada.

Assim, nas sequências discursivas, os principais sentidos instaurados foram de culpabilização da Vale S.A. pela reincidência, pelos erros continuados, negligência e ganância.

Dado o exposto, foi possível verificar que, sob o jogo de relações do interdiscurso e intradiscurso (COURTINE, 2009), os implícitos sobre o rompimento da barragem de Mariana são reinscritos no discurso sobre o episódio de Brumadinho e instauram efeitos de memória que atualizam sentidos da negligência da Vale S.A. Desse modo, as SDs desse recorte instauram confrontos discursivos e materializam uma posição-sujeito de denúncia à reincidente negligência da empresa.

### 3.4 Nos fios das tramas analíticas – RECORTE IV

Neste último recorte, apresentamos a análise de dez sequências discursivas (SDs 23 a 32) constituídas de *tweets* das seguintes mídias jornalísticas: **Portal G1**, **Mídia NINJA** e **O Antagonista**, além de sete **comentários** de internautas publicados em respostas a essas postagens. Vejamos a SD 23:

**Figura 23** - SD 23 - *Tweet* do portal G1



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/g1/status/1088931117149966337>. Acesso em: 24 out. 2019.

A SD 23 apresenta um *tweet* do *G1*. Um dos critérios para escolha desta materialidade foi pelo fato de o *G1* ser considerado um portal abrangente, que representa a grande mídia. Segundo Mittmann (2009, p. 1), a grande mídia “serve ao poder político-econômico como instrumento de controle da circulação de discursos e, portanto, controle da interpretação para a perpetuação desse poder”. A autora também destaca que empresas como Globo, Terra e UOL compartilham uma mesma voz, tendo, inclusive, textos semelhantes sobre alguns fatos.

O *tweet* publicado pelo *G1* materializa a fala do General Hamilton Mourão (PRTB) sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, ele fala a partir do lugar social de vice-presidente da República. Conforme Pêcheux (1997), os lugares ocupados em uma formação social estão representados nos processos discursivos, funcionando nas formações imaginárias. Orlandi (2012) esclarece que não são os sujeitos físicos e nem os lugares empíricos que funcionam no discurso, mas as imagens que os sujeitos projetam de si e dos seus interlocutores, destacando que “são essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição” (ORLANDI, 2012, p. 40). Assim, o termo “a gente” na SD 23 materializa o discurso estatal do governo federal, no qual funciona uma posição-sujeito de omissão das responsabilidades governamentais, ao negar a responsabilidade sobre a “conta” do rompimento da barragem.

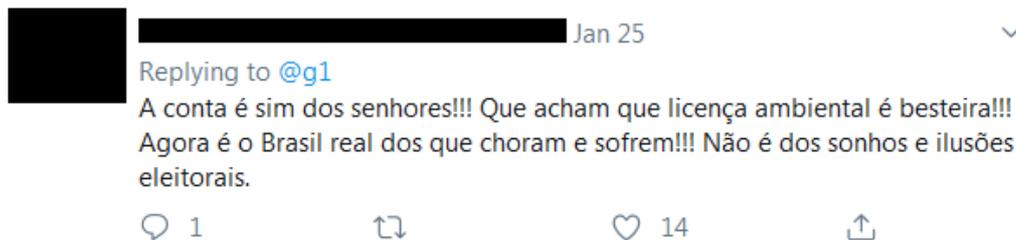
É importante notar o uso da expressão “conta”, que produz vários efeitos discursivos e silencia outros sentidos. Assim, o termo “conta” materializa efeitos de sentido de culpa pelo rompimento, já que, havendo culpado, não seria um acidente, mas um crime ambiental; a “conta” produz ainda muitos outros efeitos, a exemplo das diversas consequências do rompimento (sociais, ambientais, financeiras...). Desse modo, o General Mourão ocupa uma

posição-sujeito de descaso em relação às mortes, aos feridos, às vítimas, às perdas e aos danos, ao tratar desses desdobramentos como uma “conta” numérica.

Assim, no dito de que a conta não pode vir para “*a gente*”, funciona um não-dito de uma suposta isenção de culpa do governo pelo ocorrido e, por essa razão, este não deve arcar com as consequências. Ou seja, funciona um efeito de que o governo deve afastar-se dos supostos problemas instaurados com o rompimento da barragem, já que “não é da sua conta”, um já dito com efeitos de isenção de responsabilidades. Tal efeito de afastamento também funciona no uso do pronome demonstrativo “essa”, usado para se referir ao que está longe.

A SD 24 e a SD 25, que serão apresentadas em seguida, são constituídas de *tweets* de resposta à postagem da SD 23. Vejamos:

**Figura 24** - SD 24 – Comentário digital

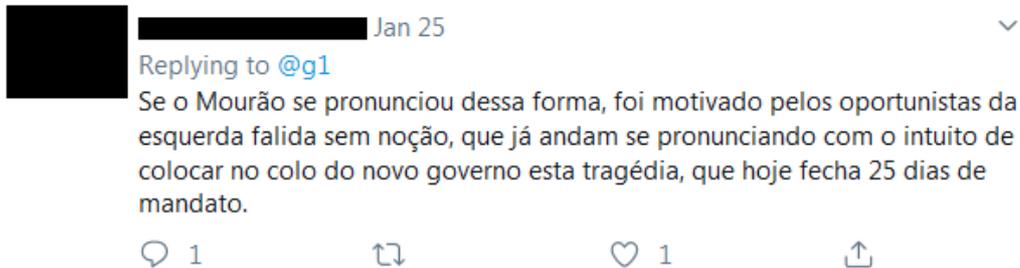


Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/g1/status/1088931117149966337>. Acesso em: 24 out. 2019.

No primeiro comentário (SD 24), funciona uma posição-sujeito de contestação à indiferença e ao descaso do governo, sentidos materializados no discurso estatal, inscrito na fala de Mourão. No comentário da SD 24, o rompimento é discursivizado como uma questão social, com sentidos de choro e sofrimento, e materializa efeitos de sentido de que o governo é também responsável pelo ocorrido, por defender a liberação do licenciamento ambiental<sup>39</sup> e a diminuição do rigor exigido, visando beneficiar o setor empresarial. Nesta SD, funciona ainda efeitos de sentido que contrastam a situação do sofrimento atual com o período eleitoral, então discursivizado em algumas materialidades com sentidos de sonhos e ilusões.

<sup>39</sup>“Bolsonaro diz que licença ambiental atrapalha obras e que vai acabar com 'capricho' de fiscais”. **Folha de S. Paulo**, 13 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/12/bolsonaro-diz-que-licenca-ambiental-atrapalha-obras-e-que-vai-acabar-com-capricho-de-fiscais.shtml>. Acesso em: 01 de nov. 2019. Ricardo Salles defende mais agilidade no licenciamento ambiental”. **Exame**, 1 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/ricardo-salles-defende-mais-agilidade-no-licenciamento-ambiental/>. Acesso em: 01 nov. 2019.

**Figura 25 - SD 25 – Comentário digital**

Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/g1/status/1088931117149966337>. Acesso em: 24 out. 2019.

Já o comentário seguinte (SD 25) discursiviza o rompimento como uma “tragédia” e materializa uma posição-sujeito de defesa ao discurso estatal inscrito na fala do Mourão, como também produz efeitos de culpabilização a supostos “oportunistas da esquerda”, os quais estariam atribuindo a culpa da “tragédia” ao governo. Desse modo, também produz efeitos de que qualquer formulação com sentidos de crítica e descaso ao governo pela “tragédia” parte do lugar da esquerda política.

A SD seguinte foi publicada na Mídia NINJA. Vejamos:

**Figura 26 - SD 26 – Tweet da Mídia NINJA**



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1088926176192724992>. Acesso em: 24 out. 2019.

A SD 26 apresenta um *tweet* da rede de mídia alternativa Mídia NINJA. Conforme Mittmann (2009), o advento da web 2.0 provocou mudanças nas configurações midiáticas e alguns leitores “se dividem entre os acessos às mídias dominantes e às mídias alternativas” (MITTMANN, 2009, p. 1), de forma que as mídias alternativas fazem circular discursos diferentes dos que funcionam na grande mídia. A Mídia NINJA é uma rede de jornalismo alternativo que, segundo pesquisa de Rodrigues, Becker e Pinheiro (2016, p. 14), tem uma atuação parcial, “buscando defender os valores de esquerda e contrários aos interesses corporativos”. Sobre a questão da parcialidade, a Mídia NINJA esclarece em seu *website* que defendem “abertamente a parcialidade enquanto um princípio de nosso trabalho, por acreditar que nenhuma construção humana é capaz de ser imparcial” (MÍDIA NINJA, 2020, n.p.).

O *tweet* da Mídia NINJA, apresentado na SD 26, é constituído de uma charge, do cartunista Gilmar, na qual o presidente Jair Bolsonaro é arrastado por um mar de lama, enquanto afirma que “somos o país que mais preserva o meio ambiente”. Esta fala é retomada do

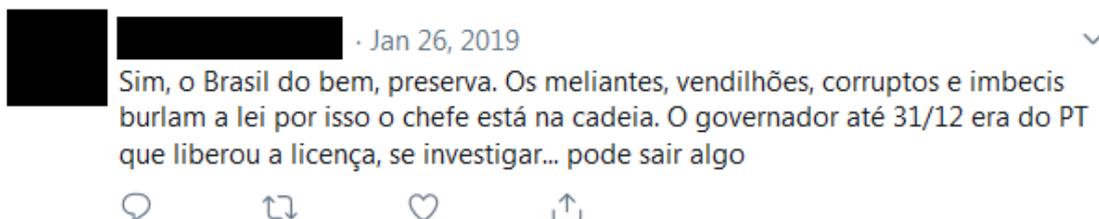
pronunciamento feito por Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial em Davos na Suíça<sup>40</sup>, três dias antes do rompimento da barragem de Brumadinho.

No entanto, na charge apresentada, é instaurada a metáfora discursiva, e a formulação “somos o país que mais preserva o meio ambiente” funciona com um sentido diferente. De acordo com Pêcheux (1995), pelo funcionamento da metáfora o mesmo significante pode ter sentidos distintos. Dessa forma, a fala de Bolsonaro é retomada na materialidade da SD 26 com um outro sentido, o de que o Brasil não preserva o meio ambiente. Assim, o equívoco é produzido pela ironia, que é utilizada para “recusar o dizer do outro por considera-lo absurdo” (DOROW, 2001, p.91).

Da mesma forma, a formulação do *tweet*, é finalizada com a expressão “talkey?”, um bordão usado com frequência pelo presidente, mas funcionando na materialidade de maneira irônica. Para Dorow (2001, p. 101), o discurso irônico, na perspectiva da análise de discurso pecheuxtiana, é “uma forma de analisar o enunciado dividido que encaminha para a coexistência de posições-sujeito antagônicas, influenciado pelo inconsciente e pelo ideológico”. Assim, a posição-sujeito bolsonarista que funciona na afirmação de Bolsonaro em Davos de que “somos o país que mais preserva o meio ambiente” é confrontada, através da ironia, pelas posições-sujeito ambientalista e antibolsonarista, ocupadas pelo enunciator da charge publicada pela Mídia NINJA.

Nos comentários do *tweet* apresentado, acontecem também outros confrontos entre discursos, como pode ser visto na SD seguinte.

**Figura 27 - SD 27 - Comentário digital**



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

<https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1088926176192724992>. Acesso em: 24 out. 2019.

No *tweet* da SD 27, é instaurada a evidência de sentido em “Brasil do bem”. O

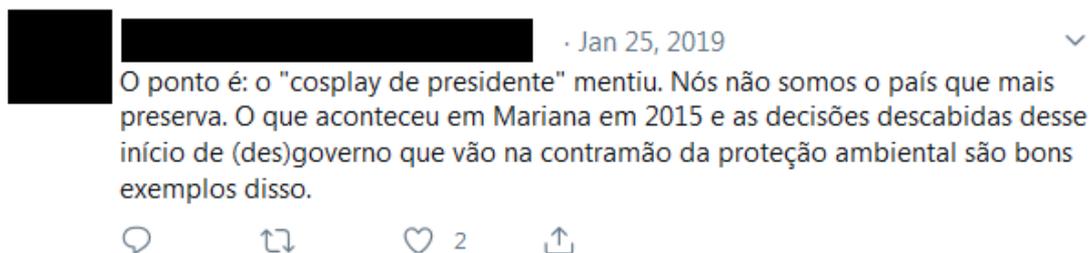
<sup>40</sup> MENDONÇA, H. Bolsonaro em Davos em 4 pontos: reformas, meio ambiente, ideologia e direitos humanos. **El País**. 2019. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/politica/1548175604\\_469971.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/politica/1548175604_469971.html). Acesso em: 15 jun. 2020.

comentarista desta materialidade ocupa uma posição-sujeito antipetista, para a qual os únicos que burlam a lei são comandados pelo chefe que está na cadeia, em uma referência ao ex-presidente Lula, assim, os petistas e eleitores de Lula seriam o “Brasil do Mal”. Da mesma forma, pelo fato de o ex-governador de Minas Gerais ter sido do PT, ele se torna, automaticamente, suspeito e deve ser investigado. A retomada da memória do PT como o partido da corrupção e do mal na atualidade de uma conjuntura discursiva é um efeito de memória, funcionando na relação entre o interdiscurso e o intradiscorso (COURTINE, 2009).

É instaurado também um confronto discursivo entre a posição-sujeito antipetista que está inscrita na SD 27 e a posição-sujeito antibolsonarista que funciona SD 26. Este embate discursivo é instaurado pelo viés da ironia. Conforme Batista (2019), “a ironia, no âmbito discursivo, deve ser pensada pelo viés das posições-sujeito no discurso”. Assim, a SD 27 materializa o discurso antipetista e discursiviza o governo Bolsonaro como Brasil do bem, ou seja, o enunciador ocupa uma posição-sujeito de anuência à FD governista.

Os embates discursivos, funcionam tanto entre as publicações de veículos de mídia e os comentaristas, quanto entre os próprios comentaristas, como pode ser verificado na próxima SD, que apresenta um contra-discurso em resposta a esse *tweet*. Vejamos:

**Figura 28** - SD 28 – Comentário digital



Fonte: <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1088926176192724992>. Acesso em: 24 out. 2019.

O enunciador da SD 28 utiliza a expressão “cosplay de presidente”. Considerando que *cosplay* é uma prática de se fantasiar de um personagem, podemos dizer que o presidente é discursivizado, na SD 28, como alguém que não é verdadeiro. Ao confrontar e deslegitimar o discurso governista inscrito na fala de Bolsonaro, há um atravessamento do discurso científico e ambientalista, pois a declaração de que o Brasil é o país que mais preserva foi contestada por

cientistas e ambientalistas por não refletir a realidade<sup>41</sup>.

Na materialidade, funciona, também, um efeito de memória do discurso sobre rompimento da barragem de Mariana, que aconteceu em 2015, e é discursivizado, aqui, como uma prova de que o Brasil não é o país que mais preserva. É instaurado, também, um jogo metafórico com a palavra “governo”, com uma deriva possível para “desgoverno”, com efeitos de sentido de críticas às ações da gestão Bolsonaro em relação à proteção ambiental. Assim, a SD 28 tem efeito de sentido de culpabilização do “(des)governo”, funcionando uma posição-sujeito antibolsonarista e ambientalista, com críticas ao tratamento da questão ambiental na gestão de Bolsonaro.

Observa-se, então, um embate discursivo nas respostas do *tweet* da Mídia NINJA. Vejamos, agora, duas SDs publicadas pelo Antagonista. A primeira foi postada em seu perfil do *Twitter*, enquanto a segunda é um *tweet* reproduzido em uma matéria do seu site.

**Figura 29** - SD 29 – *Tweet* d’O Antagonista



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

[https://twitter.com/o\\_antagonista/status/1089228483702726658](https://twitter.com/o_antagonista/status/1089228483702726658). Acesso em: 24 out. 2019.

<sup>41</sup> SCHREIBER, M. Cientistas questionam 'guru ambiental de Bolsonaro' que coloca Brasil como líder em preservação. **BBC**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49081586>. Acesso em: 20 jun.2020.

**Figura 30** - SD 30 – *Tweet* de Dilma Rousseff reproduzido no site d'O Antagonista



Fonte: captura de tela do site O Antagonista. Disponível em:

<https://www.oantagonista.com/brasil/dilma-assinei-decreto-que-considera-natural-desastres-como-rompimento-de-barragens>. Acesso em: 24 out. 2019.

A SD 29 é composta de um *tweet* d'O Antagonista, um site de mídia considerada alternativa identificado editorialmente com a direita<sup>42</sup>. Conforme salienta Becker (2007), a mídia alternativa, no campo teórico, não precisa, necessariamente, estar relacionada ao anticapitalismo, ao pensamento antiempresarial e à outras posições tradicionalmente ligadas à esquerda e aos movimentos sociais, no entanto, historicamente, as mídias alternativas no Brasil tem relação com o campo progressista, o movimento operário, a resistência à ditadura, apresentando um jornalismo de caráter militante e de posicionamento. Consonante com este pensamento, Jorge Filho (2018, p.7), ao traçar um histórico do jornalismo alternativo no Brasil, afirma que a mídia alternativa é "frequentemente vinculada a organizações políticas ou grupos constituídos em torno de ideários políticos de esquerda". Porém, o autor ressalta que, contemporaneamente, com o surgimento das redes digitais:

Grupos, organizações, partidos e jornalistas de direita, desde os neoliberais até os conservadores, mantêm sites, blogs e perfis em redes nos quais oferecem interpretações radicalizadas à direita, dizendo-se alternativos a um a mídia hegemônica que consideram esquerdista. (JORGE FILHO, 2018, p. 12).

Nessa perspectiva, tanto sites como a Mídia NINJA, quanto O Antagonista, que, editorialmente, identificam-se com posições opostas no espectro político, podem ser

<sup>42</sup> MAINARDI, D.; SABINO, M. Diogo Mainardi + Mario Sabino, os antagonistas. **O Antagonista**. 2020. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/sobre/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

considerados de mídia alternativa.

Na publicação d'O Antagonista da SD 29, aparece uma citação da ex-presidenta Dilma Rousseff, afirmando que assinou um decreto que considera rompimento de barragens um desastre natural. Há um link incorporado para uma matéria no site d'O Antagonista e, também, a prévia do link, na qual se lê que a ex-presidenta usou o *Twitter* naquele sábado, 26 de janeiro de 2019, para falar sobre o decreto que foi assinado em 2015. Já a SD 30 é constituída pelo referido *tweet* de Dilma Rousseff, da maneira que ele é apresentado na matéria do site O Antagonista, que é *linkada* no *tweet* da SD 29.

Observando a SD 30, é possível verificar que os editores d'O Antagonista suprimiram informações do *tweet*, como a data, quantidade de *likes* e *retweets* recebidos. Ao ocultar informações, o site silencia sentidos do *tweet* original, conforme Orlandi (2007, 102), “impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso”. Nessa perspectiva, a supressão de informações do *tweet* produz outras significações, com outra direção de sentidos que compromete a índole da ex-presidenta. Além disso, a SD 29 apresenta o *tweet* da SD 30 de forma fragmentada e fora de contexto, a frase “em 2015, assinei decreto que considera natural desastres como rompimento de barragens” é citada sem o “em 2015”, o que produz um efeito de sentido de atualidade do dito em relação ao rompimento da barragem de Brumadinho. Desta forma, a frase de Dilma Rousseff, retomada na materialidade da SD 29, funciona com efeitos de sentido de que a ex-presidenta considera o rompimento como natural, produzindo um efeito de culpa à Dilma e efeitos de sentido de isenção da Vale S.A. pelo “desastre”, por este ser discursivizado como natural.

O que se observa é que, ao fragmentar a fala da ex-presidenta e apresentá-la fora de contexto, a materialidade da SD 29 faz funcionar o discurso das *fake news*. Conforme Gruzd e Recuero (2019), as *fake news* são notícias com falsidade total ou parcial, que utilizam a narrativa jornalística para intencionalmente enganar ou criar percepções falsas na propagação de informações.

No *tweet* da SD 30, a enunciadora Dilma Rousseff ocupa a posição-sujeito de repúdio e denúncia ao discurso d'O Antagonista pela prática de *fake news* (SD 29) em relação ao teor do decreto<sup>43</sup> assinado pela então presidenta, em 2015, visto que o decreto é discursivizado, na SD 29, com sentidos de desastres naturais para o rompimento de barragens. Entretanto, a SD 30 contrapõe o enunciado *fake*, ao produzir sentidos de que o decreto foi necessário naquele

---

<sup>43</sup> BRASIL. **Decreto nº 8.572 de 13 de novembro de 2015**. Altera o Decreto nº 5.113, de 22 de junho de 2004, que regulamenta o art. 20, inciso XVI, da Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, que dispõe sobre o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS. Brasília, DF, nov. 2015.

momento, a fim de viabilizar ajuda emergencial aos atingidos por rompimentos de barragem, por meio do saque do FGTS. Assim, na materialidade da SD 30, funcionam sentidos de atenção às vítimas de Brumadinho, o que é corroborado pelo uso da *hashtag* #SOSBrumadinho, que circulou na época do rompimento como um pedido de socorro para as vítimas.

A SD 29, por ser constituída de uma citação do *tweet* apresentado na SD 30, produz uma evidência de que está materializando o mesmo sentido da SD 30, porém, devido às modificações que foram feitas, é possível observar, ao analisarmos as materialidades, que os sentidos são bem distintos. Enquanto na SD 30 funcionam sentidos de evitar as *fake news*, com uma posição-sujeito de repúdio a quem as espalha, na SD 29, funciona um efeito de verdade e de adesão às *fake news*.

O Antagonista se filia ao discurso jornalístico, em que há uma evidência de isenção e neutralidade. No entanto, conforme Dela-Silva (2015, p. 230) "enquanto prática discursiva, o jornalismo não se faz de fatos, mas de gestos de interpretação". Estes gestos de interpretação podem ser observados em todas as mídias jornalísticas, sejam alternativas ou da grande mídia. No caso da SD 29, os gestos de interpretação incluem escolha do trecho do *tweet* a ser citado, que faz funcionar uma posição-sujeito antipetista, de repúdio ao governo Dilma Rousseff. Até mesmo pelo O Antagonista optar por apresentar o *tweet* citado como captura de tela em seu site, os sentidos da publicação da ex-presidenta Dilma são alterados, pois o *Twitter* oferece a possibilidade de incorporação das matérias com outros sites. Assim, *O Antagonista* poderia ter incorporado o *tweet* de Dilma Rousseff diretamente em seu site, ou poderia ter *retweetado* a publicação original em seu perfil. Mas ao publicar uma captura de tela com dados suprimidos e a citação retirada do contexto, a mídia *O Antagonista* exerce controle que afeta as discursividades, produzindo efeitos de sentido de culpabilização da ex-presidenta, pois o discurso materializado na SD 29 produz efeitos de atualidade da assinatura do decreto de 2015, resultando, assim, em um efeito de verdade à notícia falsa, engrossando as *fake news* midiáticas.

Analisemos, agora, um comentário digital produzido em resposta ao *tweet* d'O Antagonista exposto na SD 29.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

[https://twitter.com/o\\_antagonista/status/1089228483702726658](https://twitter.com/o_antagonista/status/1089228483702726658). Acesso em: 24 out. 2019.

O *tweet* apresentado na SD 31 foi feito em resposta à publicação do Antagonista, que constitui a SD 29. Nesta materialidade, o internauta ocupa uma posição-sujeito antipetista e de repúdio a ex-presidenta Dilma; é possível observar que, pelo efeito de verdade da *fake news* apresentada na SD 29, funcionam, na SD 31, sentidos de que o decreto, por considerar rompimento de barragem como desastre natural, isenta a Vale S.A de responsabilidades legais.

Na formulação da SD 31, funciona, também, um efeito de memória na denominação de Dilma como “Anta”, retomando um sentido que funcionou bastante nas mídias digitais na discursivização de ex-presidenta; o termo “Anta” é um pré-construído do discurso humorístico, que materializa sentidos de deboche e desrespeito, pois, quando aplicado a pessoas, produz sentidos de que estas são incapazes. Conforme indicado por pesquisa de Fonseca-Silva e Luz (2017), funciona nas redes sociais um discurso de ódio à ex-presidenta Dilma Rousseff, como efeito do funcionamento da posição-antipetista. As ofensas identificadas pelas autoras são relacionadas à sexualidade, gênero, posição ideológica e incapacidade intelectual. Assim, funciona um imaginário discursivo de Dilma como incapaz intelectualmente, que é retomado, na SD 31, em um efeito de memória, pelo termo “Anta”. Dessa forma, nesta materialidade, funciona não somente posição-sujeito antipetista, mas também a posição-sujeito que discursiviza Dilma como incapaz. Este funcionamento é afetado pela memória e pelo efeito de verdade da *fake news* apresentada na SD 29.

Os discursos que circulam nos comentários das postagens d’O Antagonista parecem apresentar uma voz única do discurso de direita, no entanto, mesmo entre sujeitos que se identificam com a mesma ordem discursiva, existem diferenças, heterogeneidade, como pode ser visto na próxima SD.

**Figura 32** - SD 32 - Comentário digital



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em:

[https://twitter.com/o\\_antagonista/status/1089228483702726658](https://twitter.com/o_antagonista/status/1089228483702726658). Acesso em: 24 out. 2019.

Embora o nome de usuário tenha sido editado nesta SD para manter a privacidade do internauta, cabe salientar que continha o termo “*right way*” (do inglês “caminho da direita”, tradução nossa). O que indica que o sujeito-internauta se identifica com o discurso da direita. Porém, conforme Orlandi (2012, p.42): “Não é no dizer em si mesmo que o sentido é de esquerda ou de direita, nem tampouco pelas intenções de quem diz”. A autora ressalta que é preciso analisar as condições de produção, a relação com a memória e as posições no discurso, para compreender o processo discursivo e saber se um dizer é de direita ou de esquerda.

Na SD 32, são instaurados sentidos de contestação à manchete d’O Antagonista, apresentada na SD 29, que é discursivizada como uma mentira. Assim, o enunciador da SD 32 ocupa uma posição-sujeito em repúdio às *fake news*. A publicação da SD 32 é também constituída por um outro *tweet* incorporado do mesmo autor. No *tweet* incorporado, acontece o atravessamento do discurso jurídico, com o decreto sendo *linkado* para dirimir dúvidas sobre a questão. No decreto, é possível ler que o rompimento de barragens só é tratado como desastres naturais para fins de saque do FGTS (BRASIL, 2015). E, conforme apurado por agências de checagem de notícias, não isenta a Vale S.A. de responsabilidades (MORAES, 2019).

Os discursos que circulam nos comentários das postagens d’O Antagonista, em sua maioria, parecem apresentar uma voz única, no entanto, mesmo entre sujeitos que se identificam com a mesma ordem discursiva, existem diferenças, heterogeneidade, como pôde ser visto na SD 32.

As análises mostraram que os gestos de interpretação das mídias jornalísticas afetam os

sentidos dos discursos inscritos nas materialidades, seja na grande mídia ou na mídia alternativa. Foi possível observar também efeitos da memória, retomando questões como o rompimento da barragem de Mariana e ações de governos passados. Além disso, em algumas SDs, funcionou uma retomada metafórica com efeitos de ironia, alterando os sentidos dos dizeres.

O jogo de interesses econômicos está intrincado ao discurso ambiental, que se materializa nas discussões sobre o rompimento da barragem de Brumadinho no *Twitter*. Nessa trama, o discurso neoliberal, que defende os interesses empresariais, produz a evidência de sentidos de desastre, tragédia, mas funciona, também, a resistência discursiva no discurso ambiental.

Além disso, a posição-sujeito de descaso do discurso governista em relação ao meio ambiente instaura um embate com a posição-sujeito ambientalista, de modo que foi possível observar uma posição-sujeito que culpabiliza os governos petistas pelos problemas ambientais. Assim, conforme Cortes (2015), as mídias digitais funcionam como uma arena discursiva, um lugar de embates ideológicos. Nas SDs analisadas, instaura-se uma disputa de narrativas, com efeitos de sentido em tensionamento, funcionando sobre um mesmo acontecimento a partir de posições-sujeito antagônicas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Canta passarinho, canta que de Mariana foi pra Brumadinho  
Canta passarinho, canta, canta pro amigo que perdeu seu ninho  
Canta passarinho, canta, um canto de tristeza por cantar sozinho  
Canta passarinho, canta, e faz nascer um novo Sol em Brumadinho*  
Renato Goetten

Conforme assinalamos na introdução deste trabalho, as questões que nortearam o nosso percurso nesta investigação foram as seguintes: “Como funcionam os discursos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho nas materialidades da rede social *Twitter*? Considerando as condições de produção e circulação desses discursos, que efeitos de sentidos são instaurados no processo discursivo? Que formações discursivas e quais redes de memórias atravessam essa trama, e como funcionam as posições-sujeito?”

Na tentativa de buscar as respostas, estabelecemos como objetivo geral: analisar o funcionamento dos discursos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho nas materialidades da rede social *Twitter*, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de filiação pecheuxtiana. E como objetivos específicos: i) analisar as relações de forças e de sentidos que constituem as condições de produção dos discursos, considerando também as especificidades do discurso digital e da rede social *Twitter*, onde circulam esses discursos; ii) analisar, considerando o jogo de forças da memória, os efeitos de estabilização parafrástica e de polissemia que se instauram no processo discursivo; iii), analisar as formações discursivas que atravessam e constituem a trama discursiva acerca do rompimento da barragem de Brumadinho, buscando compreender as determinações, e a movimentação dos sujeitos e dos sentidos (ditos e não ditos) instaurados no processo discursivo.

Dessa maneira, ao produzir um efeito de conclusão para essa trajetória, é possível constatar que as análises das sequências discursivas apresentadas neste trabalho nos permitiram atingir os objetivos propostos. Embora não tenhamos respostas “exatas” para as questões estabelecidas, como vimos, as nossas hipóteses se confirmaram ao longo do percurso analítico. Através dos nossos gestos de interpretação, pudemos observar diferentes efeitos de sentido, acerca do rompimento da barragem, produzidos sob as condições do espaço digital. Nos embates discursivos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, em materialidades da rede social *Twitter*, identificamos intensa movimentação de sentidos, com a instauração da metáfora discursiva, tanto com efeitos parafrásticos, de retorno do mesmo, quanto polissêmicos, com deslizamento de sentidos.

Foi constatado que funciona, nesta teia discursiva, uma disputa de/por sentido entre acidente/tragédia e crime, conforme as diferentes posições-sujeito que os enunciadores ocupam, sendo instaurado o questionamento da evidência de sentido dos termos tragédia e acidente, que são confrontados com efeitos de sentido de culpabilização e intencionalidade, produzindo um deslizamento de sentidos e efeitos de polissemia para crime ambiental. Isso é possível devido à não transparência da linguagem, na qual o sentido não é evidente, tendo em vista que este, como explana Orlandi (2012b, p. 47) é constituído pela ideologia, “é uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história”. Isto nos permite confirmar a nossa primeira hipótese, de que essa trama discursiva funciona sob tensões e disputas de/por sentidos entre acidente/desastre/tragédia e crime.

A nossa segunda hipótese, de que as condições de produção e de circulação do discurso digital afetam e determinam as discursividades, por ser um espaço profícuo para as circulações-confronto, também foi confirmada. As análises mostraram que o *Twitter*, enquanto mídia digital, tem características que afetam a produção de sentidos. Os recursos desta rede, como a possibilidade de interlocução direta, por meio de comentários digitais, instauram distintas posições discursivas, fazendo funcionar discursos e contradiscursos.

Entre as possibilidades da rede, foi possível constatar que os sujeitos-usuários do *Twitter* se subjetivam através de curtidas e *retweets*. O primeiro é usado unicamente para se subjetivar na mesma posição do enunciador de um *tweet*, enquanto o segundo pode ser usado tanto para anuência com um discurso, quanto para produzir os deslocamentos de sentidos e a resistência. As *hashtags* também instauraram discursos distintos nas materialidades analisadas. Entre os funcionamentos observados deste recurso digital, está a agregação de notícias sobre um mesmo tema, tomadas de posição e a instauração de efeitos metafóricos.

Além disso, dentre as formulações que compõe as SDs analisadas, foi observada a heterogeneidade das mídias que circulam pelo *Twitter*; as materialidades coletadas são constituídas de textos verbais, vídeos, músicas, imagens e links, instaurando uma complexa rede não só de significantes, mas de sujeitos, de sentidos.

Como vimos, as discursividades que buscamos analisar neste trabalho se inscrevem em textos curtos, um efeito do imediatismo do formato de *microblogging* do *Twitter*, que disponibiliza apenas 280 caracteres por publicação, mas foram observadas, também, *threads* que ligavam um grande número de *tweets* em um texto maior. Uma outra característica observada no funcionamento do *Twitter* diz respeito à circulação. Foi possível identificar materialidades circulando entre as diferentes mídias, como o *Facebook*, *YouTube* e *Instagram*. Isso mostra que as fronteiras entre as redes sociais são tênues e possibilita não só o

funcionamento de efeitos técnicos, como a integração entre as diferentes mídias digitais, mas, sobretudo, intensifica a célere circulação dos discursos e de seus efeitos.

Nossa terceira hipótese era que, sob o jogo de forças da memória, se instauram no processo discursivo, tanto os efeitos de estabilização parafrástica como a polissemia e deslocamentos de sentidos. Esta hipótese se mostrou confirmada, pois foi observado que, neste jogo de forças sob a memória, a materialização de novos sentidos sobre o rompimento instaurou um acontecimento que desregulou implícitos e estabilizou/desestabilizou sentidos sobre o rompimento da barragem. Constatamos que as memórias do rompimento da barragem de Mariana foram atualizadas pelo rompimento da barragem de Brumadinho, ao mesmo tempo em que a memória do episódio ocorrido em Mariana afetou os sentidos sobre o rompimento em Brumadinho.

Outros efeitos de memória foram observados nesta trama discursiva, como a retomada de sentidos de repúdio ao PT e de decisões tomadas por políticos petistas, que foram relembradas em um efeito de memória que instituiu sentidos de culpabilização do partido e dos seus apoiadores. Houve, também, um efeito de memória que retomou formulações do presidente Jair Bolsonaro e do ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, instaurando sentidos de que os membros do governo defendem uma política antiambientalista e são, também, culpados pelo acontecido em Brumadinho.

Ainda foi observada uma disputa pelas memórias do rompimento da barragem em Brumadinho, na qual sujeitos identificados com saberes da FD empresarial, com a mesma posição-sujeito assumida pela Vale S.A., em cujo discurso funciona a política de esquecimento (INDURSKY, 2015), com gestos de silenciamento das responsabilidades da empresa sobre o rompimento.

Ao mesmo tempo, na trama discursiva digital, também observamos o funcionamento do discurso antagônico, pois alguns internautas se identificam com a mesma posição-sujeito inscrita no discurso dos familiares das vítimas, instaurando sentidos de resgate da memória, para manter em circulação a memória das vidas perdidas no rompimento, a memória da negligência da Vale e a conseqüente responsabilidade penal dessa empresa.

Por fim, a quarta hipótese levantada na introdução deste trabalho foi de que a teia discursiva sobre o rompimento da barragem de Brumadinho é atravessada por diversas formações discursivas. Tal hipótese se confirmou, pois constatamos o funcionamento de distintas FDs, a exemplo das FDs midiática digital, estatal, neoliberal, ambiental e científico, além de atravessamentos da FD do senso comum, sobretudo nos comentários digitais. Esse emaranhado de fios discursivos instaurou uma intensa movimentação e tensionamento dos

efeitos de sentido e das posições-sujeito no processo discursivo em pauta. As análises das materialidades mostram diferentes discursos em funcionamento, em confrontos e alianças; nesses embates discursivos, destacamos uma posição-sujeito identificada com a Formação Discursiva empresarial, em aliança com o discurso neoliberal, que produz sentidos de isenção de culpa da Vale S.A. pelo rompimento e que discursiviza o rompimento da barragem de Brumadinho a partir de questões financeiras.

Nos discursos que circulam nesta FD, observa-se um efeito parafrástico entre acidente e tragédia, com efeito de acaso e não-intencionalidade. Em oposição a este discurso, identificamos que funciona uma posição-sujeito afetada pelo discurso ambiental, em aliança com o discurso científico, segundo os quais o rompimento da barragem configura-se como crime ambiental. Nesta trama discursiva, foi observado, também, um embate entre esta posição-sujeito ambientalista e uma posição-sujeito identificada com o discurso estatal governamental, em que circulam sentidos de descaso com o meio-ambiente. Além disso, foi possível identificar uma posição-sujeito antipetista, que produz sentidos de repúdio a políticos do PT e de culpabilização destes por todos os problemas ambientais. O funcionamento do discurso midiático nas materialidades produziu diversos sentidos. Pôde-se observar que, nas materialidades contendo formulações da grande mídia, eram instaurados, majoritariamente, sentidos de apoio à Vale S.A, com um atravessamento do discurso empresarial, enquanto que as materialidades de redes de mídias alternativas apresentavam um discurso mais heterogêneo. Todos os discursos citados na hipótese deste trabalho foram observados funcionando na teia discursiva do rompimento da barragem de Brumadinho, além de outros, como o discurso jurídico e o discurso religioso, que, em algumas materialidades, instauraram efeitos de culpa ou isenção de responsabilidade da Vale S.A.

Dado o exposto, concluímos que nossas hipóteses foram comprovadas e que as nossas análises suscitem maiores reflexões sobre o acontecido, na esperança de que o conhecimento trazido pela ciência auxilie na conscientização da importância da responsabilidade social e ambiental, para que, casos como o de Brumadinho não voltem a ocorrer.

O rompimento da barragem de Brumadinho completou dois anos em 25 de janeiro de 2021 e, ao longo deste período, muitos desdobramentos em relação ao fato aconteceram. A CPI criada para investigar a ocorrência concluiu que a Vale S.A. sabia dos riscos do rompimento da barragem e não apenas foi negligente quanto aos relatórios que informavam os problemas existentes, como fez cálculos para quantificar quanto seria gasto, caso a barragem arrebentasse, o que mostra, de maneira técnica, que não se tratou de um acidente. O relacionamento entre a empresa e os familiares das vítimas foi conturbado neste período, pois a Vale S.A. deixou de

cumprir compromissos acordados entre as partes, o que resultou em inúmeros protestos e uma disputa que ainda está sendo travada em vias judiciais.

Outro ponto que, durante estes dois anos, chama a atenção é o impacto financeiro que a empresa recebeu após o rompimento. Enquanto nas primeiras semanas o valor de mercado da Vale S.A. caiu vertiginosamente, com o passar do tempo, a empresa recuperou todo o valor financeiro, tendo entregado aos seus acionistas grandes bônus por performance ainda no ano do rompimento. Além disso, a empresa gastou uma alta quantia em marketing, tendo causado revolta, visto que o valor gasto neste tipo de comunicação foi maior do que o empregado para indenizar vítimas.

Além destes, outros desdobramentos do que aconteceu em Brumadinho circularam nas mídias digitais, instaurando outros embates discursivos além dos que foram analisados neste trabalho. No entanto, devido às limitações cronológicas desta pesquisa, foi necessário, em determinado momento, focar a análise no *corpus* já coletado, produzindo um efeito de fechamento.

Esperamos que os resultados desta pesquisa possam contribuir para ampliar a compreensão não só dos efeitos de sentidos da discursivização do rompimento da barragem de Brumadinho na rede social *Twitter*, como também dos efeitos sociais, ambientais e jurídicos desse crime.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. P. **Reformas Neoliberais no Brasil**: a privatização nos Governos Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso. Orientadora: Sônia Regina de Mendonça. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2010.
- BALDINI, L. J.; DINIZO, P. L. O Cinismo como prática ideológica. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, vol. 13, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1305>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- BATISTA, G. A. **A discursivização espetacularizada da política brasileira em memes**: metáfora, imaginário e efeitos-sentidos. Orientadora: Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2019.
- BECKER, M. L. Mídia alternativa: antiempresarial, anti-industrial, anticapitalista? In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5, São Paulo, 2007. **Anais [...]** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Midia%20alternativa%20antiempresarial-%20anti-industrial-%20anticapitalista.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- BÍBLIA, N. T. João. In: BÍBLIA. Português. **Almeida Corrigida e Fiel**. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995. n.p.
- BOYD, D. M; ELISSON, N. B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, vol. 13. p. 210-230, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Relatório final da comissão parlamentar de inquérito do rompimento da barragem de Brumadinho**. Brasília, DF, 2019.
- BRASIL. **Decreto nº 8.572 de 13 de novembro de 2015**. Altera o Decreto nº 5.113, de 22 de junho de 2004, que regulamenta o art. 20, inciso XVI, da Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, que dispõe sobre o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS. Brasília, DF, 2015.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CIC. **Catecismo da Igreja Católica - Compêndio**. Vaticano, 2005. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html#MOTU%20PROPRIO](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html#MOTU%20PROPRIO). Acesso em: 23 out. 2020.
- COELHO, T. P. **Mineração e dependência no quadrilátero ferrífero-aquífero**: o discurso do desenvolvimento minerador e o Projeto Apolo. Orientador: Carlos Eduardo Rebello de Mendonça. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

COELHO, T. P. **Projeto Grande Carajás: Trinta anos de desenvolvimento frustrado**. Rio de Janeiro: Ibase, 2014.

CORTES, G. R. O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica**. Orientadora: Evandra Grigoletto. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2015.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009.

DELA-SILVA, S. (Des)construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. In: FLORES, G.B.; NECKEL, N.R.M.; GALLO, S.M.L. (Orgs.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2015. p. 231-232.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. In: **REDISCO - Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**. Vitória da Conquista, 2016. vol. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**. São Paulo, vol. 44, n. 3, p. 972-980, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030/611>. Acesso em: 10 fev. 2020.

DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (dis)curso [online]**, vol.11, n.3, p.631-648, 2011. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/824/763](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/824/763). Acesso em: 10 fev. 2020.

DOROW, C. M. F. Ironia: um estudo sob óticas diferenciadas. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (Org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p. 75-104.

ÉPOCA. Redes sociais refletem revolta com a tragédia. **Época**. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/redes-sociaisrefletemrevolta-com-tragedia-23405192>. Acesso em: 02 de agosto de 2020.

FERNANDES, F.R.C.; ARAUJO, E.R. Mineração no Brasil: crescimento econômico e conflitos ambientais. In: **Conflitos ambientais na indústria mineira e metalúrgica**. Rio de Janeiro: CETEM/CICP, 2016. n.p. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br/handle/cetem/1909>. Acesso em: 30 de set. 2020.

FGV. **Com 3,95 milhões de tuites em três dias, discussão sobre desastre em Brumadinho cobra responsabilização da Vale**. FGV/DAPP. 2019. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/com-395-milhoes-de-tuites-em-tres-dias-discussao-sobre-desastre-em-brumadinho-cobra-responsabilizacao-da-vale/> Acesso em: 01 ago. 2019.

FIGUEIRÔA, S. F. de M. **Mineração no Brasil**: aspectos técnicos e científicos de sua história na Colônia e no Império (séculos XVIII-XIX). **América Latina en la Historia Económica**, vol. 1, n. 1, p. 41-55. 1994.

FONSECA-SILVA, M. C.; LUZ, M. B. **Discurso de ódio em manifestações verbais sobre Dilma Rousseff**. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 69, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2920\\_1d68cfb748022086966ba02448472d465.pdf](http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2920_1d68cfb748022086966ba02448472d465.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

FURTADO, C. **A formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

GALLI, F.C.S. As dobraduras do discurso. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 32, p. 13-17, jan./mar. 2012.

GALLO, S. L. Sobre a materialidade Digital. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.; SOBRINHO, H. (Org.). **Sujeito, Sentido, RESISTÊNCIA**: entre a arte e o digital. Campinas: Pontes, 2019, vol. 1, p. 185-200.

GERMANY, D. J. **A Mineração No Brasil**. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos–CT Mineral: Secretaria Técnica do Fundo Setorial Mineral. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <https://www.finep.gov.br/images/a-finep/fontes-de-orcamento/fundos-setoriais/ct-mineral/a-mineracao-no-brasil.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2005. **Anais [...] Disponível em:** <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

GRIGOLETTO, E. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. In: FLORES, G. G. B.; et al (Orgs.). **Análise de Discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2017. p. 145-169.

GRUZD, A.; RECUERO, R. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no *Twitter*. **Galáxia**, São Paulo, (online), n. 41, maio/ago., 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>. Acesso em: 5 ago. 2020.

GUILBERT, T. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas: UNICAMP, 2020.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIDER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. et al. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 169-191.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso”. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1997, p.11-38.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. L.; FERREIRA, L. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**.

Campinas: Mercado de Letras, 2011, p.67-90.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, vol. 17, n. 35, p. 101-121, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020>. Acesso em: 01 ago. 2020.

INDURSKY, F. Políticas do esquecimento x Políticas de resgate da memória. In: BENEDETTO, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 11-28.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E; CAZARIN, E. (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito & língua**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

JORGE FILHO, J. I. P. Jornalismo alternativo ontem e hoje: histórico e esboço de uma definição. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16, São Paulo, 2018. **Anais [...] Disponível em:** <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1383/876>. Acesso em: 03 mar. 2021.

LESTON JÚNIOR, O. L.; KONTZ, B. L. Uma Leitura Histórica sobre o Neoliberalismo e a Globalização. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. p., 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/leitura.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAYORGA, C. PROFETA, Z. Apresentação: Mais uma barragem se rompe: qual o papel da ciência? **Ciência e Cultura**. vol.72, n.2, p. 16-17, 2020. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v72n2/v72n2a06.pdf>. Acesso em: 1 out. 2020.

MÍDIA NINJA. Perguntas Frequentes. **Mídia NINJA**. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 03 set. 2020.

MITTMANN, S. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3, Belo Horizonte, 2009. **Anais [...] Disponível em:** <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a/a-apropriacao-do-ciberespaco.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

MITTMANN, S. Apresentação do texto Lecture et Mémoire: projet de recherche. SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 1, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2003. **Anais [...] Disponível em:** <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/1SEAD/Paineis/SolangeMittman.pdf>> Acesso em: 02 ago. 2020.

MITTMANN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2, Porto Alegre, 2005. **Anais [...] Disponível em:** <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

MORAES, M. 2019. #Verificamos: Dilma não fez decreto para diminuir responsabilidade em rompimento de barragens. **Agência Lupa**. 2019. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/28/verificamos-dilma-decreto/>. Acesso em: 4 ago. 2020.

MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. O discurso no *Twitter*, efeitos de extermínio em rede. **RUA**, Campinas, vol. 2. p. 77-96, 2011. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/pdf/17-2/5-17-2.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2019.

O'REILLY, T. **Web 2.0 compact definition: trying again**. O'Reilly Radar. 2005. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/2005/10/web-20-compact-definition.html>. Acesso em: 05 de agosto de 2020.

OLIVEIRA, J. Especialista analisa desastre em Brumadinho. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/27/interna\\_gerais,1024953/especialista-analisa-desastre-em-brumadinho.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/27/interna_gerais,1024953/especialista-analisa-desastre-em-brumadinho.shtml). Acesso em: 13 maio 2020.

OLIVEIRA, L. **A discursivização das doenças negligenciadas na mídias digitais**: entre o silenciamento de sentidos e a resistência. Orientadora: Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2020.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, Campinas, vol. 2, n.16, p.6-17, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816>. Acesso em: 23 set. 2020.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P. (Org.); RODRIGUES, S. M. L. (Org.). **Introdução às Ciências da Linguagem**: Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006. p. 13-31.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007.

ORLANDI, E. P. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. **Web revista Discursividade**, Campo Grande, ed. 9, n.p., jan./maio 2012. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

ORLANDI, E. P. Exterioridade e Ideologia. **Cadernos De Estudos Linguísticos**, n. 30, p. 27-33, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v30i0.8637037>. Acesso em: 22 ago. 2019.

ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **RUA**, Campinas, vol. 4, n.1, p. 9-20, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rua.v4i1.8640626>. Acesso em: 23 set. 2020.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? In: **Linguística**: questões e controvérsias. Série

Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 9-26.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZZA, G.; SANTOS, M.; SILVA, T.D. (Orgs). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas: RG Editora, 2012b. p.11-27.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. P. **Papel da Memória**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1999. p.49-57.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Metáfora e Interdiscurso. In: ORLANDI, E. P. (Org). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 151-162.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: UNICAMP, 1997. p.163-252.

PONTES, N. A. E. **O rompimento da barragem Fundão-MG: questão ambiental e crimes industriais sob a lógica capitalista**. Orientadora: Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2017.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, C. S.; BECKER, B.; PINHEIRO, I. W. R. M. Mídia Ninja: uma história de ciberativismo político durante o impeachment de Dilma Rousseff. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7, Brasília: SBPJor, 2016. **Anais [...]**

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la Investigación**. 2. ed. Buenos Aires: McGraw-Hill, 1998.

SANTOS, L. F. **Padre Fábio de Melo discursivizado nas mídias digitais: sob as tensões da memória, a dispersão de posições-sujeito**. Orientadora: Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2020.

SANTOS, R. A. **O funcionamento discursivo do enunciado “Intervenção Militar Já” nas mídias digitais**: memória, metáfora e efeitos-sentido. Orientadora: Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: UESB, 2020.

SCHREIBER, M. **Cientistas questionam 'guru ambiental de Bolsonaro' que coloca Brasil como líder em preservação**. BBC. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49081586>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVEIRA, J. da. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 6, Porto Alegre, 2013. **Anais [...]** Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHash tag.pdf>. Acesso em: 29 maio 2020.

SILVEIRA, J. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. Orientadora: Maria Célia Cortez Passetti. 2015. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

SOUZA, R. F. **Trabalho e cotidiano na mineração aurífera em Minas Gerais: a Mina de Passagem em Mariana (1863-1927)**”. Orientadora: Maria Helena Pereira Toledo Machado. 2009. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2009.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais**: cases, conceitos, dicas e ferramentas. São Paulo: M. Books, 2010.

TROCATE, C.; COELHO, T. P. **Quando vier o silêncio**: o problema mineral brasileiro. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

VALE. **#Comunicado: Presidente da Vale participa de coletiva de imprensa sobre o rompimento de Barragem**. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vCF2luhZ1Po>. Acesso em: 12 ago. 2019.

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.